

UNIOESTE - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CAMPUS DE FRANCISCO BELTRÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM GEOGRAFIA

CIRINEU RIBEIRO DOS REIS

AGRONEGÓCIO E URBANIZAÇÃO: A RELAÇÃO RURAL-URBANO EM
CASCAVEL/PR

FRANCISCO BELTRÃO

2017

UNIOESTE - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CAMPUS DE FRANCISCO BELTRÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM GEOGRAFIA

CIRINEU RIBEIRO DOS REIS

AGRONEGÓCIO E URBANIZAÇÃO: A RELAÇÃO RURAL-URBANO EM
CASCAVEL/PR

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Geografia de Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Campus de Francisco Beltrão, como requisito para obtenção do título de mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Fernando dos Santos Sampaio

FRANCISCO BELTRÃO

2017

Catálogo na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas - UNIOESTE – Campus Francisco Beltrão

Reis, Cirineu Ribeiro dos
R375a Agronegócio e urbanização: a relação rural – urbano em
Cascavel/PR. / Cirineu Ribeiro dos Reis. – Francisco Beltrão,
2017.

113 f.

Orientador: Prof. Dr. Fernando dos Santos Sampaio.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste
do Paraná – Campus de Francisco Beltrão, 2017.

1. Urbanização. 2. Economia. 3. Agroindústria. I.
Sampaio, Fernando dos Santos. II. Título.

CDD – 338.17361098162

Sandra Regina Mendonça CRB – 9/1090

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – MESTRADO/DOCTORADO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

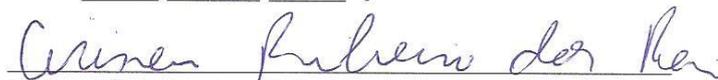
AGRONEGÓCIO E URBANIZAÇÃO: A RELAÇÃO RURAL-URBANO EM
CASCAVEL/PR

Autor: Cirineu Ribeiro dos Reis

Orientador: Prof. Dr. Fernando dos Santos Sampaio

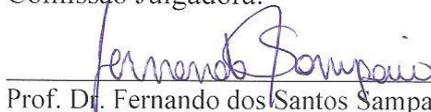
Este exemplar corresponde à redação final da
Dissertação defendida por Cirineu Ribeiro dos Reis e
aprovada pela comissão julgadora.

Data: 04 / 04 / 2017

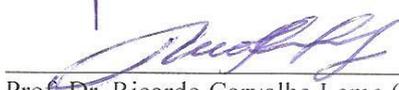


Cirineu Ribeiro dos Reis

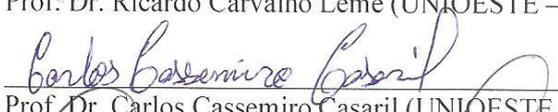
Comissão Julgadora:



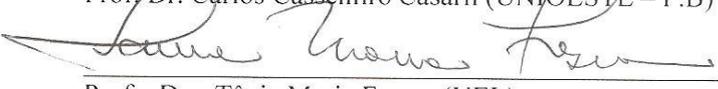
Prof. Dr. Fernando dos Santos Sampaio (UNIOESTE – F.B)



Prof. Dr. Ricardo Carvalho Leme (UNIOESTE – F.B)



Prof. Dr. Carlos Casemiro Casaril (UNIOESTE – F.B)



Prof. Dra. Tânia Maria Fresca (UEL)

Francisco Beltrão - PR
2017

Dedico esse trabalho aos meus pais Joaquim Ribeiro do Reis (em memória) e Maria Conceição dos Reis, pela dedicação para educar seus filhos.

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa é fruto de trabalho e esforço individual, a vontade de produzir conhecimento para progresso da ciência. No entanto, seria impossível a realização deste, se não houvesse a colaboração direta ou indireta de outras pessoas, a contribuição que vem através de suas caminhadas acadêmicas, fazendo da produção científica um propósito e se dedicado para o avanço da humanidade. Além da produção acadêmica, as relações de convivência, amizade, familiar, profissional, a vida cotidiana em sociedade servem como um suporte psicológico emocional, atuando como incentivo para o bom andamento da pesquisa.

Correndo o risco de esquecer de alguém neste espaço será relatado o agradecimento direcionado para pessoas e entidades que contribuíram de uma forma ou de outra para a realização desta pesquisa. O desejo, a vontade de prosseguir na vida acadêmica estava latente desde a graduação, a confiança na possibilidade surgiu após um convite para uma especialização no curso de ciências econômicas do campus da UNIOESTE de Toledo. As aulas e convivência com professores e colegas de turma levaram-me a reflexão e a busca por este objetivo, por isso, sou grato a esta instituição, aos professores e colegas de curso.

A maturação da ideia veio com a atividade profissional, as conversas em cursos de formação continuada, sala de professores, sindicato e demais atividades que o exercício do magistério proporcionou. Neste sentido agradeço a Secretaria de Estado da Educação (SEED) representada pelas escolas públicas por onde trabalhei que incentivam a formação profissional e a APP sindicato como entidade que representa os trabalhadores e promove um debate estimulante à pesquisa científica.

Na elaboração do projeto contei com a ajuda do professor Cezar Augusto Lustosa, da professora Ana Paula Beraldo, da professora Silvana da Silva pelos quais tenho gratidão especial.

Pelo incentivo em conversas na sala de professores, nos protestos e manifestações e cursos de formação e por muitas vezes emprestar o ouvido para me escutar agradeço a professora Josiane Macarini e ao professor Osnei Miranda.

Agradeço aos professores do curso de mestrado pela dedicação empenho e profissionalismo que possuem, aliando estas características sem perder o lado humano demonstrado pelo carinho, respeito e compreensão em suas ações. Merece destaque dentre estes o professor Marlon Clóvis de Medeiros que muito contribuiu para este trabalho desde a elaboração do projeto com palavras de incentivo, sobretudo, por suas aulas, com temas

difíceis, consegue transmitir o conteúdo e motivar a busca pelo conhecimento. Além de valiosa contribuição nas conversas informais e especialmente na banca de qualificação.

Desde a aprovação do projeto o professor Carlos Casaril acompanhou, contribuindo com dicas, indicações e correções, às vezes como professor de disciplina outras como colega de turma e como banca. Pela sua dedicação, organização e por passar seus conhecimentos agradeço muito.

Pelo empenho e amor que coloca em suas ações, cultivo profunda admiração pela professora Roseli Alves dos Santos, isto vem desde a graduação, sua trajetória de vida pessoal e acadêmica inspira a mim e a outros, por isso e pela contribuição de suas aulas que ajudaram a refletir sobre a relação entre urbano e rural no capitalismo, neste sentido vai aqui meu agradecimento.

Ao professor Ricardo Carvalho Leme, gratulo por suas aulas e pelas contribuições na banca de qualificação, através destas consegui visualizar e compreender melhor as transformações na paisagem urbana.

Aos colegas de turma remerceio pelos bons momentos de convivência e pelas contribuições que deram em minha formação, no mesmo sentido todos os funcionários da universidade que sempre atenderam com empenho, dedicação e profissionalismo.

Profunda gratidão ao professor e orientador, Fernando dos Santos Sampaio, que durante toda a pesquisa sempre se mostrou disposto a ajudar, otimista, muito inteligente e esclarecedor. E suas aulas sempre atuais e voltadas as necessidades dos alunos matriculados, foi possível direcionar todo o trabalho. Dentre as características de sua personalidade, destaco a humildade, a dedicação e profissionalismo, estas proporcionam a capacidade de ensinar e corrigir, com autoridade.

A minha esposa Jacqueline, pelo apoio e compreensão durante o trabalho, rendo aqui minha homenagem, da mesma forma agradeço aos amigos e familiares que contribuíram de uma forma ou de outra. Um agradecimento todo especial ao casal de amigos Darvan e Quelli Tavares, que sempre me acolheram em sua casa durante as aulas.

“O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência.” Karl Marx.

RESUMO

AGRONEGÓCIO E URBANIZAÇÃO: A RELAÇÃO RURAL-URBANO EM CASCAVEL/PR

O espaço entendido como instância social (Santos, 1993) é a materialidade das ações humanas e vem sendo modificado ao longo da história. O surgimento de novas cidades e seu processo de desenvolvimento está associado a diversos fatores. É possível perceber que o principal deles é o dinamismo de sua economia. O surgimento da indústria foi fundamental para a ampliação do processo de urbanização.

O êxodo rural, intenso na década de 1970, possibilitou um acirrado processo de urbanização no Brasil. Localizada na Mesorregião Oeste do Paraná o município de Cascavel é polo regional e passou por intenso processo de atração populacional que se seguiu nas décadas de 1970, 1980 e 1990. Na década de 1970, a região já despontava com indústria e comércio crescente, especialmente voltado para agropecuária. Hoje, a centralidade de Cascavel na área do agronegócio está relacionada à sua planta agroindustrial e ao fornecimento de agro serviços. A ampliação das cadeias produtivas do agronegócio fez surgir empresas a montante e a jusante da produção agropecuária, intensificando as atividades comerciais e industriais na zona urbana e atraindo a massa populacional. Desenvolvendo outras atividades “fora da porteira” houve uma diversificação dos empregos na cidade.

No período da colonização da Região Oeste, entre 1940 e 1960, a atividade madeireira foi a principal fonte de renda e empregos, também a principal responsável pela fixação de população. Porém isso se alterou, sendo que o agronegócio assumiu este papel. No Brasil o desenvolvimento de um processo de substituição de importação alavancou a economia nacional e formou um forte mercado interno para produtos agropecuários. O desenvolvimento da agropecuária está associado a investimentos públicos em infraestrutura, na implantação de leis e políticas que incentivaram o financiamento privado. A criação de vários órgãos públicos e estatais de telefonia (TELEPAR); energia (COPEL); transporte (DER); pesquisa e extensão (EMATER e EMBRAPA), da mesma forma a garantia de preços mínimos e o Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR) criaram condições para a aplicação dos resultados de “Revolução Verde” e levou o país a passar de um país agrário exportador para urbano industrial. Em Cascavel isso significou mais produção e produtividade na agropecuária e a especialização em serviços voltados ao agronegócio, atendendo as demandas regionais e

desenvolvendo os complexos agroindustriais da soja, milho, frango, suíno, e leite. O desenvolvimento das forças produtivas foi o principal responsável pela urbanização.

Palavras chaves: 1. Urbanização; 2. Agronegócio; 3. Economia; 4. Campo; 5. Cidade.

ABSTRACT

AGRIBUSINESS AND URBANIZATION: THE RELATION BETWEEN RURAL-URBAN IN CASCAVEL /PR

The space understood as a social instance (Santos, 1993) is the materiality of the human action and it has been modified throughout history. The emergence of new cities and their development process is related to several factors. It is possible to notice that the main one is the dynamism of their economy.

The intense rural exodus in the 1970s enabled an intense urbanization process in Brazil. The municipality of Cascavel, located in Western Mesoregion in Paraná, is regional centre and underwent an intense population attraction process. It continued through 1970s, 1980s and 1990s. In the 1970s, the region had already emerged as growing industry and commerce, especially focused on agriculture. Nowadays the centrality of Cascavel in business is related to its agro-industrial and agro-services supply. The expansion of agribusiness supply chains rose companies upstream and downstream of agricultural production. It intensified commercial and industrial activities in urban area and attracted massive population. In addition, there was diversification of jobs in the city.

Logging activity was the main source of income and employment during the colonization process from the 1940s to 1960s. It was also the main factor for retaining population. However, it changed and agribusiness assumed this role. In Brazil, there was a process of import substitution. It improved the national economy and formed a strong internal market for agricultural products. The agricultural development is related to public infrastructure investments and the implementation of law and policies, stimulating private financing. The creation of state-owned telephony enterprise (TELEPAR); energy (COPEL); transportation (DER) research and extension (EMATER and EMBRAPA), guaranteed minimum prices and the National Rural Credit System (SNCR) created conditions for applying results from "Green Revolution". These factors lead the country from agrarian exporter to an urban and industrial society. In Cascavel, It meant more production and productivity in agricultural sector, specialization in services focused on agribusiness, responding to local supply and developing agro industry sector including soybean, corn, chicken, pork and milk. The development of the productive forces was the main responsible for urbanization.

Key words: 1. Urbanization; 2. Agribusiness; 3. Economy; 4. Countryside; 5. City.

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Tabela 01: Evolução do N° de municípios no Paraná, 1950-2010	19
Tabela 02: Crescimento da população urbana de Cascavel, 1960-2010	51
Tabela 03: Receita bruta dos principais produtos da agropecuária do Oeste em 2014 (R\$ bilhões)	57
Tabela 04: Efetivo de galináceos entre 1980 e 2014	60
Tabela 05: Panorama das ferrovias brasileiras em 2015	65
Tabela 06: Cargas transportadas pela Ferroeste entre 2011 e 2015	65
Tabela 07: Quadro - agroindústrias da Coopavel	72
Tabela 08: Quadro - estrutura de desenvolvimento, logística e controle da Coopavel	72
Tabela 09: Ranking do setor agropecuário 2015 segundo revista exame.....	73
Tabela 10: Relação entre população loteamentos e lotes e Cascavel 1960-2015.....	80
Tabela 11: Financiamentos a agropecuária e porcentagem do PIB	81
Tabela 12: Pessoal ocupado em Cascavel 1970 - 1995	82
Tabela 13: Número de estabelecimentos em Cascavel 1970- 1995	84
Tabela 14: População de Cascavel do Oeste e do Paraná 1960 – 2010.....	91
Tabela 15: População urbana de Cascavel, do Oeste e do Paraná 1960 – 2010.....	91
Tabela 16: Efetivo de animais, pecuária de Cascavel 1974 -2002	92
Tabela 17: Pessoal Ocupado de Cascavel 2010-2014 segundo CNAE 2.0	93
Tabela 18: Pessoal Ocupado na indústria e no comércio de Cascavel 2010-2014 CNAE 2.0.	94
Tabela 19: Produção agropecuária de Cascavel segundo anos selecionados e porcentagem referente ao Oeste	96
Tabela 20: População econômica ativa (10 anos e mais)	97
Tabela 21: Total de desligados e admitidos segundo CNAE 2.0 grupo entre 2007 - 2014.....	99
Tabela 22: Principais empresas de Cascavel ligadas ao agronegócio, ramo de atuação e ano de criação	102

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Gráfico do crescimento do N° de Municípios paranaenses com mais de 20 mil e 100 mil habitantes, 1950-2010.	20
Figura 02: Mapa de localização de Cascavel.....	44
Figura 03: Mapa dos principais fluxos migratórios para Cascavel entre 1940 e 1960	49
Figura 04: Fluxograma das atividades urbanas do agronegócio do Oeste Paranaense	56
Figura 05: Mapa das principais vias de transporte do Paraná	63
Figura 06: Mapa da cidade de Cascavel em destaque algumas empresas	79
Figura 07: Mapa da Região Oeste do Paraná.....	84
Figura 08: Mapa da rede de influência de Cascavel em 2007	86
Figura 09: Gráfico da produção agrícola em Cascavel segundo produtos selecionados	87
Figura 10: Gráfico da área plantada, principais cultivos em Cascavel 1973 -2010	88
Figura 11: Gráfico da produção de leite, suínos e bovinos em Cascavel	96

LISTA DE SIGLAS

ABAG – Associação Brasileira de Agronegócio
ABEF – Associação Brasileira dos Produtores e Exportadores de Frango
ABPA – Associação Brasileira de Proteína Animal
ALL – América Latina Logística
BADEP – Banco de Desenvolvimento do Paraná
BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Social
BRF – Brasil Foods
CAGED – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
CAIS – Complexos Agroindustriais
CEASA – Central de Abastecimento Atacadista
CLASPAR – Empresa Paranaense de Classificação de Produtos
CNAE – Classificação Nacional de Atividades Econômicas
CNT – Confederação Nacional de Transporte
CODEPAR – Companhia de Desenvolvimento do Paraná
CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento
COOPAVEL – Cooperativa Agropecuária de Cascavel
COPACOL – Cooperativa Agrícola Consolata
COPASA – Companhia Paranaense de Silos e Armazéns
COPEL – Companhia Paranaense de Energia
CSN – Companhia Siderúrgica Nacional
DER – Departamento de Estradas e Rodagem
DIT – Divisão Internacional do Trabalho
DNER – Departamento Nacional de Estradas e Rodagem
DNIT – Departamento Nacional de Infraestrutura de Transporte
DST – Divisão Social do Trabalho
DTT - Divisão Territorial do Trabalho
EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FDE – Fundo de Desenvolvimento Econômico
FERROESTE – Ferrovia Paraná Oeste
FES – Formação Econômico Social

FSE – Formação Sócio Espacial
IAPAR – Instituto Agrônômico do Paraná
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMS – Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços
II PND – Segundo Plano Nacional de Desenvolvimento
IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
ITC – Instituto de Terras e Cartografia
JK – Juscelino Kubitschek
PEA – População Economicamente Ativa
PIB – Produto Interno Bruto
RAIS – Relatório Anual de Informações Sociais
REGICS – Regiões de Influência das Cidades
SANEPAR – Companhia de Saneamento do Paraná
SEED – Secretaria de Estado da Educação
SNCR – Sistema Nacional de Crédito Rural
TELEPAR – Companhia de Telecomunicações do Paraná

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
CAPÍTULO I.....	28
1 – O COMPLEXO RURAL BRASILEIRO E A PASSAGEM DE AGRÁRIO EXPORTADOR PARA URBANO INDUSTRIAL.....	28
1.1 AGROPECUÁRIA OS CICLOS E A FORMAÇÃO DO MERCADO INTERNO.....	28
1.2 DO CAMPO À CIDADE DO RURAL AO URBANO.....	38
CAPÍTULO II.....	42
2 - A FORMAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL E O DESENVOLVIMENTO DO AGRONEGÓCIO.....	42
2.1 - A REGIÃO OESTE NO CONTEXTO HISTÓRICO NACIONAL.....	43
2.2 A GÊNESE DA CIDADE DE CASCAVEL E O CICLO DA MADEIRA.....	48
CAPÍTULO III.....	53
3 - AGRONEGÓCIO E O DESENVOLVIMENTO DAS FORÇAS PRODUTIVAS EM CASCAVEL.....	53
3.1 A A VICULTURA.....	58
3.2 OS TRANSPORTES.....	62
3.3 A COMIL.....	67
3.4 A COOPAVEL.....	70
3.5 A AGROPECUÁRIA E A URBANIZAÇÃO DA DÉCADA DE 1970 A 2015.....	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFERÊNCIAS.....	108

INTRODUÇÃO

Este trabalho mostra como o agronegócio contribuiu para a urbanização da cidade de Cascavel. Para tanto, a pesquisa descreve o movimento da economia, sob uma perspectiva histórica. A ideia central é analisar, a partir do modo de produção capitalista, e da formação social, como ocorreu o desenvolvimento das forças produtivas responsáveis pela concentração de pessoas e investimentos nesta cidade.

Por meio do trabalho, o ser humano transforma a natureza produz conhecimento que gera novas formas de trabalho desenvolvendo as forças produtivas (aqui entendidas como o trabalho e os instrumentos e máquinas de trabalho). O rural e o urbano são hoje, resultado das relações de produção estabelecidas entre os trabalhadores, seus patrões e a natureza, seja ela transformada ou não, a maneira que ocorre a produção da vida material, ou seja, a agropecuária, a indústria, o comércio, o extrativismo, afetará a configuração espacial, e quem melhor explica essas relações é o materialismo.

O pensamento que se tem sobre determinado objeto ou situação é abstrato, ou seja, é uma ideia que o observador tem, de acordo com o período histórico e as influências que a sociedade provoca nele, mesmo sendo algo concreto. O concreto pensado serve como ponto de partida para chegar ao concreto real.

O concreto é concreto, porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso, o concreto aparece no pensamento como processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, embora seja o verdadeiro ponto de partida e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação. (MARX, 2008, P. 259)

Partindo do concreto, é possível desvendar as causas da cristalização das formas espaciais, ao mesmo tempo identificar o motor ou a essência dos processos. Cascavel está inserida no mundo capitalista. Em um país capitalista a distribuição dos meios de produção e as relações sociais deste modo de produção dão um rumo à pesquisa.

A formação econômico-social (FES) como teoria e método se refere a uma sociedade em particular e não sociedade geral (SANTOS, 1977), “cada sociedade veste a roupa de seu tempo”, a diferenciação entre os conceitos de modo de produção e formação econômico-social no sentido de que o primeiro diz respeito a organização do processo produtivo, já o segundo compreenderia uma estrutura produtiva formada pela sociedade e a natureza. “O modo de produção seria apenas uma possibilidade de realização e somente a FES seria a possibilidade realizada.” (SANTOS, 1977, P. 85), então, os meios de produção (natureza

primitiva e transformada), e as relações de produção (a organização da sociedade), formam a FES. Pode-se dizer, que no estudo da cidade a relação de classes é fundamental para entender sua formação, com isso acredita-se ser possível um bom estudo deste objeto.

À medida que o capital avança sobre o território alterando as relações de produção e modificando as forças produtivas, a divisão do trabalho se intensifica e isso provoca a transformação e redefinição das funções da cidade. A modernização da agricultura cumpre um papel de aumentar as funções urbanas, pois a ampliação da divisão do trabalho transfere ou cria nas cidades uma série de serviços voltados ao campo sem os quais a produção competitiva fica inviabilizada¹.

A relação histórica entre campo e cidade revela a ocorrência de uma separação espacial, muitas vezes uma oposição e constante alteração nas funções atribuídas a cada um destes espaços, o campo produtor de alimentos e matérias primas diversas, antes da entrada do capital fornecia também bens manufaturados. A cidade sede do poder político administrativo e militar, se desenvolveu a partir da dominação do campo, se apropriando do seu excedente de alimentos e praticando o comércio e em um segundo momento desenvolvendo a indústria.

A oposição entre cidade e campo fruto da separação do trabalho industrial e comercial do agrícola (MARX, 1985) ganha novo significado a medida que o capital penetrou na agricultura subordinando-a e aumentando o grau de relacionamento entre o urbano e o rural.

A separação entre agricultura e indústria exerceu influência direta na disputa pelo comando entre o rural e o urbano, a partir deste momento histórico a cidade passou a produzir mercadorias como o campo. As funções urbanas se ampliaram com a urbanização da indústria, pois a cidade passou a produzir bens de consumo e bens de produção aumentando seu poder econômico tendo como consequência a subordinação do campo.

O desenvolvimento capitalista traz em si um viés notável a favor da cidade em prejuízo do campo. Este vai sendo paulatinamente despojado de uma atividade produtiva após outra, até que nele restem unicamente as atividades primárias. (SINGER, 1998 p.116)

O campo e a cidade como espaço têm em sua composição os aspectos físicos e os humanos, assim as relações econômicas e sociais estabelecidas neles se tornam fundamentais

¹ Para maiores informações ver Elias e Pequeno, (2007) que afirmam existir a cidade do agronegócio, originada das mudanças no processo de produção incrementado com a globalização. Santos, (1993) escreve sobre o meio técnico-científico-informacional e a aproximação da cidade e do campo afirmando existir a cidade do campo. Gonçalves, (2012) cita o crescimento de atividades da porteira para fora e o aparecimento de agro serviços com a modernização da agricultura.

para entender os processos decorrentes, a cidade só comanda o campo, quando nela estão presentes os elementos fundamentais para a reprodução do capital, e este se desenvolve na cidade e transforma a atividade agropecuária (predominante no campo) em um ramo da economia e usa como forma de auferir lucro. Em outras palavras o comando do campo ou da cidade depende do interesse do capital, a cada momento histórico um ou outro espaço se torna predominante, no capitalismo atual a cidade desempenha o papel hegemônico.

O espaço urbano, representado pela cidade, nasce como local de comando e comércio da produção advinda do espaço rural, onde se desenvolvia as atividades agropecuárias, a cidade industrial promoveu uma mudança no espaço urbano visto que passou a ter como principal atividade a produção.

A urbanização que não pode ser entendida apenas como uma aglomeração de pessoas em um determinado espaço reduzido engloba a estrutura física, os edifícios, as vias de transporte etc., também pode-se elencar aspectos relacionados a estilo de vida, cultura urbana, no entanto, a concentração de uma estrutura produtiva composta pelo desenvolvimento da ciência, da indústria, do comércio, dos serviços mobilizando capitais e produzindo lucro é um motor propulsor de todo este processo. A partir do trabalho empregado ocorre a produção de conhecimentos, bens e serviços e ocorre um progresso técnico responsável pelas transformações na sociedade. E isso vale para o campo e para a cidade.

Tabela 01: Evolução do Nº de municípios no Paraná, 1950-2010

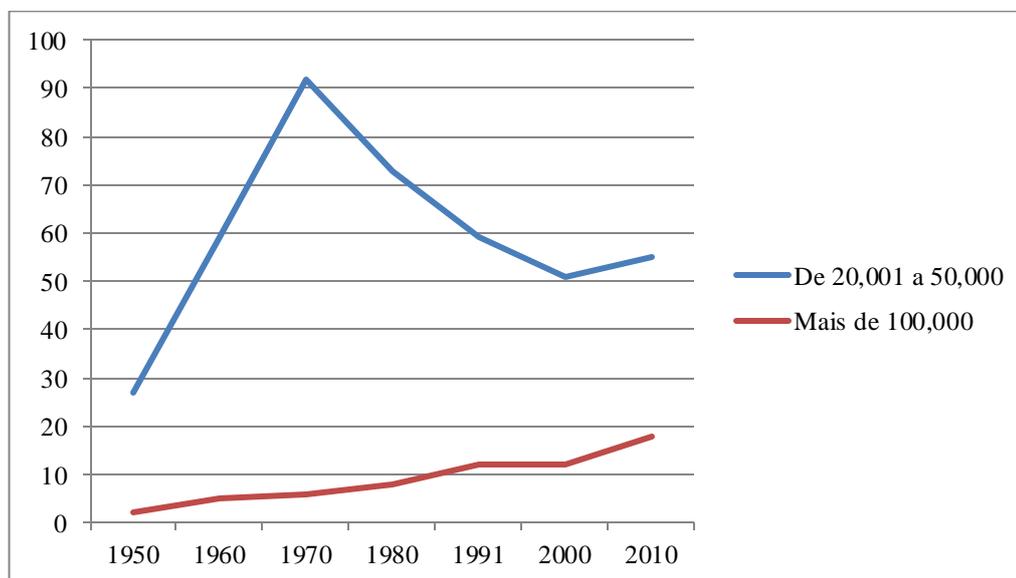
Ano	1950	1960	1970	1980	1991	2000	2010
Nº de municípios	80	162	288	290	323	399	399

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (organizado pelo autor)

No Brasil, a urbanização a partir da década de 1950, aumentou o tamanho das grandes cidades e fez surgir um grande número de cidades médias, formando uma complexa rede urbana, polarizada por São Paulo, onde houve maior desenvolvimento industrial. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Paraná (PR) as cidades com mais de 100 mil habitantes passou de 2 em 1950 para 6 em 1970, isto está associado a industrialização que intensificou a migração para as cidades e a modernização da agricultura que liberou mão de obra. Assim o espaço, entendido como instância social refletindo a materialidade das ações humanas, (SANTOS, 1993) modificou-se ao longo do tempo de acordo com as relações socioeconômicas estabelecidas, formando uma rede de cidades, composta por pólos, seja a Capital Curitiba e as maiores cidades Londrina, Maringá, Ponta Grossa, e Cascavel. Veja na

tabela 01 a evolução do número de municípios do Paraná e no gráfico 01 o crescimento dos municípios com mais de vinte e cem mil habitantes.

Figura 01: Gráfico do crescimento do N° de Municípios paranaenses com mais de 20 mil e 100 mil habitantes, 1950-2010.



Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (organizado pelo autor)

As atividades econômicas desenvolvidas provocam modificações espaciais, a agropecuária, por exemplo, transforma as paisagens através da derrubada de vegetação natural nas áreas de fronteira agrícola. Da mesma forma as atividades comerciais e industriais influenciam no espaço atuando como mola propulsora da urbanização visto que a cidade é organizada visando a reprodução do capital, neste sentido surgem loteamentos e investimentos em infraestrutura urbana.

Diante disso, a população se movimenta, em Cascavel - PR a modernização da agricultura provocou êxodo rural, este processo foi intensificado a partir da década de 1970 e a cidade atraiu estas pessoas que se concentraram formando a principal aglomeração urbana do Oeste Paranaense. Assim surgiram empresas a montante e a jusante da produção agropecuária. O comércio e a indústria voltados para o agronegócio impulsionaram a urbanização, aproveitando a força de trabalho liberada do campo.

De maneira geral isto ocorreu em Cascavel, como esse trabalho demonstra, a aglomeração de pessoas no período da colonização visava a extração de madeira e posteriormente a cidade cresceu em função do desenvolvimento da agricultura, as principais empresas estavam voltadas ao atendimento das necessidades produtivas do momento, ou a população local estava a serviço das madeiras ou da agricultura e atividades ligadas a elas.

No mesmo sentido, a infraestrutura, loteamentos, ruas, casas, escolas, hospitais etc. foram sendo implantados a medida que a demanda crescia em função do desenvolvimento das forças produtivas.

Nas décadas de 1930 e 1940 ocorreu grande fluxo migratório em direção ao Paraná, basicamente duas frentes de ocupação uma chamada paulista pelo norte e outra frente gaúcha pelo sul, Cascavel se localiza no Oeste do Paraná e fica na divisa das duas frentes colonizadoras, (PADIS, 2006) a frente gaúcha foi a que mais influenciou na formação desta cidade, bem como de toda a Região Oeste, a população imigrante tinha origem no Rio Grande do Sul (RS) e Santa Catarina (SC), sendo a maioria destes, descendentes de Alemães e Italianos. Ao migrarem da Europa para o Brasil os antepassados daqueles que viriam formar a base da sociedade local trouxeram conhecimentos utilizados para reproduzir por aqui, bem como para transmitir a seus descendentes, ou seja, a formação social estabelecida no RS e SC produziu reflexos na região onde recebeu imigrantes originários destes estados. Os costumes, a forma de produzir, a organização das propriedades rurais, os hábitos de consumo, a religião, etc. Tudo isso veio contribuir na formação da base da sociedade e produziu reflexos na cidade e no campo.

Na região podem ser encontradas, com grande realce, as marcas características de extensas áreas do Estado gaúcho, quer nas feições de sua gente, quer nos seus hábitos e costumes e, especialmente, na sua atividade econômica. (PADIS, 2006 P. 209)

O crescimento demográfico no campo, no Estado do RS, associado ao desenvolvimento das forças produtivas, provocaram êxodo rural, as cidades gaúchas não conseguiram absorver toda esta população, que migrou para o Paraná onde reproduziram o modelo de economia agrícola relativamente fechada voltada a subsistência (PADIS, 2006). Por outro lado, a presença de uma grande floresta com muita madeira, atraiu empresários do ramo que instalaram suas serrarias e durante um longo período esta foi a principal atividade econômica responsável inclusive pelo crescimento de vários núcleos urbanos a exemplo de Cascavel. Assim nos primeiros anos de sua colonização a cidade teve como função a administração, o comércio e os serviços, destinados aos pequenos agricultores e as indústrias madeireiras, principal atividade econômica, que vendia sua produção para outras cidades, especialmente para São Paulo e Rio de Janeiro. No campo, a extração de madeira e a criação de porcos destinados a comercialização e uma agricultura de subsistência com o excedente comercializado na própria região. Neste período a ligação com outros centros urbanos era dificultada pela precária infraestrutura de transporte e comunicação.

À medida que se esgotava a madeira, enfraquecia a atividade industrial, o Estado investiu em infraestrutura de transporte e a agricultura começou a desenvolver-se. Nada de espontâneo, na década de 1960 são destinados investimentos públicos para estruturar a rede de transporte, porém a política agrícola estruturada é considerada fator fundamental para alavancar a economia de Cascavel. O Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR) criado em 1965 direcionou recursos para a produção mercantil de grãos, o Estado estimulou a formação de cooperativas que intermediavam o crédito, forneciam assistência técnica e comercializavam a produção (PIERUCCINI, 1998). Assim adotou-se o pacote desenvolvido pela “Revolução Verde” combinado com as medidas acima citadas ocorreu a modernização da agricultura. Este processo ocorreu de maneira geral no Brasil com diferenças regionais, no Oeste do Paraná entre 1960 e 1980 provocou intenso êxodo rural, parte desta população migrou para as novas fronteiras agrícolas e regiões metropolitanas (principalmente Curitiba e São Paulo), e outra parte se concentrou em cidades da mesoregião Oeste Paranaense, destacando-se, Cascavel, Toledo e Foz do Iguaçu (RIPPEL, 2005).

Pode-se afirmar que a migração, está intimamente relacionada com o desenvolvimento das forças produtivas no campo, o uso de máquinas, adubos, defensivos agrícolas, etc., que aumentou a produção e a produtividade liberando mão de obra. O que seguiu parte desta população em Cascavel é objeto de pesquisa deste trabalho e é possível dizer que a reestruturação produtiva gerou desemprego no campo, mas ao mesmo tempo criou uma série de oportunidade de investimentos e consequentes postos de trabalho na cidade. Neste sentido, a especialização em serviços de assistência técnica, transporte, armazenamento, comercialização e principalmente na indústria concebeu a Cascavel um fator de atração a população migrante. A aglomeração de pessoas atraiu também inversões na área do consumo de bens duráveis e alimentos.

Como exemplo de especialização, pode se citar a Comil Silos e Secadores Ltda., uma empresa que nasceu como (Conserto e Mecânica Industrial Limitada) prestadora de serviços para as madeireiras no ano de 1957, com o passar do tempo e o desenvolvimento da agricultura nas décadas de 1970 e 1980, modificou seu ramo de atuação e se tornou um grupo empresarial tendo como principais investimentos na cidade a Comil, segunda maior fabricante de silos e secadores do Brasil, Mascarello indústria de ônibus, Mascor incorporadora e imobiliária.²

² Estas informações foram obtidas em entrevistas e coletadas em visita no site do grupo.

Pensando de modo mais amplo, da mesma forma que em todo Brasil a partir da década de 1960 aumentou consideravelmente a produção e a produtividade na agropecuária, em Cascavel o cultivo dos principais produtos agrícolas e a criação de animais, sofreu um acréscimo constante, toda a Região Oeste do Paraná passou por estas mudanças e poucos municípios se urbanizaram. A evolução da tecnologia e sua aplicação na estruturação de meios de transporte e comunicação foram importantes neste contexto, o que se teve foi a concentração de serviços em alguns pontos da rede urbana a partir do qual estes são difundidos.

É importante ressaltar que a relação entre o urbano e o rural, no caso estudado, está condicionada ao movimento da economia nacional e internacional, bem como, está sujeita a influências da formação social, ao desenvolvimento das forças produtivas e relações de produção, ao desenvolvimento tecnológico e a consequente divisão do trabalho. Assim a urbanização não pode ser atribuída a um fator isolado, entre a década de 1940 e 1960, por exemplo, a indústria da madeira estabelecida na cidade foi o principal fator de atração a população urbana, com o seu declínio e o deslocamento de algumas empresas para a região Norte e Centro-Oeste do Brasil, esperava-se um esvaziamento da cidade. No entanto, o desenvolvimento de uma agricultura moderna no período de 1970 a 1980 provocou êxodo rural e passou a ser importante no deslocamento da população para a cidade, aliado a isso a cidade passou a concentrar atividades econômicas voltadas ao atendimento da demanda do campo e conseguiu segurar ou atrair parte da população migrante. A partir de 1980 desenvolveu-se um processo de industrialização e entrada de capital na agricultura que consolidou o processo de modernização e estabilizou o êxodo rural e consequente crescimento urbano.

Partindo do entendimento que os capitais privados e estatais tiveram um papel central no processo de urbanização, a reflexão aqui proposta é baseada na ideia de que nos últimos anos o crescimento do número de cidades médias bem como seu intenso processo de urbanização está ligado às transformações econômicas engendradas a nível global refletindo em uma política nacional, regional e local.

O território brasileiro vem sofrendo modificações espaciais mais intensas que podem ser atribuídas ao desenvolvimento do capitalismo nacional, as paisagens rurais e urbanas se transformam a partir das relações socioeconômicas estabelecidas no espaço e isso se deu:

[...] Pela reestruturação produtiva da agropecuária e da indústria; pela expansão do comércio e dos serviços; pelas novas localizações da indústria; [...] pelos intensos movimentos migratórios, entre outros. (ELIAS e PEQUENO, 2007, P. 26)

A produção agropecuária passou por uma reestruturação em sua base técnica modificando a gestão, comercialização, em algumas áreas de cultivo ocorreu substituição das culturas. Isso está ligado, a aproximação entre indústria e agropecuária, sendo que foi intensificado o uso de máquinas, sementes, ração, adubos, conhecimento científico no processo produtivo, levando a subordinação da agropecuária à indústria. “Como resultado, ocorreu a ampliação da produção agrícola de gêneros alimentícios e matérias-primas.”(FRESCA, 2004, P. 184).

As modificações na organização do território nacional funcionaram como uma superestrutura para o desenvolvimento do capitalismo, neste sentido, o espaço urbano foi fortemente influenciado pelo agronegócio, visto que a proximidade entre urbano e rural, tornou-se característica fundamental. As cidades se tornaram o local de gestão, comercialização e fornecimento de mão de obra, produtos e serviços voltados ao campo. “A gestão do agronegócio globalizado necessita da sociabilidade e dos espaços urbanos.” (ELIAS e PEQUENO, 2007, P. 28).

A modernização da agricultura baseou-se no aporte financeiro do Estado, através do financiamento das indústrias voltadas a agricultura e a partir de subsídios como o crédito rural. Além disso, o desenvolvimento de pesquisas, feito em órgãos públicos, contribuiu para o avanço do conhecimento de técnicas de plantio e melhoramento de sementes, além do emprego intensivo da ciência na produção. Outra contribuição do Estado está no campo da legislação em geral, mas especificamente das leis trabalhistas no setor rural responsáveis por várias alterações importantes, como a aposentadoria rural e a regulação do trabalho temporário.

Segundo Fresca, (2004) no Paraná a partir da década de 1970 a intervenção estatal direcionou investimentos para a agricultura com o objetivo de industrializar, priorizando as agroindústrias e o incentivo a criação de cooperativas, o que contribuiu significativamente para o processo de urbanização. A criação da Cooperativa Agropecuária Consolata (Copacol) em 1963, e posteriormente em 1970 a fundação da Cooperativa Agropecuária Cascavel (Coopavel) possibilitou um maior dinamismo na produção e comercialização dos produtos agropecuários da região.

A Copacol, com sede em Cafelândia (município que pertencia à Cascavel), teve pouca influência na urbanização, a Coopavel, no entanto, tornou-se a principal cooperativa do município, investindo em comercialização de grãos e durante seus 45 anos de existência, desenvolveu um complexo empresarial composto por frigoríficos, fábricas de ração, indústria

de embutidos e derivados de leite, soja, milho e trigo. Com 4.250 produtores associados, a Coopavel empregava em 2014 mais de 3.000 funcionários.³

O processo de emigração, ocorrido a partir da década de 1970 na Região Oeste do Paraná, pode ser atribuído a abertura de novas fronteiras agrícolas nas regiões Norte e Centro-Oeste do Brasil, associado ao esgotamento de áreas de desmatamento neste estado. Assim, ocorreu um intenso fluxo migratório em busca de oportunidade de trabalho principalmente nos estados de Mato Grosso e Rondônia (RIPPEL, 2005). Ao mesmo tempo, a modernização da agricultura e as transformações ocorridas nos meios produtivos, provocaram concentração populacional na cidade de Cascavel (ALVES, 2012; COLLA, 2011; MOURA, 2004), que passou a receber imigrantes, aumentando a aglomeração urbana. Isto ocorreu de maneira geral em grande parte do território brasileiro como mostra Denise Elias, (2003) em seu livro *Globalização e Agricultura*:

A modernização da agricultura, o crescimento do *consumo consumptivo e produtivo* (Santos, 1988e), as novas possibilidades de instantaneidade e simultaneidade da informação e do capital financeiro, o aumento da demanda de trabalho intelectual etc., levam ao fortalecimento e crescimento do número de cidades locais e intermediárias, fazendo avançar a sua urbanização. À medida que a agricultura se modernizava, o número e o tamanho das aglomerações urbanas aumentavam. (ELIAS, 2003, P. 53)

Diferente da maioria dos municípios da região, nas décadas de 70, 80 e 90 do século XX, Cascavel aumentou consideravelmente sua população total conforme dados do IBGE, recebendo imigrantes de municípios da região, oriundos principalmente do campo, procurando emprego na cidade. Dados do Censo 2010 apontam um grau de 94% de urbanização.

O processo de modernização da agricultura no Brasil, considerado conservador, exerceu papel fundamental a medida que o êxodo rural ocorreu muito rápido, não considerando os problemas sociais por ele provocado. Propiciando uma transição sem planejamento, ao mesmo tempo, não modificou a estrutura fundiária. Em Cascavel conforme a tendência do capitalismo, houve concentração de terras e a presença de grandes propriedades (diferente do formato da colonização) é marcante em Cascavel. Ao estudar este processo Adamy (2010) afirma:

³ Informações coletadas em revista da cooperativa edição 401 de dezembro de 2015.

A expropriação de pequenos produtores, o êxodo rural e a concentração das propriedades marcam o novo cenário da estrutura fundiária do município, bem como as relações de poder que passaram a fortalecer, a fração agrária das classes dominantes na região. (ADAMY, 2010, P.64).

A partir disso, o rural e o urbano se entrelaçaram modificando parte do espaço geográfico. Vale lembrar, que pessoas que em sua maioria viviam no campo e passaram a morar e estabelecer relações na cidade, dentre as mudanças destaca-se a moradia em si, o local e a natureza do trabalho. A vida cotidiana se desenvolvia em bairros sem infraestrutura de transporte, saúde, educação e moradia, embora muitos destes problemas já vivenciados nos locais de origem, isto mostra, que o processo aconteceu de forma acelerada e sem planejamento. O trabalho muito concorrido na construção civil, serviços, comércio e indústria na cidade ou o deslocamento diário rumo ao campo para trabalhar como volantes (bóia-fria).

A urbanização que se teve foi acelerada e envolvendo o rural, o urbano, a cidade e o campo, visto que a modernização se deu pelo acréscimo de ciência no processo produtivo, o que demandou uma proximidade entre o rural e urbano. O campo liberou força de trabalho para a cidade, pois como a produção foi mecanizada a exigência de trabalho humano se tornou menor. “As cidades locais mudam de conteúdo. Antes, eram as cidades dos notáveis, hoje se transformam em cidades econômicas.” (SANTOS, 1993, P.56).

A construção das rodovias federais BR 163 e 369 ligando a Região Sul (S) ao Centro-Oeste (CO) e Norte (N) do Brasil, associada a BR 277 que liga o Oeste Paranaense ao litoral, contribuiu para atrair massa populacional, pois, a localização em um entroncamento rodoviário onde passa grande parte da produção regional foi muito bem aproveitada. A partir dessa vantagem locacional, Cascavel tornou-se o principal pólo regional na hierarquia urbana do Oeste Paranaense (ALVES, *Et AL.*, 2007) destacando-se como uma das principais cidades da rede urbana paranaense, irradiado serviços por todo o Oeste onde se destaca.

Até a década de 1970 a madeira era a principal atividade econômica, a partir de então a agricultura mecanizada passou a substituir à exploração madeira, surgindo assim um novo ciclo econômico baseado no binômio soja e trigo, a cidade se preparou para atender a demanda do comércio, da indústria e serviços associados a esta atividade econômica (MARIANO, 2012). Enquanto a maioria dos municípios do Oeste manteve sua base econômica nas atividades do setor primário, Cascavel diversificou investindo em agroindústria e comércio muitas vezes voltado para o agronegócio, elevando-se a uma posição central graças a sua planta agroindustrial e sua estrutura de comercialização e especialização de serviços voltados para a área (MALDANER; LIMA; GRECO, 2007).

A estrutura deste trabalho busca mostrar os resultados da pesquisa e está dividido em três capítulos, no primeiro foi abordado a relação entre o rural e o urbano e como no Brasil o complexo rural se formou e foi desmantelado no processo de transformação de agrário exportador em urbano industrial, ao mesmo tempo a formação de um mercado interno forte e integrado, base do capitalismo nacional.

Na sequência, no segundo capítulo, elaborou-se um breve histórico do espaço em estudo, enfatizando as atividades econômicas responsáveis pela manutenção da vida material e atração de pessoas e capitais. Considerando, a Formação Sócio-Espacial como teoria e método de análise e o agronegócio como principal atividade econômica impulsionadora do processo de urbanização, nesta parte, é trabalhado aspectos da colonização da Região Oeste, contando os antecedentes históricos com o objetivo de identificar fatos e acontecimentos que influenciaram na Formação Sócio-Espacial e que mostram a evolução das forças produtivas, isto até a década de 1960.

O terceiro capítulo relata, o processo de fixação da população urbana e desenvolvimento das forças produtivas voltadas ao agronegócio a partir da década de 1970, pois acredita-se que é neste período que ocorreram as transformações mais significativas. Para tanto, elaborou-se um relato do desenvolvimento das principais cadeias de produção agropecuária e a apresentação de algumas empresas responsáveis pela especialização da cidade em fornecer agro serviços e agroindústrias que englobam atividades urbanas voltadas ao agronegócio. Nesta parte buscou-se trazer exemplos de empresas que investiram e cresceram em Cascavel, fazendo parte do desenvolvimento econômico e urbano da cidade, nesta mesma seção é apresentado alguns fatores importantes como o transporte, o crédito agrícola e a migração como forma de entendimento do processo de urbanização. Nesta parte é relatado dois trabalhos de campo, no primeiro foi coletado informações e dados sobre a empresa Comil como um exemplo de empresa que se desenvolveu voltada ao agronegócio, no segundo na Ferroeste, foi possível identificar entre outros aspectos o grande volume de cargas movimentadas em função do agronegócio.

Por fim, nas considerações finais pretende-se juntar todos os elementos analisados durante a pesquisa, procurando justificar ou elucidar o que ocorreu para que a cidade crescesse no período de 1970 a 2015.

CAPÍTULO I

1 – O COMPLEXO RURAL BRASILEIRO E A PASSAGEM DE AGRÁRIO EXPORTADOR PARA URBANO INDUSTRIAL

1.1 AGROPECUÁRIA OS CICLOS E A FORMAÇÃO DO MERCADO INTERNO⁴

A produção agropecuária exerceu um papel importante na história do homem, desde a sua origem esse busca por alimento, levando ao desenvolvimento de técnicas de caça, pesca e coleta na natureza visando a sobrevivência, na medida em que se esgotava o alimento em determinadas áreas as famílias são obrigadas a se deslocarem.

No Brasil a agricultura exerce papel fundamental desde a colonização, com o desenvolvimento de lavouras de subsistência e principalmente na produção de *commodities*, a economia do país se estruturou ao longo do tempo voltada para o mercado externo, assim caracterizando um país agrário exportador (PRADO JR., 1981). A forte ligação com nações europeias induziu a formação de cidades voltadas para o atendimento das demandas da coroa portuguesa no processo de exploração das riquezas produzidas na colônia.

Deste modo surge na América um sistema urbano, criado com o objetivo básico de sustentar o sistema de exploração colonial. A cidade da conquista é implantada como ponto fortificado a partir do qual se irradia o poder colonizador, [...] (SINGER, 1998 P. 103).

De maneira gradativa se instalaram as capitanias e os pequenos núcleos urbanos destinados a administração. A cidade que nasceu e se estruturou em todo o período colonial teve como principal função administrar os interesses da metrópole na colônia, representava a força do dominador e servia como ponto de ligação comercial dos produtos importados e exportados (principalmente escravo e açúcar no Brasil)

Com o passar do tempo e o desenvolvimento das forças produtivas ocorreu a ampliação das funções das cidades coloniais, no entanto não perderam a característica de ser ligação com a metrópole e oferecer serviços locais, havendo pouca interação entre os vários

⁴ Este capítulo está baseado na leitura de Rangel, (1985, 2000), Prado JR. (1945/1981), Singer, (1998) Mamigonian, (2005), Gonçalves, (2005, 2012), Delgado, (2002), Szmrecsányi & Ramos, (2002) e Santos, (1993).

núcleos urbanos nacionais. Assim, a ligação da economia nacional com a mundial, no decorrer do desenvolvimento do capitalismo, contribuiu para que as oscilações no mercado dos países centrais produzissem reflexo no Brasil. Neste sentido, durante as crises do capitalismo, as taxas de lucros diminuem, e tanto os países centrais quanto os de periferia são afetados, nestas fases depressivas do ciclo as respostas da economia nacional podem ser positivas ou negativas, (MAMIGONIAN, 2005) da mesma forma as fases ascendentes dos ciclos interferem no centro e na periferia.

Além disso, a relação entre as nações do mundo sofreram alterações, especialmente o convívio entre centro e periferia foi reorganizado a luz da circunstância econômica vigente. Ocorre que nos períodos de depressão o centro do sistema promove uma política de proteção a seus mercados se fechando aos países da periferia, e ao mesmo tempo procuram abrir caminho a expansão de sua economia por via militar.

Os períodos depressivos (vivemos num deles de 1973 – 1998) correspondem a mudanças profundas de conjunturas econômicas, políticas, sociais e espaciais. Assim, a conjuntura depressiva 1920 -48 provoca nova relação mundo-nações: a Inglaterra abandonou definitivamente o livre-cambismo e houve fechamento dos mercados nacionais nos EUA, Alemanha, França e na periferia do sistema capitalista (e substituições de importações se aceleram). (MAMIGONIAN, 2005 P. 90)

Os ciclos longos conhecidos como ciclos de Kondratieff, portanto, tem uma duração de aproximadamente 50 anos, sendo 25 ascendentes fase “a” e 25 depressivos fase “b”, são oriundos do centro do sistema capitalista e afetam toda a economia mundial com reflexos diferenciados em cada nação, no Brasil estes reflexos são estudados por diversos pesquisadores e seguramente quem melhor teorizou sobre o tema foi o economista Ignácio Rangel. Em seus estudos ele afirma que embora o início do 1º ciclo registrado, seja datado de 1789, acredita que houve ciclos anteriores e que persistirá no futuro.

Durante o desenvolvimento ascendente e descendente do ciclo a resposta da economia brasileira é dada de diferentes maneiras, é observado que nas fases “b” (recessivas) ocorre mudança no pacto de poder o que Rangel denomina de dualidades, ou seja, o poder político brasileiro é dividido entre dois grupos, compreendendo um sócio maior e um sócio menor, em virtude das condições econômicas e sociais esta combinação de mandatários é alterada nas fases depressivas.

Nascendo como uma economia periférica o Brasil teve sua formação atrelada ao centro dinâmico pela intermediação de Portugal, em 1808 a abertura dos portos sinalizou a comunicação ou intercâmbio direto com o centro este fato se passou na fase “a” do 1º

kondratieff, (1789-1815). Na fase “b” (1815 -1848) tem-se a primeira ruptura no pacto de poder ou dualidade, a independência em 1822, na qual a burguesia nacional aliada aos senhores de escravos assumem o poder político (MAMIGONIAN, 2005). Na fase “a” do primeiro ciclo a demanda externa por produtos agrícolas brasileiros provocou aumento nas exportações e importações, a economia do país cresceu voltada ao mercado externo. Na fase “b” o mercado interno cresceu pela substituição de importação.

A proclamação da república em 1889, fase “b” do segundo ciclo de kondratieff, (1877 -1896) caracteriza a segunda dualidade e o pacto de poder levou senhores de terra aliados aos comerciantes ao comando. No ciclo anterior a posse do escravo era fundamental para a produção, já neste com a abolição e a lei de terras, o poder econômico e político era de quem possuía a terra e controlava o comércio, a agricultura desempenha o mesmo papel do primeiro ciclo, porém, as técnicas de produção e os avanços na estruturação do complexo rural vão construindo gradativamente uma base pré-industrial.

Na fase “b” do 3º ciclo longo, (1920 -1948) a revolução de 1930 é vista como uma nova ruptura no pacto de poder, sendo a terceira dualidade. Os latifundiários compõem o controle do Estado associados a burguesia industrial nascente. O processo de redemocratização na fase “b” do 4º ciclo longo, (1973 -1998) marca a quarta dualidade, agora a burguesia rural associa-se ao capital industrial (financeiro) no controle do Estado. Todo este movimento provocado pelos ciclos longos se tornou possível, devido ao estágio de desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção da economia brasileira em cada período.

A dificuldade em estabelecer comércio com os países de centro levou a uma política econômica de substituição de importação em todas as fases depressivas:

[...] diversificação da produção das unidades econômicas básicas, na fase “b” do 1º Kondratiev; diversificação da produção nacional, pela proliferação de unidades artesanais e excepcionalmente manufatureiras, voltadas para o mercado nacional, no 2º kondratiev; aprofundamento desse movimento, pela substituição de unidades pré-industriais por outras, de caráter propriamente industriais, no movimento estudado como industrialização, desencadeado na fase “b do 3º kondratiev. (RANGEL, 1985 P.30-31)

Neste sentido, a economia brasileira na fase recessiva dos ciclos longos voltava-se para o mercado interno e crescia pelo processo de substituição de importação, a resposta a fase “a” expansiva vem sob forma de maior inserção na divisão internacional do trabalho (DIT) aumentando suas exportações e crescendo também.

O surto industrializante desencadeado na fase “b” (1920-48) do 3º Kondratieff se tornou muito importante para a economia brasileira, a medida que, os ciclos médios (Juglar-Marx) entram em cena, estes gestados no próprio país, contribuíram para o prolongamento da substituição de importação. O principal produto de exportação era o café, a maior parte da população rural, a queda nas vendas ao exterior levou ao desenvolvimento industrial e uma crise agrária a medida que um grande contingente de população rural foi liberada da terra. O caráter industrializante levou a mudanças sociais, no sentido que recrutava mão de obra para a cidade e acelerava o processo de urbanização, ao mesmo tempo uma sociedade urbana que modificou hábitos de consumo de produtos industriais e agrícolas, promovendo a alteração da produção natural (autoconsumo) que se converteu em mercantil.

A economia agrária exportadora brasileira, marcante desde o início de sua colonização, foi responsável pela formação dos primeiros núcleos populacionais, teve sua organização produtiva altamente consumidora de mão de obra, assim a produção agropecuária e principalmente as culturas de exportação (cana-de-açúcar e café) nos moldes em que eram produzidos tinham pouco reflexo no processo de urbanização. As cidades deste período, em que a economia agrária exportadora altamente consumidora de mão de obra era predominante, eram pequenas e voltadas principalmente à administração pública. A economia colonial não dispunha de incentivos para atrair mão de obra do setor de subsistência, a exceção se deu pelas grandes fazendas que produziam para o mercado externo (SINGER, 1998). Esta situação se modificou lentamente até o início do século XX, a partir de então ocorreu uma aceleração gradual do surgimento de novas cidades e o aumento da população urbana.

Alguns fatores contribuíram para desencadear este processo de aceleração da urbanização no século XX são eles:⁵

- 1- Diminuição da imigração internacional: durante a segunda metade do século XIX ocorreu um aumento considerável da migração de europeus, principalmente italianos, ao Brasil, estes eram trazidos com o objetivo de substituir a mão de obra escrava, (PRADO JR., 1945/1981) os imigrantes traziam consigo conhecimentos e experiências de relações capitalistas e hábitos de consumo peculiares que modificaram as relações de produção e consumo da economia local, vale lembrar que diferente dos escravos o assalariamento presente colocou uma quantidade maior de dinheiro circulando. Com as dificuldades de aquisição de terras e a

⁵ Esses fatores elencados é uma construção feita a partir da leitura de Prado JR (1945/ 1981) Singer, (1998) Rangel, (2000)

política de industrialização decorrente da queda da renda do café, esta população vai constituir a base dos cidadãos.

- 2- Formação de uma economia nacional e conseqüente mercado interno: a crise do café levou a investimentos na industrialização, a infraestrutura destinada a circulação da produção cafeeira e a relativa integração da Região Sudeste com o Sul e parte do Nordeste e Centro-oeste, associado ao crescimento populacional criaram condições de se formar um mercado interno.
- 3- Crescimento vegetativo: as melhorias nas condições médicas e sanitárias, proporcionaram um incremento considerável na população nacional.
- 4- O avanço nas técnicas de produção agropecuária, a modernização da agricultura aumentam a produção e a produtividade, liberando mão de obra, a superpopulação rural se converteu em população urbana.
- 5- Substituição de importação: as dificuldades de importação causadas pela crise mundial e câmbio desfavorável, serviram de incentivo à produção nacional.
- 6- Queda na exportação: o relativo fechamento da economia internacional abriu a possibilidade da produção para o mercado interno nascente.

A conjuntura política e econômica mundial e o confronto das nações imperialistas no início do século XX, se revelaram, na ocorrência das duas grandes guerras, estas servem de referência para entender o que aconteceu na economia e política nacional e seus reflexos na configuração espacial. A crise do centro do sistema, fase “b” do terceiro Kondratieff (1920-1948) alavancou mudanças.

Por ser uma economia agrária exportadora a produção local destinada prioritariamente para o exterior, a integração dentro do território nacional sempre foi muito frágil, dificultando a formação de uma economia nacional interligada (PRADO JR., 1945/1981), neste sentido, o Brasil era visto como um grande arquipélago com subespaços voltados para o exterior (SANTOS, 1993). Este panorama começa a mudar com o crescimento da produção cafeeira em São Paulo, os investimentos nos transportes e comunicação para escoamento e comércio da safra proporcionaram infraestrutura interligando, mesmo que de forma parcial os estados do Sudeste (SE) com o Sul e parte do Nordeste (NE) e Centro-Oeste (CO). A crise mundial de 1929 no Brasil se mostra como crise do café, o Estado passou a incentivar a industrialização (substituição de importação) como alternativa a um processo de formação de mercado interno, foi o embrião de uma economia nacional. No campo o Estado brasileiro passou a incentivar a diversificação de produtos, se antes apenas o café tinha uma política voltada a seu desenvolvimento, agora o objetivo era abastecer o mercado interno, a demanda de matérias

primas das indústrias nascentes e o consumo da população urbana que crescia, gerava a necessidade de uma produção agrícola mercantil mais intensa e diversificada. A partir do governo de Getúlio Vargas o Brasil desenvolveu uma política de industrialização, atuando também no desarme dos “exércitos do sertão”, retirando poder dos coronéis como forma de facilitar a migração, além disso, criaram-se leis trabalhistas para os trabalhadores da cidade elevando o padrão de vida dos trabalhadores urbanos, a autonomia dos estados foi abolida como forma de unificar o mercado nacional o Estado investiu em comunicação e transporte com a construção de ferrovias (SINGER, 1998). Estas medidas estimularam a formação de um mercado interno pelo incentivo a migração e o desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção.

[...], já na segunda metade da década de 1930, [...]. Tratava-se de uma política, não mais voltada para defesa de um determinado produto ou de uma determinada região, mas tendo como objetivo ampliar e diversificar a produção agropecuária do País como um todo, particularmente aquela destinada ao abastecimento de seu mercado interno. (SZMRECSÁNYI & RAMOS, 2002, P. 229)

A agropecuária brasileira se desenvolveu visando o mercado externo, assim, o açúcar e o café como principais produtos, sempre tinham prioridade, recebiam investimento e tinham uma característica mercantil, por outro lado o complexo rural erguido para manter o país como agrário exportador, desenvolveu uma agricultura de subsistência e a produção de artesanato, manufaturados e ferramentas que se tornaram a base do processo industrial. Aos poucos a agricultura de subsistência se transformou em uma agricultura comercial destinada principalmente ao mercado interno, as atividades pré-industriais do complexo rural se tornaram urbanas e industriais com o desenvolvimento do capitalismo nacional. Estas transformações nas forças produtivas promoveram alterações nas demais relações sociais, provocando o emergir de uma sociedade urbano industrial. O ciclo virtuoso gerado envolveu a industrialização dos grandes centros produzindo bens de consumo e posteriormente bens de produção para a agricultura, a modernização da agricultura com a especialização e consequente liberação de mão de obra e se tornando mercado consumidor de bens e serviços urbanos, o êxodo rural teve como consequência uma reserva de força de trabalho na cidade e ao mesmo tempo mercado consumidor para produtos agrícolas.

Até pelo menos o início da década de 1960, a produção rural aparentemente atendia as demandas criadas pelo processo de industrialização, muito embora este ainda não houvesse penetrado tecnologicamente no processo produtivo rural. (DELGADO, 2002, P. 216)

O dismantelamento do complexo rural ocorreu gradualmente, as atividades pré-industriais do meio rural passaram a atividades industriais na cidade, a concentração em um local, a maior divisão do trabalho e principalmente a especialização possibilitou alta produtividade e consequentes lucros que geraram novos investimentos. Da mesma forma as lavouras de subsistência quando se tornaram comerciais, conseguiram ganhos de produtividade pela especialização e incremento de tecnologia. A maior produtividade da mão de obra da indústria na cidade conferiu ao setor uma capitalização e a concentração espacial se tornou terreno fértil ao desenvolvimento de novas técnicas (RANGEL, 2000). A especialização a partir de alterações na Divisão Social do Trabalho (DST) e de redefinições na Divisão Territorial do Trabalho (DTT) provocaram alterações espaciais no rural e no urbano.

Todo este processo de formação de uma economia nacional englobou a estruturação do campo e da cidade para o desenvolvimento das forças produtivas. A opção pela industrialização através da substituição de importações levou ao desenvolvimento do capitalismo industrial no Brasil, via de regra, este se origina na cidade e penetra paulatinamente no campo (SINGER, 1998). Isso ocorreu pela modernização da agropecuária com o uso cada vez mais intenso de tratores, máquinas, equipamentos, adubos, defensivos, sementes selecionadas etc., bem como, pela formação de vários complexos agroindustriais (CAIS), decorrentes do desenvolvimento de indústrias a montantes e a jusante da produção agropecuária.

Os ciclos médios, Juglar-Marx, identificados no Brasil a partir do processo de industrialização, tem duração de aproximadamente uma década sendo a primeira metade de ascensão e a segunda depressão da economia nacional e vem ocorrendo desde a grande depressão mundial (1929). Este movimento acompanhou a implantação de indústrias de bens de consumo, sendo as primeiras devido a serem estas as que mais pesavam na pauta de importações, após, seguiu na criação das demais indústrias (RANGEL, 1981).

Nos países em que a economia capitalista cresceu com mais vigor, ocorreu um processo de industrialização considerável, assim é possível afirmar que a indústria seja fator de desenvolvimento econômico, embora não se possa estabelecer uma relação de causa e efeito, pois o desenvolvimento pode ocorrer antes da industrialização da mesma forma que esta pode vir antes do desenvolvimento.

O Brasil iniciou a industrialização a partir da década de 1930, por ocasião da grande crise mundial, esta fase depressiva levou a mudanças no pacto de poder no âmbito da política brasileira (dualidades) e refletindo na ocorrência do processo de substituição de importação, fazendo a economia nacional crescer internamente, conforme apontado por Rangel (1981). O

fim da fase “b” do 3º Kondratieff (1920 -1948) esperava-se a retração do processo de industrialização, no entanto, o mecanismo dos ciclos médios, até 1930 inéditos no Brasil, e o forte impulso de substituição de importação, que atingiu setor após setor da economia nacional veio fortalecer o capitalismo brasileiro e contribuiu para a formação de um país urbano industrial.

A industrialização trouxe consigo uma urbanização constante e sua principal característica no Brasil é a velocidade muito rápida e sem planejamento o que acentuou a ocorrência de problemas urbanos. O desenvolvimento das forças produtivas a partir de 1930 foi intenso e a economia brasileira cresceu consideravelmente, no campo, aumentou a produtividade e a produção, gerando excesso de mão de obra, na cidade a urbanização acelerada e a industrialização, ocorreu crescimento do comércio e serviços voltados a nova sociedade que agora se transformava.

Desde o início de sua formação a economia do Brasil foi voltada para o mercado externo, o foco era a produção de matérias primas para a economia internacional, a novidade agora era o foco no consumo dos brasileiros, a formação de um mercado interno, portanto uma economia nacional. Isso provocou intensas modificações espaciais, a agropecuária precisava se estruturar para atender o mercado interno, a necessidade de melhoria e ampliação das redes de transporte e comunicação, as cidades, mesmo que de maneira improvisada, cresciam e passavam a oferecer moradia e trabalho a um enorme contingente populacional. A “distância” entre o rural e o urbano encurtava-se.

Os processos de industrialização e urbanização ocorreram simultaneamente no Brasil, o desenvolvimento das forças produtivas e relações de produção, impulsionado por políticas públicas de incentivo e pela crise econômica contribuiu para a formação do capitalismo nacional, gestado e promovido pelo Estado nacionalista e desenvolvimentista entre 1930 e 1980.

O pacto de poder que colocou Getúlio Vargas no governo fortaleceu a elite rural, representada pelos estancieiros gaúchos, associada aos industriais. Isso aconteceu no período de crise mundial entre guerras, as transformações institucionais, vieram como forma de alavancar a economia nacional e ao mesmo tempo legitimar o governo. Neste sentido, o Estado investiu em infraestrutura buscando o crescimento da indústria, as empresas públicas criadas (Petrobras, Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), Vale do Rio Doce Etc.) exerceram o papel de dar condições ao desenvolvimento do país, a agricultura foi fomentada via criação dos institutos e demais órgãos públicos que possibilitavam a mínima condição de produção.

A fase ascendente do ciclo coincidiu com o fim da II Guerra Mundial e a reconstrução da Europa e Japão, para o Brasil os efeitos são positivos visto que aumentaram as exportações e ao mesmo tempo a substituição de importação. Então cresceu a produção de produtos exportáveis na agricultura ao mesmo tempo em que aumentou a demanda no mercado interno via processo de industrialização. Observa-se neste período (década de 1950) a abertura da fronteira agrícola no Oeste do Paraná, tendo a madeira como principal produto.

Na década de 1950 a industrialização e urbanização brasileira tomaram um novo impulso com as indústrias de bens duráveis, as automobilísticas puxaram a frente. A construção de Brasília, o Plano de Metas de Juscelino Kubitschek (JK) e toda a política desenvolvimentista gerou um debate em relação a agricultura, o objetivo era modernizar e para tanto a discussão principal estava em torno da necessidade ou não de reforma agrária. O crescimento das cidades aumentou a demanda por alimentos, a preocupação com o preço da reprodução da força de trabalho colocou como prioridade a redução da carestia de alimentos, um dos caminhos apontados como solução era a reforma agrária.

Todo o debate foi sepultado com o golpe de 1964, o controle dos movimentos sociais, impediu as reivindicações trabalhistas e abriu caminho para o arrocho salarial e redução do custo de reprodução da força de trabalho. Na agricultura a política de crédito subsidiado a partir de 1965 alavancou a modernização considerada conservadora por não vir acompanhada de reforma agrária. Durante ciclo expansivo do 4º Kondratieff (1948 -1973), a economia brasileira cresceu a passos largos, os investimentos no agronegócio além de modernizar a produção produziu um efeito multiplicador transformando as cadeias produtivas formando e ou ampliando os complexos agroindustriais, provocando alterações nas relações de trabalho, nas forças produtivas e intensificando a divisão do trabalho. Neste contexto de expansão da economia mundial e fortalecimento do mercado interno a agricultura brasileira passou por um intenso processo de modernização. Na Região Oeste do Paraná houve a abertura da fronteira agrícola com o processo de colonização, o estabelecimento da população nas áreas rurais e posterior êxodo rural impulsionado pela mudança na base produtiva com a mecanização da agricultura. Assim possibilitou a formação das cidades da região. Os efeitos da crise mundial de 1973 foram retardados no Brasil e na década de 1980 a economia nacional sofreu forte impacto refletindo nas políticas públicas, na agricultura o fim do crédito subsidiado foi a principal alteração.

A crise dos anos 80 trouxe consigo o temor de que o setor do agronegócio fosse afetado de maneira significativa, o Estado se furtou de financiar a produção e as grandes empresas atuantes no mercado brasileiro ocuparam esta função com maior intensidade. As

cooperativas se reestruturaram e diversificaram, passando a se dedicar intensamente a industrialização.

As transformações espaciais produzidas durante este processo de evolução das forças produtivas foram intensas, o Brasil se tornou um país urbano industrial com uma demanda crescente de alimentos e matéria prima oriundos do campo, isso provocou uma maior proximidade entre o urbano e o rural, o mercado interno brasileiro passou a ser considerável com o crescimento da população urbana e os hábitos de consumo que a vida na cidade enseja. No processo de divisão territorial do trabalho coube a Região Oeste do Paraná a produção de agropecuários, a forma de se produzir estes levou a urbanização de algumas cidades, dentre elas destaca-se Cascavel.

1.2 DO CAMPO À CIDADE, DO RURAL AO URBANO

A produção do espaço urbano remonta a história da humanidade, embora tenha sido um fenômeno que ocorreu com mais intensidade conforme o capitalismo se desenvolveu (especialmente a partir da Revolução Industrial), visto que para crescer precisou do aprimoramento das forças produtivas e do aumento da produtividade do trabalho no campo e de certa forma o acréscimo de funções a cidade, neste processo o conjunto de medidas adotadas tornaram o campo repulsivo e a cidade atrativa a população.

A cidade acumula as funções administrativas, comerciais e de produção industrial e intelectual, isso foi se transformando ao longo da história⁶. Todo este processo está vinculado as relações sociais estabelecidas, especialmente as relações de produção, a divisão social do trabalho nos moldes do capitalismo industrial provocou um alto grau de especialização, a produção e a produtividade aumentaram consideravelmente, a fábrica reuniu vários trabalhadores assalariados, estes se dedicam a produção em tempo integral repetindo várias vezes a mesma atividade, o desenvolvimento de máquinas contribuem proporcionando agilidade, precisão e redução de custos, a separação campo e cidade está vinculada a este processo, pois estas transformações se tornaram possível pela concentração de pessoas em um pequeno espaço de terra, ao mesmo tempo que o estabelecimento das indústrias potencializa a concentração populacional pela oferta de trabalho (SINGER, 1998).

As contradições inerentes do capitalismo se revelam neste contexto, de um lado a produção e a produtividade aumentam as técnicas de produção sofrem um salto, a ciência aplicada a produção desenvolve-se consideravelmente, a lucratividade aumenta. Por outro lado a exploração da mais-valia, e a organização da sociedade para tanto, leva ao acirramento da luta de classes, pois os frutos dos avanços da sociedade não são distribuídos a contento para os trabalhadores.

A relação entre o rural e o urbano, está vinculada ao desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção em ambos os espaços, de acordo com o modo de produção vigente. Assim, no capitalismo de acordo com o tempo, o espaço em análise e o grau de desenvolvimento das forças produtivas e relações de produção, o urbano e o rural assumem funções e formas diferentes. Longe de ser uma situação em que se tem a causa e o

⁶ Lefebvre, (1999) escreve a história da cidade, mostrando suas funções em cada momento para explicar o processo de urbanização. Singer, (1998) direciona este estudo para a urbanização do Brasil contando como se formaram as cidades e a relação urbano, rural e as migrações.

efeito as funções econômicas da cidade adquirem maior ou menor importância e passam a proporcionar alterações espaciais de maior ou menor impacto, adquirindo alto grau de complexidade com a intensificação da divisão territorial do trabalho, o que chama a discussão uma reflexão sobre a inserção da cidade e do campo nas redes de intercâmbio comercial que se formam e qual o seu papel na divisão do trabalho. O crescimento ou desenvolvimento econômico da cidade não pode ser entendido apenas pela interação com o campo. A interdependência entre os espaços chama para uma análise em conjunto da cidade e do campo, da mesma forma põem as cidades enquanto nós de uma rede urbana com formas e funções determinadas. Neste sentido, para compreender o urbano é preciso saber que ele está inserido em uma rede conforme escreve Lefebvre:

Para compreender as leis dos objetos e dos signos na realidade urbana, é preciso acrescentar conceitos específicos, tais como rede (de troca, de comunicação) aos conceitos que a eles se referem (sistema, conjunto, recorte e arranjo, sociologia dos grupos e agrupamentos). O urbano define-se também como justaposições de redes, acúmulos e reunião dessas redes, construídas umas em função da indústria outras ainda em função de outros centros no tecido urbano. (LEFEBVRE, 1999, P. 112).

Neste sentido, o processo de urbanização se torna complexo, e a cidade, compreendida como aglomeração de pessoas em um pequeno território não é produzida ao acaso, as funções econômicas se tornam fundamentais para sua análise e entendimento, a aglomeração ocorre por fatores variados, mas basicamente algumas atividades exigem a colaboração de diversas pessoas e isso provoca o fenômeno de urbanização. A indústria para reduzir custos procura se concentrar, aproveitando a mão de obra, facilidade de transporte, matéria prima e a produção em larga escala, da mesma forma o comércio e serviços se concentram em determinados espaços se beneficiando da aglomeração. Não se pode apontar um fator isolado como causa ou condição para o desenvolvimento de uma economia urbana, porém a indústria se torna importante, no entanto a indústria segundo Singer, (1998) é atraída pela riqueza da região e a aglomeração aumenta a possibilidade de criação de atividades comerciais de serviços, a formação social entendida como uma estrutura produtiva (SANTOS, 1977) serve de alavanca para o desenvolvimento de atividades urbanas e conseqüente crescimento econômico. Assim, considerando o acima exposto, e o objeto em estudo, pode se afirmar que Fresca, (2010) embora esteja se referindo a outros espaços expõem com clareza o que ocorreu em Cascavel:

Áreas onde as atividades agropecuárias são realizadas mediante o predomínio de pequenos e médios estabelecimentos rurais, com forte densidade demográfica – articulados evidentemente à formação sócio espacial que a criou – apresentam

perspectivas de que a renda fundiária auferida no lugar, possa ser reinvestida em diversas atividades urbanas. (FRESCA, 2010, P.122)

A urbanização como consequência principal da industrialização é uma realidade em muitos locais, porém o surgimento ou a instalação de uma indústria é influenciado pela formação social, e a rede urbana consolidada provoca a valorização de alguns pontos em relação a outros, o que pode significar novos investimentos.

A partir de mudanças estruturais promovidas especialmente com o governo do presidente Getúlio Vargas, o Brasil começou a desenvolver uma economia nacional e a ligação entre os diversos núcleos urbanos foi estimulada. O êxodo rural criou mercado consumidor e um exército de reserva de mão de obra, a cidade passou a ser atrativa em relação ao campo. Pode-se dizer que a quantidade e o tamanho dos núcleos urbanos está relacionado a condicionantes históricos de povoamento sendo as atividades produtivas fundamentais para seu entendimento, cada espaço urbano tende a se especializar em uma ou várias funções e se inserir na rede de acordo com sua localização; seu desenvolvimento das forças produtivas; tipo de atividade. A especialização como consequência da divisão territorial do trabalho estimula a troca e cria uma interdependência das cidades que compõem a rede urbana.

Seja como for, uma vez “fixada”, pelo menos por um certo período, a especialização de cada cidade, que em boa medida vai determinar seu ritmo de crescimento e portanto, seu tamanho, o conjunto das cidades desenvolve um extenso sistema de trocas que configura, sob o ponto de vista econômico, a rede urbana. (SINGER, 1998, P. 143-44)

A troca é o elo econômico entre as cidades e ela caracteriza a rede urbana como tal. Isso porque a cidade não é autossuficiente, sendo dependente do campo e de outros núcleos urbanos. Os nós da rede são representados pelos núcleos urbanos e as linhas que estabelecem a ligação entre estes e obtida pelos fluxos de mercadorias e serviços que circulam pelo complexo sistema com diferentes funções. A rede urbana vista desta forma reflete a especialização das cidades, portanto a divisão territorial do trabalho, ao mesmo tempo é condição para a realização desta (CORRÊA, 1989). O desenvolvimento da rede urbana no Brasil a partir dos anos 1930 está relacionado a modernização da agricultura e ambos processos fizeram parte de uma política de desenvolvimento nacional levado a cabo pelos governos até meados de 1980, o objetivo era industrializar, a partir da centralização do Estado, foi desencadeado um conjunto de políticas que resultaram: na formação do mercado de mão de obra na cidade via êxodo rural, expansão do mercado consumidor de alimentos, início da industrialização da agricultura via uso de máquinas, expansão do mercado de bens

de consumo para a população rural (MEDEIROS e SAMPAIO, 2011). Neste sentido o rural e o urbano passaram por transformações consideráveis e é neste contexto que a colonização do Oeste Paranaense ocorreu.

A produção do espaço urbano da Região Oeste do Paraná, esta relacionado a sua inserção na DTT, a cidade de Cascavel se especializou em agro serviços destinados a atender a demanda regional criada pelo processo de modernização da agricultura, as forças produtivas em transformação visava a produção de agropecuários para o mercado interno e externo. Isso provocou alteração nas funções da cidade acelerando a urbanização.

CAPÍTULO II

2 - A FORMAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL E O DESENVOLVIMENTO DO AGRONEGÓCIO

A partir da teoria, formação econômica social de Marx, Santos (1977) propõe a inclusão do espaço e cria a formação sócio-espacial (FSE), entendida como um método e uma teoria a FSE é considerada neste trabalho como possível forma de entendimento do objeto de estudo. Sendo algo em movimento a formação social é composta pela estrutura produtiva, a sociedade e a natureza se relacionando em determinado espaço, Santos (1977) estrutura a FSE em nível nacional, porém é possível falar em escala regional, é nesta perspectiva que este trabalho trata do tema.

As particularidades da região provocam o surgimento de diversas FSE, aspectos culturais, bem como a forma e o período de colonização e principalmente a maneira que se procede a ocupação das terras em latifúndios ou em pequenas propriedades. As forças produtivas e as relações de produção sofrem influência desses aspectos e podem avançar com maior ou menor velocidade dependendo deles, ao mesmo tempo este ritmo pode influenciar negativamente ou positivamente no desenvolvimento econômico e nas alterações espaciais.

O termo agronegócio é relativamente novo no Brasil e causa calorosos debates que não se pretende reproduzir ou comentar, porém, visando clarear um pouco o que se entende por agronegócio destina-se algumas linhas para esta reflexão, tendo origem no *agribusiness* norte americano se popularizou na imprensa, nos órgãos governamentais e meios acadêmicos, é muito usado para denominar a produção em escala de *commodities* em grandes propriedades, criada em 1993 a associação brasileira de *agribusiness* (ABAG) vem trabalhando na divulgação do termo e na busca de benefícios governamentais para estes produtores (RAMOS, 2007).

No entanto, o entendendo que o agronegócio vai além da produção em larga escala, e que toda a produção agropecuária capitalista destinada ao mercado visa lucro, neste trabalho se tem como definição a afirmação de Gonçalves, (2004): “[...] no capitalismo brasileiro atual, tudo que se produz no campo deriva do que se denomina agronegócios.” Neste sentido, toda a produção mercantil de agropecuários independente do mercado que se destina e escala de produção é tratado aqui como agronegócio.

2.1 - A REGIÃO OESTE NO CONTEXTO HISTÓRICO NACIONAL

O município de Cascavel se localiza na mesorregião Oeste do estado do Paraná, segundo estimativa do IBGE em 2015 possuía 312.778 habitantes, distribuídos em uma área de 2.100.831 km², distante 491 km da capital Curitiba o município nasceu em uma região cujo bioma é a mata atlântica. A altitude média é de 785m, o clima é caracterizado como subtropical e o perímetro urbano perfazem mais de 101 km².⁷

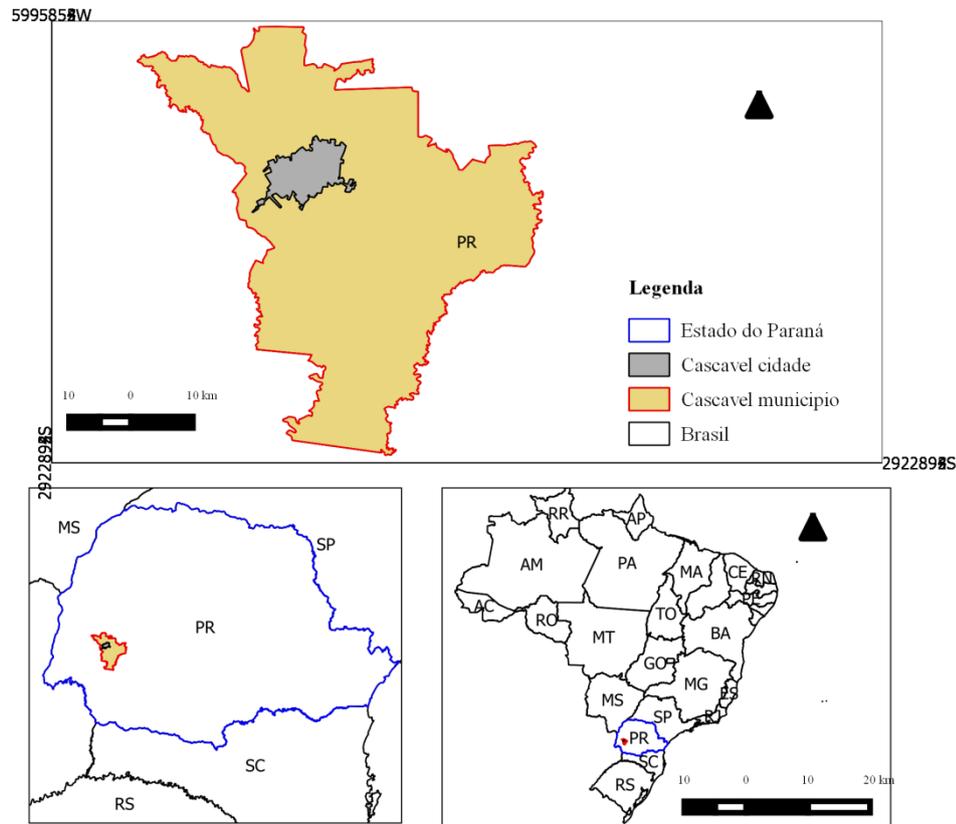
Durante muitos anos a população indígena dominou estas terras, com suas práticas de apropriação e uso dos benefícios da natureza. Caça, pesca e extrativismo eram atividades desenvolvidas por estes povos. Com tecnologia inferior aos europeus e com uma cultura de subsistência sem a preocupação de acumular riquezas pouco interferiam no espaço. No Brasil colonial (1500 –1822) as terras correspondentes ao Oeste do Paraná, onde se localiza Cascavel foram pouco exploradas a economia baseava-se na extração de erva-mate e tem relatos da passagem de bandeirantes em busca de índios para fazê-los escravos (WACHOWICZ, 2002).

Dominado por uma densa mata subtropical ou mata das araucárias e acesso difícil, devido à distância do litoral, os primeiros europeus a circularem por este território vieram navegando pelo Rio da Prata chegando até onde se localiza a cidade de Guaíra, neste trajeto os padres jesuítas estabeleceram-se criando as reduções missionárias, catequizando os nativos e “domesticando-os” com o objetivo de utilizá-los para o trabalho (WACHOWICZ, 2002).

A emancipação política em 1951 marcou o surgimento do município de Cascavel, essa data é comemorada como dia do nascimento. Porém, muito antes disso, este espaço sofreu influência da ação humana e as relações sociais provocaram transformações espaciais, neste sentido a história desse município pode ser contada a partir de diversos períodos ou datas. Esta parte do trabalho busca entender a cidade a partir da formação sócio-espacial que se insere e das relações econômicas estabelecidas no território ao longo do tempo. Assim, se faz necessário um entendimento mínimo do processo de ocupação e colonização, e um aprofundamento a partir da década de 1970.

⁷ Este valor do perímetro urbano foi obtido por meio de cálculo que leva em conta as confrontações contidas na lei municipal nº 5706/2010 promulgada em 23 de dezembro de 2010.

Figura 02: Mapa de localização de Cascavel



Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE. Elaborado pelo autor.

Segundo o Tratado de Tordesilhas grande parte do território paranaense pertencia a Espanha e os primeiros a chegarem no Oeste Paranaense foram exploradores espanhóis que tentavam abrir uma rota de caminho para ligar o Oceano Atlântico as minas de Potosi, no entanto, os bandeirantes portugueses frequentemente se deslocavam para esta região para capturar indígenas visando escravizá-los. É marcante essa disputa entre espanhóis e portugueses e depois brasileiros, argentinos e paraguaios nesta região de fronteira (COLODEL, 1988).

A primeira tentativa dos espanhóis em dominar o território pela força escravizando os indígenas falhou, pois haviam mais de 200.000 nativos e estes resistiam (WACHOWICZ, 2002), então os religiosos jesuítas organizaram suas missões para contornar o problema, embora sendo espanhóis, os missionários tinham rejeição diante da sociedade local, pois combatiam a escravização por meio da força. Na primeira metade do século XV os jesuítas organizaram treze aldeamentos nas margens dos rios Piquirí, Ivaí, Paranapanema, Tibagi e Iguaçu. Os indígenas das reduções cultivavam suas lavouras e criavam cavalos, gado bovino, galinhas etc. orientados pelos padres construía também nas reduções suas habitações e a

igreja. Anualmente os religiosos desciam o Rio Paraná rumo a Santa Fé ou Buenos Aires, com intuito de pagar tributos a coroa espanhola e adquirir produtos que não produziam (WACHOWICZ, 2002).

Ao longo do tempo os aldeamentos foram crescendo e os bandeirantes portugueses constantemente visitavam a região à caça de escravos, aos poucos atacando uma e outra redução, foram expulsando os padres que fugiram para a Argentina. Cerca de 120 anos as terras do Oeste Paranaense ficaram praticamente abandonadas, no ano de 1750 o Tratado de Madri estabeleceu a fronteira entre Portugal e Espanha como sendo o Rio Paraná.

Durante o período colonial, a Região Oeste do Paraná, pouco explorada, fornecia mão de obra escrava tanto à colônia portuguesa, quanto a espanhola. Além disso, a produção de subsistência da pequena população branca local.

A Guerra do Paraguai (1865 – 1870) provocou nas autoridades militares e políticas do Brasil o medo de perder este território para os países vizinhos, visto que foi possível perceber o estado de abandono da fronteira e ao mesmo tempo a presença de nossos vizinhos, o Ministério da Guerra resolveu abrir uma picada de Guarapuava até Foz do Iguaçu, a viagem muito desgastante no meio da mata obrigou os militares a criar locais de parada para abastecimento um desses em Catanduvas, em 1890 é criada a Colônia Militar de Foz do Iguaçu (COLODEL, 1988). No trajeto rumo à foz do Rio Iguaçu os militares se deparam com vários trabalhadores paraguaios em missão de sondagem e coleta de erva mate (COLODEL, 1988) reforçando a ideia de que a fronteira se encontrava abandonada, foi observado que a língua portuguesa quase não era usada e o pequeno comércio era feito com moeda estrangeira principalmente Argentina. Conforme Colodel, a região era dominada por impérios agrícolas:

De qualquer forma a presença estrangeira no Oeste do Paraná terá como consequência a estruturação de todo um universo social, com formas de exploração e de dominação específicas; alicerçadas no mandonismo local e tendo como centro verdadeiros impérios agrícolas – as Obrages. (COLODEL, 1988, P. 34)

A primeira atividade econômica regional, baseada no extrativismo de erva mate, surgiu a partir de interesses de empresas argentinas conhecidas como Obrages que conseguiram junto ao governo a concessão de grandes extensões de terras. No final do século XIX e início do século XX a região era dominada pelas Obrages, estas empresas contratavam trabalhadores paraguaios conhecidos como Mensus, toda a produção era escoada por portos nas barrancas do Rio Paraná rumo à Argentina (COLODEL, 1988).

A existência de uma floresta abundante com muita madeira e erva mate, a falta de interesse dos capitalistas brasileiros por esta região, o difícil acesso por via terrestre,

proporcionam as companhias argentinas a atuarem no extrativismo. O controle da navegação no Rio Paraná pelos argentinos e o mercado consumidor crescente no Uruguai e Argentina possibilitaram condições adequadas ao desenvolvimento desta atividade econômica.

Praticamente todo o comércio era controlado por estrangeiros e a fiscalização pelo governo brasileiro quase que inexistente. Os vapores subiam o Rio Paraná levando mantimentos para os trabalhadores das obras e desciam levando a produção de erva mate.

Dentre as obras a companhia Domingos Barthe instalou sua base de operação no porto de Santa Helena no ano de 1858, de lá os trabalhadores se espalhavam pela floresta por diversas picadas, por ser de grande extensão a área de extração do mate eram construídos alguns entrepostos onde se armazenavam a produção e distribuíam os trabalhos, bem como os viveres para os Mensus. O escoamento da produção até o porto era feita no lombo de animais ou carroções quando possível. Um entreposto conhecido como Central Barthe ficava nas imediações de Cascavel (COLODEL, 1988).

Entre o ano de instalação da companhia 1858 em Santa Helena e a década de 1930 a vida econômica de uma extensa área do Oeste Paranaense foi controlada por esta empresa argentina, que contratava trabalhadores paraguaios os Mensus, a relatos que de certa forma estes trabalhadores ficavam presos a dívidas contraídas junto a Obra, eram tratados com certa violência e vigiados constantemente por capatazes, o regime de trabalho análogo a escravidão.

O rompimento dessa estrutura teve início com a passagem da Coluna Prestes entre os anos de 1924 e 1925, os militares revolucionários buscavam reformas no Brasil e se rebelaram em São Paulo e Rio Grande do Sul, fugindo rumo a esta região encontraram uma realidade do interior do nosso país que não agradava e era alvo de suas críticas, muitos trabalhadores foram libertados de seu cárcere e voltaram ao Paraguai, visando se manter na luta muitos bens pertencentes as Obras foram confiscados (COLODEL, 1988) .

Os revoltosos que por aqui passaram foram seguidos pelos legalistas e ambos puderam observar a situação precária que esta região passava, muitos estrangeiros, dificuldade de transporte, produção e comercialização controlada por argentinos, pobreza, pouca presença do Estado brasileiro etc. Ou seja, constatou-se que precisava de mudança de estratégia de colonização.

O ciclo da erva mate trouxe pouco desenvolvimento, pois apenas alguns trabalhadores se fixaram na região e o capital movimentado foi praticamente todo escoado para a Argentina, o que ficou foram alguns pequenos núcleos populacionais as margens do Rio Paraná e o que talvez seja o mais importante foi o reconhecimento da área e certo número de picadas e

estradas abertas pelas obras que serviram de base para a colonização. Para Cascavel estas vias de circulação desempenham papel fundamental visto que é a partir delas que se desenvolveu os núcleos populacionais que deram origem a cidade, outro aspecto a considerar é a existência da Central Barthe em suas imediações esta infraestrutura que era usada também como centro de administração da produção do mate passou a desempenhar papel centralizador da primeira grande madeireira de Cascavel.

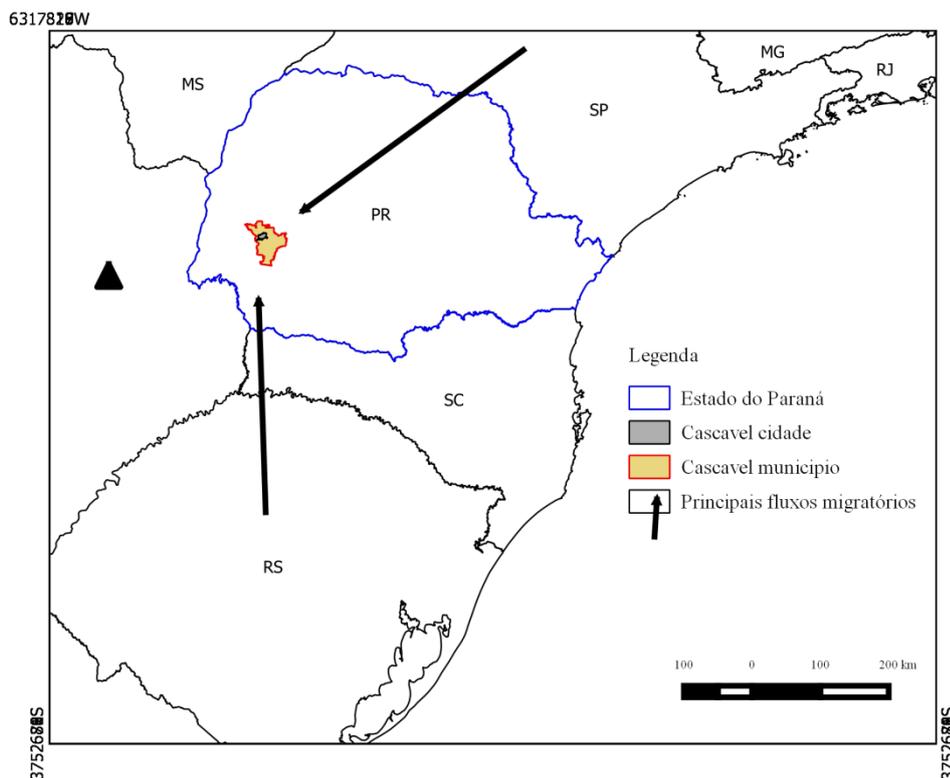
2.2 A GÊNESE DA CIDADE DE CASCAVEL E O CICLO DA MADEIRA

A formação sócio-espacial que Cascavel está inserida tem raízes na colonização de europeus que se estabeleceram no Sul do Brasil, em especial a influência de imigrantes alemães e italianos (século XIX), estes ocuparam as terras em regime de pequenas propriedades e como aponta Medeiros, (2006), o relativo isolamento e demais condicionantes contribuiu para desenvolverem uma economia com alto grau de divisão social do trabalho criando condições de surgir empresas familiares que se especializaram e cresceram se tornando grandes empresas nacionais. Guardada as devidas proporções impostas por condicionantes históricos no Oeste Paranaense houve uma reprodução deste processo.

Até o início da década de 1930 a Região Oeste era isolada com poucos habitantes e sua economia dependente de empresas Argentinas em decadência, Segundo Padis, (2006) o começo do fim da estagnação teve início na década de 1930, quando o estado do Paraná apoiado no governo federal, anulou títulos de terras, concentrou esforços em acabar com o isolamento do Oeste estabelecendo ligação via terrestre. Assim se intensificou a abertura de estradas no Paraná vindo do leste, do sudoeste e do norte em direção ao Oeste Paranaense. Juntamente com as vias de comunicação vários núcleos populacionais foram se formando. No que tange a migração pelo Sudoeste do Paraná a frente gaúcha veio em direção ao Oeste, enquanto pelo norte a frente paulista e mineira veio atingir também o Oeste, veja a figura 03. Porém, o destaque na colonização é atribuído as colonizadoras gaúchas que fizeram o papel de comercialização das terras (COLODEL, 1988), (PIAIA, 2013), (SPERANÇA, 1980), (PADIS, 2006).

O crescimento populacional rural no Rio Grande do Sul e o conseqüente parcelamento das propriedades, por motivos de herança, inviabilizaram a produção agrícola e criaram um fator repulsivo naquele estado. As cidades gaúchas não absorveram esta mão de obra excedente e a alternativa foi migrar para fora do estado.

Figura 03: Mapa dos principais fluxos migratórios para Cascavel entre 1940 e 1960



Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Elaborado pelo autor.

Ao emigrar, essa população, marcada por traços culturais e econômicos de quase um século estava condicionada por vários fatores a realizar uma ocupação e um povoamento com características bastante peculiares e quase específicas. Por esse motivo, acabaram, em grande parte, reproduzindo nessas áreas o mesmo modelo de ocupação ítalo-germânica registrado no Rio Grande do Sul. (PADIS, 2006, P. 227)

O conjunto de condicionantes que veio contribuir para a ocupação do Oeste Paranaense, engloba a atuação do Estado sob a política da interiorização do Governo Vargas, ao mesmo tempo, se teve a formação de um excedente de população nas áreas de colonização mais antiga, a presença do capital privado das colonizadoras. Somam-se a isso, os reflexos da crise mundial da quebra da bolsa de Nova Iorque, fato esse que marcou a fase “b” do 3º Kondratieff (1920-1948), caracterizado pela crise do café no Brasil.

O declínio da extração de mate como principal atividade econômica abriu espaço para o crescimento da exploração da madeira, durante mais de vinte anos ocupando este posto não é considerada de muita importância por Padis, (2006). No entanto, mesmo antes de se tornar município em 1951, a cidade de Cascavel teve seu crescimento urbano, nas décadas de 1940 e 1950, atrelado as indústrias madeireiras.

A exemplo de grande parte do Paraná, a região de Cascavel desenvolveu a atividade madeireira em função dos mercados consumidores externos (Argentina, Uruguai, Inglaterra, Alemanha) e internos (São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília).

Apesar de toda legislação que os diversos Governos paranaenses ' tentaram estabelecer, visando a preservação das matas do Estado, desde 1904, o esgotamento florestal foi crescente, principalmente após 1935, quando a madeira começou a participar, com maior intensidade, das exportações brasileiras. A abertura do mercado europeu, para o pinho brasileiro, concorreu, juntamente com a expansão dos mercados platinos, para a maior devastação das regiões centro-sul e oeste do Paraná, onde eram encontradas grandes concentrações da araucária angustífolia. (LAVALLE, 1981, P.126)

Sperança (1980) relata a presença de várias madeireiras, sendo a primeira pequena serraria instalada em 1930 as margens do Rio Cascavel, no entanto, no ano de 1942 a aquisição da Central Barthe pela família Lupion veio inaugurar um período de investimentos no setor. Uma grande empresa de beneficiamento de madeiras foi inaugurada em 1946, pertencente a Moises Lupion (futuro governador do Paraná) o controle dela passou a Industrial Madeireira do Paraná em 1948. A importância desta atividade econômica neste período é tamanha que:

No início da grande arrancada econômica da madeira cascavelense e oestina, são muitos os pequenos serradores e progressistas as madeireiras melhor organizadas. Toda a população do povoado de Cascavel entre 1935 e 1955 vive praticamente em função da atividade extrativa, a ponto de ser lícito afirmar que a madeira desmembrou Cascavel do Município de Foz do Iguaçu, a 14 de novembro de 1951, a exemplo de outros municípios como Toledo. (SPERANÇA, 1980, P. 92)

A exploração da madeira se tornou uma atividade precedente a agropecuária, a floresta derrubada a “terra limpa” pronta para a população local cultivar. As propriedades rurais possuíam em média 20 ha, consideradas pequenas, assim as famílias trabalhavam com vista à subsistência com a policultura, milho, feijão, arroz, porcos, gado bovino, eram os principais produtos, sendo o excedente comercializado na própria cidade (SPERANÇA, 1980). Na metade da década de 1960 o esgotamento da madeira ocorreu paralelamente com as políticas de incentivo à produção agrícola por meio do crédito rural.

Por ocasião, da emancipação do município, no ano de 1951, a população de Cascavel girava em torno de 4.411 pessoas, sendo 90% rural, (PIERUCCINI; TSCHÁ; IWAKE; 2003) no Censo de 1960 registrou 39.513 habitantes, sendo 27.377 (69.3%) residentes no campo. Estes dados revelam um intenso processo de migração, demonstrando um crescimento da população rural, local onde a mão de obra na produção era muito exigida. A colonização

desde a década de 1940 se fez pela atuação do Estado (federal, estadual e municipal) em conjunto com a iniciativa privada (empresas colonizadoras), ambos atraindo população por meio de propaganda e incentivos. As empresas loteavam e vendiam a terra rural de maneira parcelada, e o solo urbano era cedido a quem tivesse interesse em ocupá-lo. Por outro lado haviam muitas terras devolutas e a facilidade no acesso a terra é um fator apontado por Piaia (2013) como fundamental para o crescimento de Cascavel.

Tabela 02: População urbana, rural e taxa de urbanização de Cascavel, 1960-2010

Ano	1960	1970	1980	1991	1996	2000	2010
Rural	27.377	54.971	39.814	15.224	14.260	16.696	16.156
Urbana	12.136	34.950	123.656	177.766	205.392	228.673	270.049
Total	39.513	89.921	163.470	192.990	219.652	245.369	286.205
Taxa de urbanização	31%	39%	76%	92%	94%	93%	94%

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Elaborado pelo autor.

Conforme dados da tabela 02 no Censo de 1960 a população urbana era de 12.136 habitantes (30.70%), e antes de completar 10 anos a quantidade de loteamentos particulares chegou a 29 com um total de 19.740 lotes destinados a atender a demanda crescente de uma população que viria atingir a cifra de 34.961 (38.8%) cidadãos em 1970. (CASCAVEL, 2015)⁸ Observa-se que neste período (1960-1970) a população rural também aumentou de 27.377 para 54.971 habitantes não caracterizando o êxodo rural no município a principal causa do crescimento populacional. Explica-se esta situação a partir do entendimento de que a região Oeste do Paraná teve sua colonização nas décadas de 1930, 1940, 1950, 1960 sendo o maior fluxo nesta última década, ou seja, muito recente, caracterizando como fronteira agrícola neste período. O paralelo com a economia nacional leva a percepção de que enquanto o primeiro surto industrializante na década de 1930 impulsionou uma economia urbana gerando demandas por alimentos matérias primas para as indústrias, Cascavel teve a abertura de seu processo de colonização, considerando que a formação de uma população urbana decorreu da modernização do campo que liberou mão de obra, conclui-se que parte desta migrou para as fronteiras agrícolas, e desta forma pode-se entender o processo que ocorreu neste município.

⁸ Os dados de loteamentos fornecidos pela Prefeitura Municipal de Cascavel em seu Site e via e-mail, os dados de população encontram-se nos censos do IBGE.

Em outras palavras o processo de formação de uma economia nacional, a modernização da agricultura liberou mão de obra, a indústria nascente absorveu parte desta, a urbanização gerou demandas por matérias primas e parte da população foi direcionada as fronteiras agrícolas para produzir para o mercado interno crescente.

A atividade de extração da erva mate contribuiu para a abertura de vias de circulação (embora precárias) e o reconhecimento do território do Oeste Paranaense, a extração da madeira atrelada a colonização estimulou a fixação de população atraindo investimentos na cidade pela instalação de indústrias madeireiras, além disso, sendo precedente ao desenvolvimento da agropecuária abriu caminho para uma nova atividade visto que retirava a vegetação nativa deixando as terras propicias ao cultivo de vegetais e criação de animais, vale ressaltar que conforme Rippel (2005) a colonização e a extração de madeira pode ser dividida em dois períodos, antes da década de 1960 os colonos com menos recursos financeiros, portanto, desenvolviam uma agricultura de subsistência, até mesmo devido a falta de incentivos governamentais e dificuldade de comercialização e transporte, e no período pós 1960 em que se começa a praticar uma agricultura mercantil estimulada e financiada pelo Estado.

Para entender melhor a relação entre o urbano e o rural em Cascavel e identificar as transformações espaciais decorrentes, é importante compreender como se formou os principais complexos agroindustriais presentes na região, sendo assim, a cadeia de grãos, com destaque para o soja e o milho, bem como a pecuária enfatizando a cadeia de gado leiteiro e a avicultura. Da mesma forma, a infraestrutura produzida para atender as demandas destes complexos agroindustriais (CAIS) tornam se imperial no processo, também se faz necessário demonstrar como se formou capital local e desenvolveu algumas empresas, neste sentido optou-se por escrever algumas páginas sobre o transporte, a empresa Comil, Coopavel e a avicultura.

CAPÍTULO III

3 - AGRONEGÓCIO E O DESENVOLVIMENTO DAS FORÇAS PRODUTIVAS EM CASCAVEL

O movimento ascendente e descendente da economia mundial produz reflexos na configuração espacial brasileira. Os ciclos de Kondratieff provocam alterações nas relações econômicas do Brasil com outras nações. No caso do Oeste Paranaense, sua ocupação ocorreu a partir da década de 1930. Este período é marcado por políticas voltadas ao processo de industrialização pelo processo de substituição de importação, ou seja, o país buscava se proteger dos efeitos da crise mundial provocado pelos ciclos longos, desenvolvendo e ampliando o mercado interno. Porém, o forte do processo de colonização e abertura da fronteira agrícola se passou entre 1950 e 1970, quando a economia mundial estava em processo de expansão da fase “a” do 4º ciclo longo.

No processo de desenvolvimento da DTT coube ao Oeste Paranaense o papel de fornecer produtos agropecuários para atender as necessidades do mercado interno de alimento mais barato aos trabalhadores urbanos e ao mesmo tempo produzir *commodities* para ajudar na balança comercial. A mudança na base técnica da agropecuária e o desenvolvimento das forças produtivas proporcionaram alterações espaciais consideráveis e o processo de urbanização de Cascavel foi fortemente influenciado por todos estes aspectos.

O desenvolvimento das forças produtivas voltadas ao agronegócio, alicerçada em políticas públicas e investimentos públicos e privados fez surgir no Brasil os CAIS, estes se estruturaram por todo o país, no Oeste a produção de grãos com destaque para a soja, o trigo e o milho na agricultura, na pecuária o leite, os suínos e a avicultura de frangos. A estruturação destas cadeias proporcionaram crescimento de agro serviços e infraestrutura voltadas ao atendimento de suas necessidades, isso provocou o aumento da urbanização visto que a cidade se tornou lócus de oferta de atividades urbanas (principalmente agro serviços e agroindústrias) voltadas as cadeias produtivas da Região, da mesma forma cresceu a oferta de serviços relacionados ao consumo não produtivo às empresas e à população da Região.

A separação entre urbano e rural perdeu sentido com o passar do tempo, o campo se urbanizou e conforme Silva (1997) do ponto de vista espacial o rural pode ser entendido como um *continuum* do urbano, sendo que olhando pelo viés da economia, a cidade não pode ser identificada apenas pela atividade industrial e o campo com a pecuária e agricultura. Assim pode-se perceber cada vez com mais intensidade características urbanas no campo, Silva (1997) chama atenção para a redução de postos de trabalho no meio rural e aumento de pessoas residentes no campo que se dedicam a atividades não agrícolas no Brasil, no mesmo sentido enfatiza o crescimento do consumo nestes espaços.

É importante frisar que a forma que se produz no campo brasileiro atualmente demanda alto consumo produtivo, gerando uma série de agro serviços a montante e a jusante da produção agropecuária somando as agroindústrias, todo este volume de negócios gerados ao longo da cadeia produtiva se confunde com a divisão da economia em setor primário, secundário e terciário dificultando a identificação das atividades voltadas ao agronegócio.

O processo de modernização que passou a produção agropecuária brasileira na segunda metade do século XX provocou mudanças espaciais significativas, a estruturação dos complexos agroindustriais criaram demandas de infraestrutura que ao serem construídas alteraram as formas e funções dos espaços, a rede de transporte é um bom exemplo disso, com o objetivo de deslocar pessoas e mercadorias reduzindo o tempo entre a produção e consumo esta atividade gera muito investimento em infraestrutura e demanda de serviços para construção e manutenção. Uma das consequências deste processo de modernização é o reforço na urbanização pelo acréscimo de agro serviços e agroindústrias.

Em Cascavel o agronegócio se estruturou ao longo dos últimos 40 anos especialmente a partir da década de 1970, destaca-se a produção de grãos de soja, trigo e milho na agricultura e na pecuária frangos, suínos e leite de bovinos. A atividade na propriedade rural é apenas uma etapa do processo produtivo, ou seja, existe uma dependência em relação ao que ocorre antes e depois da produção, uma análise apenas da “porteira para dentro” se torna equivocada, a soja, por exemplo, emprega poucas pessoas na produção direta, no entanto o volume de negócios que ela movimenta a montante e a jusante proporcionam muitos investimentos, renda e empregos, pode-se questionar a apropriação dos benefícios econômicos ao país em relação ao CAI da soja mas é inegável sua importância. No entanto, este trabalho visa refletir a relação entre o rural e o urbano no município de Cascavel e para tanto é fundamental entender que a inserção regional na Divisão Territorial do Trabalho (DTT) e a intensificação da Divisão Social do Trabalho (DST), contribuiu para o aumento de atividades produtivas e reforçou o processo de urbanização.

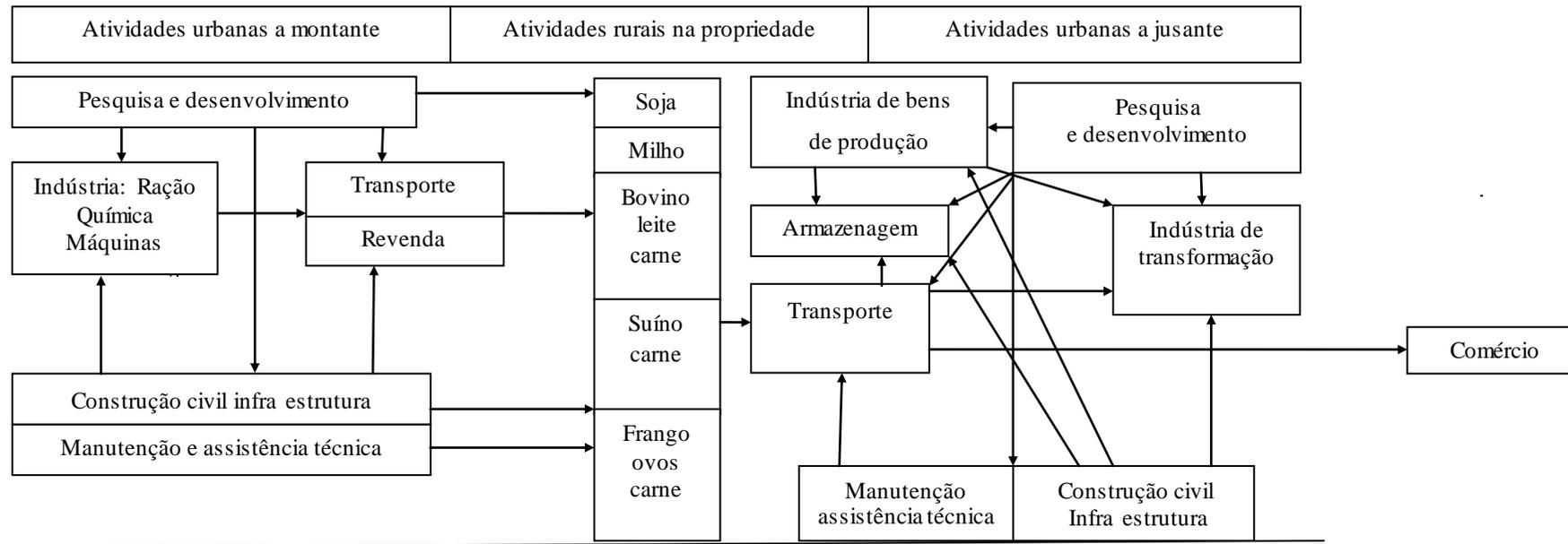
Assim o Oeste Paranaense se insere na DTT como grande produtor agropecuário destacando-se nas cadeias de soja, trigo, milho, frango, leite e suínos. A demanda de agro serviços e agroindústrias, se distribui pelas cidades da região, Cascavel se destaca neste aspecto ao longo do tempo. A especialização nestas cadeias decorre de condicionantes sociais e naturais, no entanto faz parte de um processo maior e está relacionado com a estruturação do capitalismo no Brasil e sua participação na economia mundial. A DST que se intensifica com o passar do tempo é fruto de transformações nas forças produtivas, a mudança na forma de produzir tem forte dependência de tecnologia o que leva a uma forte ligação com os países mais desenvolvidos.

A figura 04 visa mostrar as principais atividades urbanas que se desenvolvem para atender o agronegócio regional, estas atividades poderiam servir a qualquer outra produção e da mesma forma poderiam estar em qualquer outra cidade da região, no entanto a maior parte delas nasceram e cresceram em Cascavel, ou seja, a cidade concentrou a oferta de agro serviços na Região Oeste, ocupando posição de destaque neste quesito cresceu e urbanizou-se mais que as demais cidades do Oeste.

Além da atividade na propriedade rural, existe toda uma gama de atividades urbanas envolvidas nas cadeias do agronegócio, a montante pode-se citar as atividades de produção intelectual e científica, a indústria de máquinas, equipamentos e química e os serviços de transporte, construção, manutenção da infraestrutura e o comércio nas revendas. A jusante algumas atividades urbanas citadas acima se repetem, surgindo outras como as agroindústrias e armazenagem.

Durante o processo de transformação da base agropecuária brasileira Cascavel se tornou receptora do excedente de mão de obra rural e concentrou atividades urbanas na Região Oeste, a cidade recebeu investimentos públicos e privados estruturando e especializando-se em ofertar agro serviços, dentre as atividades a montante a construção civil a manutenção, a assistência técnica e a revenda de máquinas equipamentos e insumos cresceram substancialmente, no entanto a indústria de peças, máquinas e equipamentos agrícolas merecem destaque, pelo surgimento a partir de capital local, como exemplo mais específico a Comil Silos e Secadores. Nas atividades a jusante, além dos serviços de comércio, manutenção, assistência técnica, armazenagem, o transporte e a agroindústria ocupam posição privilegiada sendo a segunda distribuída principalmente entre a Coopavel, Globoaves, Diplomata, Moinho Badotti, Moinho Tradição e Moinho Iguacu.

Figura 04: Fluxograma das atividades urbanas do agronegócio do Oeste Paranaense



Fonte: elaborado pelo autor.

Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) a receita bruta da agropecuária brasileira em 2014 foi de 427,29 bilhões de reais destacando-se na agricultura os grãos de soja (R\$ 83,85 bilhões) e milho (R\$ 28,20 bilhões), na pecuária a carne bovina com R\$ 74,57 bilhões. A Região Sul contribui com 111,46 bilhões cerca de 25% da renda brasileira, o Paraná participa com 46,62 bilhões representando 41% da renda do Sul e 10% da nacional,(CONAB, 2016). Isso vem reforçar o posicionamento do Paraná na economia nacional como grande produtor agropecuário e desta forma mostrar sua inserção na DTT, a tabela 03 mostra os principais produtos agropecuários do Oeste Paranaense e sua renda bruta no ano de 2014, pode se afirmar que Cascavel, sendo a principal aglomeração urbana do Oeste drena grande parte desta renda pelo consumo produtivo e não produtivo.

Tabela 03: Receita bruta dos principais produtos da agropecuária do Oeste em 2014 (R\$ bilhões)

	Brasil	Sul	% S/BR	Paraná	% PR/S	Oeste	% O/PR	Cascavel	% CSC/O
Soja	83.85	29.88	36%	15.19	51%	3.4	22%	0.37	11%
Milho	28.2	9.16	32%	5.43	59%	1.54	28%	0.01	1%
Trigo	2.9	2.75	95%	1.08	39%	0.24	22%	0.03	13%
Frango	45.38	10.8	24%	4.76	44%	1.5	32%	0.21	14%
Leite	34.84	11.61	33%	4.54	39%	1.08	24%	0.09	8%
Suíno	16.99	9.65	57%	2.85	30%	1.56	55%	0.04	3%

Fonte: Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) elaborado pelo autor.

A inserção do Oeste Paranaense na DTT, como produtor de agropecuários passou pela especialização da cidade de Cascavel no atendimento a demanda de agro serviços, estes impulsionaram a urbanização pela atração e fixação de população e consequentes demandas de consumo. Na sequência será mostrado alguns exemplos deste processo.

3.1 A AVICULTURA

Diante do exposto acima, nesta seção será relatado uma reflexão sobre o agronegócio, enfatizando aspectos considerados relevantes para o entendimento do processo de desenvolvimento econômico e urbano da cidade de Cascavel. Assim entendendo que a avicultura desempenha um papel fundamental, nas próximas linhas será traçado um breve relato de como esta atividade cresceu se tornando um complexo agroindustrial muito importante no Paraná.

No Brasil o consumo de carne de frango cresceu muito nos últimos 20 anos, segundo relatório anual (ABEF, 2008, 2014) da Associação Brasileira de Produtores e Exportadores de Frango (ABEF) este passou de 11,8 kg/hab./ano em 1988 para 42,7 kg/hab./ano em 2014. Conforme Espíndola, (2012), a produção e produtividade alcançada, está relacionada a inovações tecnológicas em processo e produtos. A melhora da genética, da nutrição, do manejo, da sanidade e da instalação vem como resultado de pesquisas científicas. A difusão desse processo estruturou a cadeia produtiva e provocou consideráveis alterações na divisão do trabalho e a reestruturação do espaço. O BNDES, (1995) aponta a necessidade de obter carne mais barata e em menos tempo para suprir a demanda criada pela Segunda Guerra Mundial, como um fator que fez os Estados Unidos da América (EUA) investir em melhoramento genético das aves, no Brasil a importação de matrizes norte americanas na década de 1950 marcou o início de investimentos na avicultura moderna.

Embora tenha iniciado em São Paulo o desenvolvimento desta atividade ocorreu especialmente na Região Sul do Brasil, alavancada por diversos fatores, a formação sócio-espacial, os investimentos em pesquisas por parte de empresas privadas e do poder público. Na década de 1970 a indústria brasileira de frangos cresceu em média 12% ao ano (BNDES, 1995), também associado ao crescimento da produção de soja e milho, matéria prima para a fabricação de ração. Já na década de 1980 o frango brasileiro começou a ser exportado e o Brasil se tornou um dos maiores produtores do mundo. A produção de frangos atingiu a marca de 12,69 milhões de toneladas no ano de 2014, deste total, 67,7% destinados ao mercado interno e 32,3% exportados (ABPA, 2015). O Paraná contribuiu com o maior percentual dentre os estados da federação 32,26%.

Na Região Oeste do Paraná a avicultura teve seu primeiro impulso na década de 1970 com a implantação de um frigorífico da Frigobras/Sadia (hoje BRF) na cidade de Toledo, atualmente é a região do estado que mais produz frangos, contando com a atuação de cooperativas agroindustriais como a Coopavel, a Copacol, a C.Vale, a Lar e a Copagril, além

da atuação de demais empresas como a BRF, Globoaves e Diplomata, esta concentração da atividade na região tendo a Sadia como ancora e as demais indústrias como imitadoras, segundo Belusso (2010) caracterizando um cluster⁹ produtivo. A produção regional que no ano de 1980 foi de 10.084.680 cabeças, alcançou o total de 88.654.080 cabeças em 2014 (IBGE/IPARDES) representando 29,3% do efetivo paranaense, os dados apontam que a cada dez anos a produção dobrou, comportamento semelhante ao que aconteceu no estado.

A cadeia produtiva do frango se estabeleceu e se desenvolveu na Região a partir da expectativa de demanda e a abertura de mercados consumidores, aproveitando-se da organização das cooperativas e da alta produção de grãos. O pioneirismo do grupo Sadia é apontado por Espíndola (2005) como estratégia de desdobramento espacial do capital visando aproveitar as vantagens recebidas e especialmente ficar próximo à matéria prima. As demais empresas, cooperativas ou não, entraram no ramo da avicultura se aproveitando de condições favoráveis proporcionadas pelo mercado, como exemplo segue abaixo um pouco da história da Globoaves.

O grupo Globoaves nasceu como uma loja para fornecimento de produtos agropecuários em Toledo no ano de 1974, a família Kaefér proprietária da empresa investiu na produção de ovos e pintainhos de um dia, mudou sua sede para Cascavel em 1985, passou a fornecer pintainhos à Sadia e ampliou seus negócios (SILVESTRO, 2005). Em 1995 uma parceria com a *coobvantress*¹⁰ passou a vender matrizes de corte *Cobb*, de postura *Hisexaves* caipiras *Labelrouge*, assim cresceu seu mercado fornecendo ovos e matrizes para todo o Brasil e exportando para diversos países. Em 2003 passou a atuar no abate com a aquisição de frigoríficos da empresa Chapecó em Cascavel e em Espigão do Oeste no estado de Rondônia. Neste processo de crescimento o número de empregados aumentou de 370 em 1995 para 3.902 em 2003 (SILVESTRO, 2005). Em entrevista a revista *Avisite* em 2011, Roberto Kaefér, diretor da Globoaves, afirmou que o grupo possuía 9,5 mil funcionários espalhados por 11 estados da federação (AVISITE, 2011).

Os investimentos da Globoaves entre 2000 e 2004 passaram de 12 milhões de reais (SILVESTRO, 2005), as parcerias com outras empresas e o processo de integração com produtores rurais produziu um efeito multiplicador na economia e parte disso serviu de impulso ao desenvolvimento regional e urbano da cidade de Cascavel.

⁹ Grupo de empresas com características semelhantes, que se concentram em determinado local, se comunicando, trocando experiências e fazendo parcerias quando viável.

¹⁰ A *coobvantress* é uma empresa estadunidense de produção de frangos, criada em 1916 e que desenvolveu geneticamente suas matrizes alcançando alto rendimento.

Tabela 04: Efetivo de galináceos entre 1980 e 2014

Ano	Estado do Paraná		Cascavel		Oeste Paranaense	
1980	48.367.370	Cresc.	726.165	Cresc.	10.084.680	Cresc.
1981	51.739.313	7%	730.000	1%	10.453.386	4%
1982	55.781.253	8%	826.000	13%	11.988.020	15%
1983	54.036.005	-3%	795.550	-4%	13.251.774	11%
1984	57.772.499	7%	829.050	4%	13.707.267	3%
1985	61.329.081	6%	1.312.590	58%	14.248.581	4%
1986	66.877.252	9%	1.296.659	-1%	15.459.064	8%
1987	68.097.383	2%	1.303.065	0%	15.826.449	2%
1988	66.808.109	-2%	1.330.012	2%	16.362.237	3%
1989	71.786.981	7%	1.368.060	3%	19.634.775	20%
1990	72.967.956	2%	1.097.677	-20%	20.637.605	5%
1991	77.025.792	6%	1.152.976	5%	21.189.891	3%
1992	84.379.159	10%	1.211.344	5%	23.510.974	11%
1993	85.223.163	1%	1.308.437	8%	26.756.653	14%
1994	92.431.757	8%	1.329.779	2%	28.252.724	6%
1995	110.893.243	20%	1.504.142	13%	31.261.049	11%
1996	97.185.072	-12%	3.991.017	165%	30.434.696	-3%
1997	106.626.876	10%	4.122.546	3%	34.019.619	12%
1998	111.223.452	4%	2.199.057	-47%	33.442.661	-2%
1999	123.798.010	11%	4.630.200	111%	38.271.830	14%
2000	142.477.731	15%	4.989.800	8%	40.702.401	6%
2001	152.059.777	7%	5.740.170	15%	44.641.320	10%
2002	137.607.529	-10%	5.981.181	4%	51.233.875	15%
2003	141.731.920	3%	7.062.973	18%	52.455.573	2%
2004	158.927.294	12%	7.015.695	-1%	55.974.061	7%
2005	171.654.042	8%	7.462.390	6%	58.501.932	5%
2006	181.499.881	6%	7.157.501	-4%	61.361.457	5%
2007	217.639.868	20%	7.352.572	3%	74.325.001	21%
2008	237.876.028	9%	6.903.366	-6%	81.490.414	10%
2009	252.909.134	6%	6.521.000	-6%	71.890.792	-12%
2010	265.520.607	5%	6.597.500	1%	78.059.297	9%
2011	260.682.737	-2%	6.768.149	3%	75.588.613	-3%
2012	258.129.857	-1%	4.257.793	-37%	74.758.577	-1%
2013	275.822.799	7%	4.385.526	3%	78.715.045	5%
2014	301.885.901	9%	4.515.265	3%	88.654.080	13%

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social - IPARDES Elaborado pelo autor.

Toda a estruturação da cadeia passou pela construção de aviários, frigoríficos e demais edifícios para abrigar a produção de ovos, pintainhos etc., da mesma forma a fabricação, transporte, comercialização, e instalação de máquinas e equipamentos ampliou a demanda por serviços urbanos. Isso pode ser identificado nos demais municípios em que o complexo

agroindustrial do frango se desenvolveu, sendo que do ponto de vista regional Cascavel merece destaque. Considerado a divisão CNAE 2.0 grupo, a atividade que mais movimentou empregos na Região entre 2007 e 2015 foi abate e fabricação de produtos de carne entre admitidos e demitidos chegou a cifra de 296.385, Cascavel atingiu o total 77.880 registros (CAGED, 2016).

As empresas concorrem entre si, mas ao mesmo tempo criam estratégias de aquisições, fusões e parcerias (ESPÍNDOLA, 2005), buscando ampliar e controlar o mercado, no mesmo sentido isso pode significar a redução de custos. Espíndola, (2005) identificou o caso da Globoaves que adquiriu frigorífico da Chapecó no ano de 1996 e uma parceria celebrada em 1999 entre Sadia (fornecendo a marca), Chapecó (maquinário) e Globoaves (pintinhos). Belusso, (2010) aponta a prestação de serviços à Sadia pela C.Vale por ocasião de incêndio em indústria de termoprocessados¹¹ em 2006, no ano de 2010 a Copacol firmou parceria com a Copagrill que passou a abater frangos por um período determinado. Isto também reforça a ligação entre as empresas do CAI do frango, evidenciando o aparecimento de agro serviços destinados ao atendimento regional.

A avicultura gera uma cadeia de agro serviços considerável os empregos diretos e indiretos e a renda desta atividade é muito significativa na Região Oeste. Conforme pode ser observado na tabela 04 o efetivo de galináceos cresceu consideravelmente desde 1980 sendo que em 2014 Cascavel possuía um plantel de 4.515.265 cabeças o que representava 4,5% da produção dos 50 municípios da Região Oeste o destaque deste município vai além da produção na propriedade rural, a oferta de agro serviços a montante e a jusante é concentrada em algumas cidades destacando-se Toledo, Marechal Cândido Rondon, Medianeira, Palotina, Foz do Iguaçu e principalmente Cascavel. Não é por acaso que estas cidades são as mais urbanizadas do Oeste Paranaense, a presença de empresas integradoras dotadas de infraestrutura de atendimento as necessidades dos produtores rurais, tais como a oferta de mercado garantido, assistência técnica, fornecimento de insumos, facilitação de financiamento, transporte e processamento da produção, atrai investimentos e população, gera uma rede de agro serviços e movimenta uma série de atividades urbanas. Na sequência, será tecido algumas considerações sobre a atividade de transporte por entender que esta foi e é fundamental no crescimento do agronegócio estando o seu desenvolvimento regional vinculado a demanda gerada pelo desenvolvimento das forças produtivas da agropecuária.

¹¹ Fábrica de cozidos, assados e fritos de frango.

3.2 OS TRANSPORTES

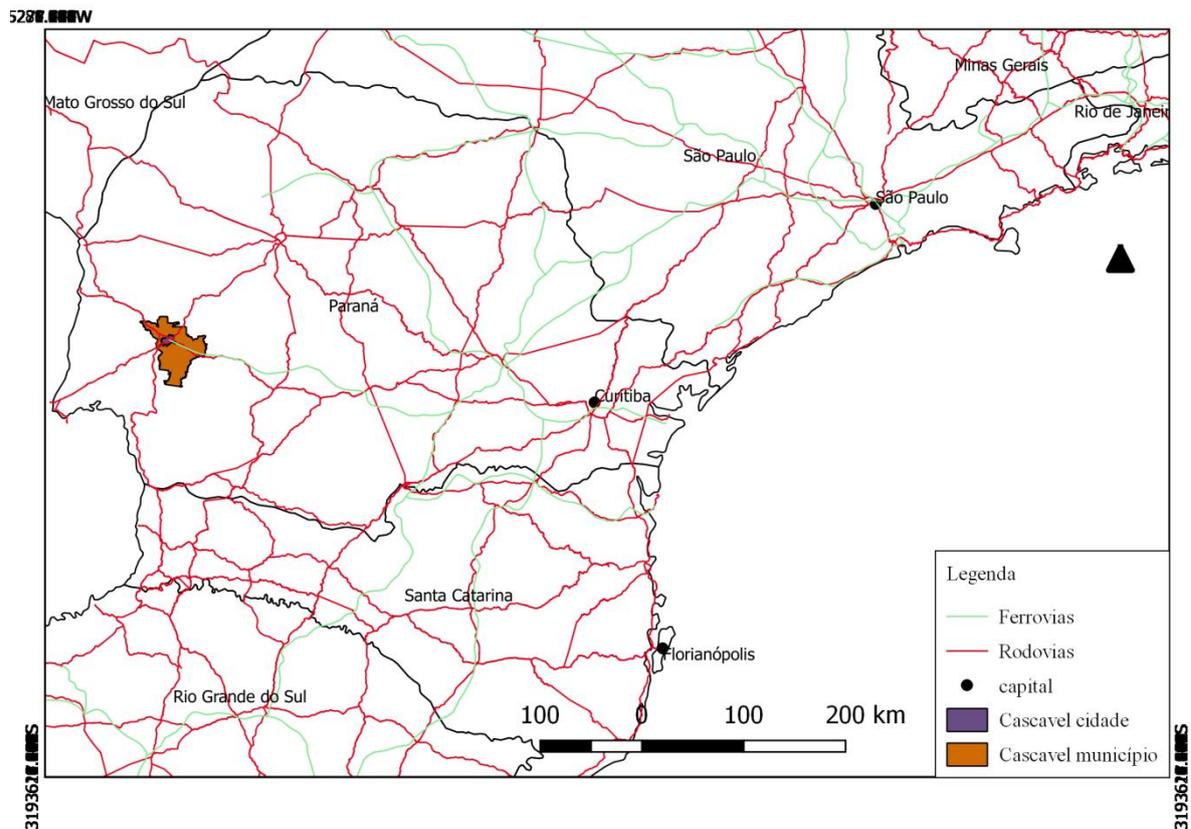
Decisiva na ocupação das terras do Oeste Paranaense, a Nova República (pós 1930) promoveu a colonização através da ação de empresas que usaram a rede de circulação deixada pelas Obras como base para o loteamento das terras e criação das cidades. O transporte foi gradativamente redirecionado para o leste em direção a Curitiba, e o oeste fortaleceu sua ligação econômica com o estado de São Paulo e Rio Grande do Sul pela abertura de estradas. As políticas públicas de integração nacional provocaram a instalação da Comissão de Estradas de Rodagem do Paraná – Santa Catarina em 1931, em 1938 a criação do Departamento Nacional de Estradas e Rodagem (DNER) e em 1941 o Programa Rodoviário Marcha para o Oeste. Assim em 1941 teve início a construção de uma estrada federal ligando Ponta Grossa a Foz do Iguaçu, conhecida inicialmente como BR 35 passando a se chamar BR 37 e sendo o mesmo traçado da atual BR 277 (SPERANÇA, 1985). No ano de 1946 o Paraná criou o Departamento de Estradas e Rodagem (DER) o que possibilitou a captação de recursos dos impostos sobre combustíveis, para se ter uma ideia, da precariedade das estradas segundo Lavalle (1974) no ano de 1959 a malha rodoviária paranaense tinha 8.155 km de extensão e apenas 181 km asfaltado.

Investimento na melhoria da qualidade do transporte se fazia necessário, isso fez parte das políticas públicas dos anos 1960 e 1970. No Oeste é a rodovia BR 277 ligando ao leste do estado, a rodovia BR 369 de Cascavel rumo ao Norte Paranaense, a rodovia BR 163 nos sentidos Sul e Norte do Brasil, e a 467 ligando Cascavel a Toledo, passaram a receber melhorias se tornando importantes para a economia local. O ciclo da agricultura se desenvolveu e a modernização da agricultura envolveu a produção mercantil de grãos e as rodovias se tornaram a única maneira de escoar a safra e ao mesmo tempo utilizada para transportar insumos utilizados na produção e bens industrializados em outras regiões do país.

A opção brasileira pelo transporte rodoviário provocou diversas críticas, o alto custo de manutenção, os interesses das grandes montadoras de veículos, a baixa eficiência do sistema são algumas. Ainda na época do Império haviam estudos da construção de um ramal ferroviário da Companhia São Paulo Rio Grande cortando o Paraná de leste a oeste, (COLODEL, 1988) a não concretização da obra atrasou o desenvolvimento regional, mas a ideia foi retomada no final da década de 1980, quando foi criada em março de 1988 a Ferroeste (Estrada de Ferro Paraná Oeste S.A), esta recebeu a concessão por meio do Decreto do Governo Federal nº 96.913/88, para construir uma ferrovia ligando a cidade de Guarapuava a Cascavel. No ano de 1991 a Assembléia Legislativa do Paraná autorizou o

Estado a compor o quadro acionário da empresa que construiu a ferrovia até 1996, quando entrou em operação. O objetivo era a agilidade no escoamento de grãos e a redução do custo de frete. O projeto levado a cabo durante o primeiro mandato do governo Roberto Requião (1991-1994) foi concluído no mandato primeiro de Jaime Lérner (1994-1998), que privatizou a Ferroeste no ano de 1996. Em 2003, durante o segundo mandato do governador Roberto Requião (2002-2006) a ferrovia foi reestatizada e passou ao controle do estado em 2006.

Figura 05: Mapa das principais vias de transporte do Paraná



Fonte: base da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. E do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transporte –DENIT. Elaborado pelo autor.

O chamado neoliberalismo dos anos 1990 provocou uma onda de privatizações no Brasil, no Paraná e tratando diretamente da Região Oeste, o caso da Ferroeste e das concessões das rodovias BR 277 e 369 veio contribuir para encarecimento do frete e gerando insatisfação na população local. O agronegócio responsável pela geração de riquezas e dependente das vias de transporte, buscava a redução de custos com a criação da ferrovia, porém, passou a conviver com o aumento constante nas tarifas do pedágio. O Oeste Paranaense a partir da década de 1990 demandou investimentos em transporte, o objetivo era agilizar a ligação entre os centros produtores e consumidores, de grande monta pode-se

destacar a Ferroeste, duplicação da BR 467 entre Cascavel e Toledo e a duplicação da BR 277 entre Foz do Iguaçu e Matelândia. Estes reforçam a interligação entre os municípios da Região, porém são insuficientes para ampliar a participação do agronegócio local em outras regiões do país.

A Ferroeste tem uma estrada de ferro ligando Cascavel a Guarapuava, são 284 km de trilhos, 15 locomotivas e 300 vagões, (BOREK, 2016) os grãos produzidos no Oeste são os principais produtos transportados, seguidos de fertilizantes destinados a produção de grãos, a capacidade instalada é de cinco milhões de toneladas de grãos no ano. No entanto, no ano de 2015 transportou 324 mil toneladas de grãos, sendo o total de cargas movimentadas 734 mil toneladas. Segundo o gerente comercial da ferrovia, senhor Joani Borek a Ferroeste é a mais moderna estrada do Sul do Brasil, sendo a principal dificuldade que impede de operar com sua capacidade máxima, o gargalo entre Guarapuava e o Porto de Paranaguá, trecho administrado pela América Latina Logística (ALL), empresa privada responsável pelo transporte em um percurso antigo, provocando atrasos. Outro fator a considerar é que embora parte da produção seja transportada em direção ao Porto de Paranaguá, este não é o único destino, a ferrovia só transporta naquela direção e por via rodoviária atinge-se mais locais.

O pátio da ferrovia em Cascavel é administrado em formato de condomínio pela Ferroeste sendo algumas empresas operando com terminais concedidos via licitação. Operam no terminal da Cascavel as seguintes empresas: A.B. Comércio de Insumos, Bunge Alimentos, Bunge fertilizantes, Cargill, Cia Ipiranga, Coopavel, EADI, Imcopa, Moinho Iguaçu, Transportadora Binacional, Votoran e Sadia. Observa-se a forte participação do setor do agronegócio como principais clientes da ferrovia, bem como a presença de empresas estrangeiras.

Dentre as ferrovias brasileiras a Ferroeste é a que possui menor quantidade de locomotivas e menor movimentação de cargas, estudo elaborado pela Confederação Nacional de Transporte (CNT, 2016) faz um levantamento da situação do transporte ferroviário, os principais dados do ano de 2015 foram sintetizados na tabela 05, e demonstram que a nível nacional, comparando com a demais estradas de ferro, a importância da Ferroeste é muito reduzida, no entanto a nível regional contribui significativamente transportando parte da safra, retirando caminhões das rodovias e reduzindo do custo de transporte.

Tabela 05: Panorama das ferrovias brasileiras em 2015

Ferrovias	Vagões	Extensão (km)	Pessoal	Locomotiva	TKU ¹² milhares	TU ¹³ milhares	Investimento (milhões R\$)
ALLMN	5.429	735	2.022	195	26.110	16.747	308,5
ALLMO	1.123	1.953	892	47	1.067	4.560	2,1
ALLMP	3.339	2.107	2.897	282	3.667	4.734	23,4
ALLMS	11.762	7.223	5.893	445	14.058	20.938	42,4
EFC	18.690	997	4.243	284	118.584	134.713	4.408,6
EFVM	20.850	888	4.832	314	77.156	132.976	70,7
FERROESTE	650	248	164	11	133	369	2,8
FCA	15.866	7.215	7.080	856	20.932	26.128	347,8
FNS	1.389	745	819	65	4.423	5.428	121,5
FTC	426	163	314	15	273	3.527	1,0
MRS	19.476	1.799	9.639	768	64.754	139.695	330,8
FTL	1.715	4.277	1.346	92	564	1.220	1,7

Fonte: Confederação nacional de transporte (CNT, 2016) elaborado pelo autor

Conforme dados da tabela 06 no ano de 2015 a Ferroeste movimentou 73.466,82 toneladas úteis, a maior parte das cargas com relação direta com o agronegócio, sendo que: óleo vegetal 3%, fertilizantes 5% e grãos 44%. Esses dados, vem reforçar a tese que a Região Oeste Paranaense se insere na DTT como produtor de agropecuários, da mesma forma visa mostrar a atividade de transporte vinculada ao desenvolvimento das forças produtivas da agropecuária regional.

Tabela 06: Cargas transportadas pela Ferroeste entre 2011 e 2015

Ano	2011		2012		2013		2014		2015	
Produto	Mil TU	%	Mil TU	%						
Inflamável	1.035	1%	3.755	5%	8.971	15%	5.686	7%	4.737	6%
Fertilizantes	15.122	19%	13.430	19%	6.736	11%	8.730	11%	3.549	5%
Grãos	34.863	44%	30.849	43%	19.983	33%	33.052	43%	32.440	44%
Conteiner	11.183	14%	11.334	15%	14.477	24%	16.764	22%	20.457	28%
Cimento	16.327	21%	12.908	18%	10.628	17%	10.663	14%	10.222	14%
Óleo Vegetal	592	1%	128	0,2%	256	0,4%	2.278	3%	2.033	3%
Diversos	59	0,1%	0,00		64	0,1%	36	0,05%	24	0,03%
Total	79.184	100%	72.406	100%	61.118	100%	77.212	100%	73.466	100%

Fonte: Ferroeste em: http://www.ferroeste.pr.gov.br/arquivos/File/2016/Produtos2011_2015.pdf

A produção regional de grãos de soja milho e trigo em 2014 passou de 8,4 milhões de toneladas (IBGE), Cascavel contribuiu com 824 mil toneladas, o transporte de toda esta safra demanda uma frota de caminhões e consequentes serviços urbanos a ela relacionada. Segundo

¹² TKU= Toneladas por quilômetros transportado

¹³ TU= Toneladas Util.

o IPARDES, no ano de 2014, Cascavel possuía 7.941 caminhões, 24% da frota do Oeste Paranaense. Além disso, o transporte rodoviário de cargas é uma das atividades que mais movimentam trabalhadores, segundo o CAGED em 2014 foram 4.397 o total de movimentação em Cascavel, ficando em quinto lugar na classificação CNAE 2.0 grupo. A CNT divulgou em 2015 estudo sobre a eficiência no transporte rodoviário apontando o transporte a granel sólido em primeiro lugar, responsável por 39,7% das cargas no Brasil (CNT, 2015).

O agronegócio do Oeste Paranaense se tornou o principal responsável pela demanda de transporte, assim suscitou investimentos públicos e privados e a atividade de transporte ligada a produção agropecuária tem se configurado uma atividade urbana geradora de emprego e renda contribuindo para reforçar o processo de urbanização em Cascavel. Os dados apresentados são uma amostra da ligação do agronegócio com as atividades urbanas de transporte que vem somar as demais atividades e demonstrar que os agros serviços suscitados pela produção agropecuária capitalista moderna, também provocam o processo de urbanização.

3.3 A COMIL

A urbanização de Cascavel pode ser analisada por diferentes ângulos, nesta seção busca-se mostrar como a formação social influencia na produção do espaço urbano ao longo de sua história, através do desenvolvimento de sua economia e do surgimento de novas atividades e a especialização em algumas atividades. Assim, o desenvolvimento das forças produtivas, especialmente voltadas ao agronegócio, que é a base econômica da Região Oeste, provocou as mudanças espaciais. O caso da empresa Comil Silos e Secadores Ltda.,¹⁴ serve como exemplo de especialização de uma empresa local, que aproveitando a demanda gerada pelo crescimento da produção agrícola regional e nacional, utilizou a mão de obra disponível, investiu e formou capital local, contribuindo para o crescimento da cidade.

Criada no ano de 1957 quando a principal atividade econômica do município era a extração e beneficiamento de madeiras, muitas serrarias, e uma demanda de serviços para atendê-las, a manutenção das máquinas, serras, motores etc., assim esta firma se dedicava inicialmente a prestação de serviços para as madeireiras, o nome Comil era a abreviação de Conserto e Mecânica Industrial Limitada (OLIVEIRA, 2016).

Durante a década de 1960 a economia nacional estava em processo de industrialização, a transferência de atividades não agrícolas do campo para a cidade, o êxodo rural, a urbanização, e a modernização da agricultura. As políticas públicas direcionadas para tal fim englobavam a estruturação de uma rede de transporte e comunicação, neste período também se buscava formas de difusão do pacote da “revolução verde” via cooperativas ou empresas públicas de assistência técnica, a partir de 1965 o instrumento mais importante criado foi o crédito rural.

Com o passar do tempo enfraquecimento do ciclo da madeira e o fortalecimento da agricultura, a Comil passou a se dedicar a fabricação de janelas, portas, carretinhas agrícolas, triadeiras e esparramadores de calcário fabricados em madeira e ferro, também se especializou em construção de estruturas metálicas. No entanto, no final da década de 1970 e especialmente na década de 1980 os produtos voltados a secagem e armazenamento de grãos se tornaram o carro chefe da empresa.

Os bons rendimentos da agricultura brasileira como um todo, proporcionaram um crescimento da Comil e no ano de 1986 ela comprou a massa falida da indústria Incacel na

¹⁴ Informações obtidas no site da empresa e via entrevista no dia 24-05-2016, com José Orlei de Oliveira, supervisor de engenharia da Comil, ele trabalha mais de 30 anos na empresa.

cidade de Erechim RS, e passou a diversificar os ramos de atividade com a fabricação de carrocerias de ônibus. Ao mesmo tempo, a expansão do mercado consumidor de secadores nas regiões Norte e Centro-Oeste que passou a ser o principal mercado. No plano internacional, ocorreu a entrada em toda a América Latina, mas especialmente no Paraguai destacando-se como principal país comprador. Este movimento está associado as políticas de interiorização do período e a modernização da agricultura que liberou mão de obra, promovendo a expansão da fronteira agrícola e forte migração para o Norte e Centro-Oeste e para o vizinho país, conhecidos como “Brasiguaios”.

Os anos 1990 foram de consolidação dos silos como principal produto e o crescimento da produção inviabilizou a permanência da indústria no centro da cidade, pois havia a necessidade de ampliação da planta. Também neste período a diversificação de investimentos levou a transformação da empresa Mascor que era responsável pela construção e montagem, passando a atuar no ramo imobiliário, na administração de cemitério e loteamentos urbanos, a montagem e construção passou a ser terceirizada (OLIVEIRA, 2016).

No ano de 2000 ocorreu a mudança da empresa, saindo centro da cidade para o Distrito Industrial Luiz Benjamin Crespi as margens da BR 277 km 598, ainda nos anos 2000 ocorreu a abertura de sociedade e a fábrica de silos e secadores foi separada da indústria de ônibus. Porém, em 2005 o grupo decidiu investir em uma nova indústria de ônibus, agora na cidade de Cascavel, assim surgiu a Mascarello Carrocerias e ônibus Ltda. De modo geral o Grupo Mascarello que surgiu do crescimento da Comil se desenvolveu a partir de investimentos feitos com base no desenvolvimento do agronegócio.

Em entrevista com José Orlei de Oliveira, supervisor de engenharia da Comil, no dia 24-05-2016 foi destacado que nos últimos anos o mercado internacional abrange 60% das vendas, tendo os silos como principal produto responsável por 50% do faturamento, as estratégias de vendas englobam a contratação de vendedores funcionários próprios e representantes comerciais espalhados pelo território nacional e nos países da América Latina.

Visando melhorar a qualidade dos produtos e aumentar a produtividade do trabalho, a indústria investiu em máquinas importadas, as últimas aquisições feitas no ano de 2010, no mesmo sentido possui uma equipe de 7 pessoas trabalhando em pesquisa e desenvolvimento e mantém um controle de qualidade em todas as etapas da produção. Para atender a demanda a Comil Silos e Secadores dispõem de mais de 600 funcionários distribuídos em dois turnos de trabalho atuando diretamente na produção. Somados os empregos diretos das empresas do grupo chega a 2.700 pessoas em Cascavel.

Conclui-se então, que o Grupo Mascarello é um valioso exemplo de formação de capital local a partir do desenvolvimento do agronegócio, a atividade industrial da Comil cresceu a partir da demanda gerada pela agropecuária que necessitava de secadores e silos, os rendimentos obtidos foram reinvestidos em outras atividades urbanas na fabricação de ônibus pela Mascarello e na criação e administração de loteamentos pela Mascor.

A especialização da Comil decorre da demanda regional por soluções de limpeza, armazenagem e silagem de grãos, o mercado ampliou-se com o deslocamento da fronteira agrícola, mostrando a influência do crescimento do agronegócio em diversos espaços, quando se afirma que a urbanização de Cascavel teve e tem como fonte impulsionadora o desenvolvimento de agro serviços, entende-se que estes são voltados ao atendimento prioritariamente do Oeste Paranaense, no entanto algumas atividades, especialmente as industriais, extrapolam estas fronteiras atingindo até mesmo outros países.

3.4 A COOPAVEL

No Brasil, o cooperativismo se desenvolveu a partir do século XX, Farias, (2015) faz um resgate da história desta forma de organização e que remonta a sua gênese na Europa passando por alguns países e chegando a caso brasileiro. Embora tenha havido experiências anteriores neste sentido, as cooperativas brasileiras passam a ter importância econômica a nível nacional no período da formação do capitalismo industrial. Alguns fatores foram importantes para isto ocorrer: o crescimento da população, o êxodo rural, a crise econômica mundial que reduziu as exportações e a capacidade de importação.

Havia necessidade de prover alimentos baratos a crescente população urbana que se formava a partir do processo de industrialização por substituição de importações, neste contexto o Estado aproveitando de uma condição da formação social de regiões em que a colonização se fez por europeus e seus descendentes com uma maior propensão a se associarem e formar as cooperativas, passou a estimular estas organizações de produtores.

O cooperativismo brasileiro, a partir do século XX, surge com outras características, ou seja, se aquele exemplo de cooperativismo do final do século XIX possuía caráter estratégico (consumo e bem estar) para os trabalhadores, a partir do século XX, inicia-se outro cooperativismo formado principalmente por produtores rurais e direcionado à visão mercantilista, não apenas para elevar seu poder de consumo e bem estar social, mas também para fortalecer-se economicamente, aproveitando-se das oportunidades que a formação do mercado interno brasileiro passara a oferecer. (FARIAS, 2015 P. 28)

As dificuldades de acesso ao mercado externo, conjugado com a formação do mercado interno são condicionantes econômicos importantes para o desenvolvimento do cooperativismo, os produtores estimulados pelo Estado através dos serviços de extensão rural, que se utilizaram muitas vezes da estrutura das igrejas para estimular este processo (MEDEIROS, 2006), Estado que direcionou investimentos em infraestrutura e crédito visando a formação dos complexos agroindustriais. No Paraná é possível perceber a intenção deliberada de industrializar-se a partir da década de 1960, pois neste período foi criada políticas públicas para tal fim, a dependência de São Paulo era motivo de preocupação, a cultura do café, por exemplo, tinha forte ligação com o estado vizinho (OLIVEIRA, 2001). Os ideais nacionalistas e desenvolvimentistas em âmbito nacional se reproduzem no Paraná, como incentivos a agroindústria. Neste sentido, criou-se em 1962 a Companhia de Desenvolvimento Econômico do Paraná (CODEPAR) que administrava o Fundo de Desenvolvimento Econômico (FDE) e investiu em infraestrutura de transporte e energia,

direcionando empréstimos à transformação de produtos agropecuários, esta companhia é transformada em Banco de Desenvolvimento do Paraná (BADEP) em 1970 e diferente da CODEPAR, que usava recursos provenientes de tributos do estado do Paraná, o BADEP dependia de captar no mercado meios de financiar a empresas.

As políticas paranaenses aliadas as nacionais proporcionam aumento da produção e produtividade de grãos e criam condições para o desenvolvimento do cooperativismo, em contrapartida na década de 1970 para sobreviver concorrendo no mercado nacional as cooperativas precisaram se reestruturar e alterar estatutos e ampliar setores de atuação nas cadeias dos complexos agroindustrial.

Diante de um contexto favorável da economia nacional marcada pelo desenvolvimento do processo de industrialização, estruturando o departamento de bens de consumo simples, em seguida o de consumo de bens duráveis e encaminhamento do departamento de bens de produção, no ano de 1970 foi criada a Coopavel, além do acima citado, o Estado brasileiro atua decisivamente na economia proporcionando créditos e condições de investimento, no que tange ao estado de Paraná, havia uma intenção deliberada de promover a agro industrialização, para tanto, o cooperativismo foi incentivado. O papel principal da cooperativa era de intermediar as relações econômicas dos produtores e organizar a assistência técnica visando difundir novas tecnologias de produção. Neste sentido, o crédito oficial do governo era fornecido de acordo com o plano estabelecido pelo produtor em conjunto com a assistência da cooperativa, essa que também mediava a compra de insumos para o plantio e comercializava a produção.

Durante a primeira década de criação da Coopavel ocorreu a expansão de suas atividades ampliando o território de atuação, com a inauguração de seis filiais na região (COOPAVEL, 2015). Conservando suas atividades na comercialização e armazenamento da produção agrícola e seus insumos. Os principais grãos produzidos na região, soja, milho e trigo sofreram acréscimo de produção e área plantada de 1970 até 1978 quando teve uma queda para posteriormente elevar-se no ano de 1981 a um dos maiores picos da história (IBGE/IPARDES).

A década de 1980, considerada a “década perdida”, é marcada pela crise da dívida, o Brasil reduz as importações visando formar superávits. O Estado acabou com o sistema de crédito rural e abriu espaço para a iniciativa privada entrar no financiamento da produção agrícola (GONÇALVES, 2005). A Coopavel passou por reestruturação, visando contornar a crise interna que era caracterizada pelo volume de dívida maior que o patrimônio, passou a trabalhar com planejamento a longo prazo e a investir na diversificação de atividades,

principalmente agroindústrias. Entre 1980 e 1990 abriu cinco novas unidades receptoras e investiu em indústrias de rações, óleos, resíduos e subprodutos vegetais (COOPAVEL, 2015).

Tabela 07: Quadro - agroindústrias da Coopavel

Atividade	Capacidade	Ano de criação
Frigorífico de suínos	1.500 suínos/dia	1999
Frigorífico de bovinos	200 bovinos/dia	1999
Frigorífico de aves	300.000 frangos/dia	1994
Indústria de ração bovinos	60.000 toneladas/ano	1982
Indústria de ração de aves	360.000 toneladas/ano	1982
Indústria de ração suínos	80.000 toneladas/ano	1982
Indústria de esmagamento de soja	260.000 toneladas/ano	1982
Indústria de fertilizantes	200.000 toneladas/ano	1991
Indústria de embutidos de carne	6.000 toneladas/ano	Não disponível
Moinho de trigo	150.000 toneladas/ano	2012

Fonte: http://www.coopavel.com.br/wp-content/uploads/2016/02/Revista_Coopavel_Ed401V2_Site.pdf

Tabela 08: Quadro - estrutura de desenvolvimento, logística e controle da Coopavel

	Capacidade	Ano de criação
Universidade corporativa	30.000 pessoas/ano	2000
Unidade de beneficiamento de sementes	300.000 sacas/ano	1982
Matrizeiro I e II	10.000.000 ovos/ano	Não disponível
Unidade de distribuição de calcário	60.000 toneladas/ano	Não disponível
Incubatório	100.000.000 ovos/ano	Não disponível
Unidade de produção de leitões I e II	430.000 leitões/ano	Não disponível

Fonte: http://www.coopavel.com.br/wp-content/uploads/2016/02/Revista_Coopavel_Ed401V2_Site.pdf

A abertura econômica dos anos 1990 promoveu mudanças na economia brasileira, o desenvolvimentismo caracterizado pela proteção do mercado interno, marcante desde 1930, perdeu espaço para a política neoliberal. A ascensão dos interesses do mercado financeiro ao poder provocou crescente internacionalização. No plano político as privatizações ganharam força e a prioridade do governo se tornou o combate a inflação. Assim, a recessão tomou conta do Brasil neste período, desemprego, aumentou as importações e diminuiu as exportações e o déficit na balança comercial.

A Coopavel, neste contexto, seguiu diversificando seus ramos de atuação investindo em agroindústrias, inaugurou frigoríficos de aves, suínos e bovinos. Além disso, instalou indústria de beneficiamento de algodão e de fertilizantes. Ampliou sua capacidade de atendimento com duas novas unidades receptoras na região e no ano de 1996 iniciou sua exportação de frangos (COOPAVEL, 2015).

Tabela 09: Ranking do setor agropecuário 2015 segundo revista exame

Empresa	Controle	Vendas	Crescimento	Lucro	Rentabilidade
Louis Dreyfus	Francês	U\$ 3.367,8	-7,6 %	U\$ -52,4	-12,7 %
Coamo	Brasileiro	U\$ 2.380,1	-1,4 %	U\$ 167,8	18,5 %
Nidera Sementes	Chinês	U\$ 1.658,5	23,1 %	U\$ -4,4	-3,7 %
Marfrig	Brasileiro	U\$ 1.601,1	11,5 %	U\$ 218,8	-37,6 %
Minerva Foods	Brasileiro	U\$ 1.583,2	18,7 %	U\$ 111,6	-74,8 %
C. Vale	Brasileiro	U\$ 1.345,8	5,4 %	U\$ 28,7	8,8 %
Lar Caramuru Alimentos	Brasileiro	U\$ 881,3	7,4 %	U\$ 25,8	12,2 %
Cocamar	Brasileiro	U\$ 868,1	-8,1 %	U\$ 10,8	6,8 %
Comigo	Brasileiro	U\$ 782,8	1,9 %	U\$ 31,1	15,0 %
Copacol	Brasileiro	U\$ 752,3	1,7 %	U\$ 25,9	7,4 %
Belagrícola Cooperativa Agrária	Brasileiro	U\$ 682,5	14,6 %	U\$ 49,3	18,8 %
Cooperalfa	Brasileiro	U\$ 620,5	NA	NI	NI
Castrolanda	Brasileiro	U\$ 615,0	-9,8 %	U\$ 21,8	8,3 %
Integrada	Brasileiro	U\$ 554,7	3,4 %	U\$ 28,5	12,4 %
Algar Agro	Brasileiro	U\$ 549,7	7,0 %	U\$ 17,2	7,4 %
Frimesa	Brasileiro	U\$ 548,7	3,3 %	U\$ 15,4	12,7 %
Coopavel	Brasileiro	U\$ 539,3	-0,1 %	U\$ -27,8	-34,3 %
Batavo	Brasileiro	U\$ 506,1	-0,8 %	U\$ 19,3	13,6 %
CCPRMG	Brasileiro	U\$ 477,5	-1,0 %	U\$ 13,5	18,0 %
Cocari	Brasileiro	U\$ 449,4	3,6 %	U\$ 19,8	12,0 %
Copagril	Brasileiro	U\$ 416,9	10,1 %	U\$ 11,2	10,8 %
		U\$ 354,6	NA	NI	NI
		U\$ 332,8	8,1 %	U\$ 10,9	15,1 %

Fonte: Revista Exame disponível em: <http://mm.exame.abril.com.br/empresas/filtrar/2015/producao-agropecuaria/Todos>

A partir do relato dos principais investimentos da Coopavel ao longo de sua história, pode-se ter uma ideia do crescimento da cooperativa e ao mesmo tempo é perceptível que a agropecuária local possui um relacionamento direto com esta instituição, sendo suas atividades distribuídas em vários municípios da Região Oeste, porém as atividades de produção industrial e a administração é concentrada em Cascavel contribuindo para o acréscimo de agro serviços e atividades urbanas correlatas a produção agropecuária.

Outro aspecto relevante é a promoção de uma feira agropecuária conhecida como “Show Rural”, apontada como uma das maiores do Brasil. Iniciada no ano de 1989, a feira teve 15 empresas expositoras e 110 visitantes, no ano de 2015 teve 480 expositores e 230.904 visitantes. Conforme pode se observado na tabela 09 a Coopavel foi classificada pela revista

Exame como uma das maiores na produção agropecuária brasileira, ficando em 19º lugar, para reforçar o que este trabalho demonstra entre as maiores deste ranking, além dela, a Região Oeste Paranaense conta com outras 5 empresas classificadas entre as vinte três maiores são elas: C.Vale de Palotina, Lar de Matelândia, Copacol de Cafelândia, Frimesa de Medianeira e Copagril de Marechal Cândido Rondon.

3.5A AGROPECUÁRIA E A URBANIZAÇÃO DA DÉCADA DE 1970 A 2015

O relativo isolamento do Oeste Paranaense, devido à dificuldade de transporte, levava a economia local a ter pequena integração com a economia estadual e nacional, favorecendo a produção para a subsistência com a utilização intensa de mão de obra. Aos poucos esta situação foi superada com investimentos públicos.

Nos últimos dois anos da década dos cinquenta começou a implantação de um sistema viário – ainda que limitado -, que iria dar início à liquidação do isolamento social e econômico da região, ao estabelecer seus primeiros vínculos com o subsistema paranaense. (PADIS, 2006 P. 230)

A Região Oeste do Paraná, sendo fronteira agrícola atraiu população, a abertura de estradas para a circulação de pessoas e mercadorias se tornou necessário à medida que o centro dinâmico da economia nacional, São Paulo, passava por um processo de industrialização desencadeado a partir de 1930, e precisava expandir sua influência econômica pelo país. Desde o início da colonização, até 1970, Cascavel estruturou-se sob a influência das atividades econômicas desenvolvidas, a população local foi aumentando, investimentos privados contribuíram e o Estado atuou de maneira significativa durante todo o processo. Na década de 1960 os investimentos públicos foram intensificados, tanto o governo do estado do Paraná como o federal atuaram diretamente para difundir a modernização da agricultura e promover o desenvolvimento da agropecuária e agroindústria em todo o estado. Segundo Sperança (1980) o governo federal inaugurou a pavimentação da BR 277, ligando Foz do Iguaçu a Guarapuava, no ano de 1968 e em 1977 o asfaltamento da rodovia BR 369, ligando Cascavel a Campo Mourão, e a BR 467, entre Cascavel e Toledo, o que fez parte de um esforço da política de desenvolvimento traçada pelo Estado brasileiro, da mesma forma na esfera estadual identificou-se esta tendência.

Ante esses fatos e ainda nos anos 60, o governo paranaense realizou uma política voltada para a melhoria da infra-estrutura básica de transporte rodoviário, produção e transmissão de energia e telecomunicações, pois acreditava-se que a precariedade nestes setores era um dos principais pontos de estrangulamento que impedia a industrialização. (TRINTIN, 2001 P.02)

Por estes tempos os resultados da “revolução verde” estavam prontos para serem difundidos, e para tanto a infraestrutura de transporte e comunicação se tornou fundamental, para escoar a produção local e trazer adubos, máquinas e demais produtos industrializados advindos do centro do sistema nacional. A passagem da economia agrícola de subsistência, para uma economia destinada ao comércio, englobou a estruturação não só dos transportes,

mas também da produção primária, a industrialização, o comércio e a armazenagem. Ou seja, toda a cadeia deveria ser organizada, e isto aconteceu de maneira gradual pela ação estatal aliada às cooperativas e a iniciativa privada. Neste contexto surgiram várias cooperativas em todo o Brasil, e foram criados vários órgãos governamentais ligados ao agronegócio. Em Cascavel no ano de 1963 foi criada a Copacol, posteriormente em 1970, fundada a Coopavel. O papel das cooperativas foi fundamental em todo o processo de estruturação das cadeias produtivas na Região Oeste sua participação na economia é bem relatada no trecho a seguir:

Cabe observar, também, que na economia da região as cooperativas agropecuárias são extremamente representativas, participando de forma intensa em todo o processo de produção, beneficiamento, armazenamento, industrialização e comercialização dos produtos agropecuários, além de serem instrumentos poderosos de difusão de tecnologias para o meio rural. (SOUZA; CORRÊIA; GARCIA, 2008, P. 09)

Vale ressaltar que as cooperativas passaram a intermediar os empréstimos do crédito rural, que pode ser considerado o instrumento mais importante que fez desenvolver este setor em todo o país (DELGADO, 2002). Neste sentido, a política agrícola proporcionou condições para o desenvolvimento de uma agricultura com o emprego de técnicas modernas, com garantias de mercado e preços mínimos, bem como infraestrutura de transporte e armazenagem. No Paraná, a maior parte dos investimentos, foi direcionada para as culturas de soja e trigo, a exemplo do Brasil a partir de 1970 o processo de êxodo rural na Região Oeste intensificou-se, principalmente pela adoção do binômio soja-trigo, pela mecanização e uso intenso de agrotóxicos e adubos na produção.

O Governo Federal iria, na verdade, estruturar um chamado setor público rural, de caráter gigante, albergando não apenas a arquitetura institucional getulista dos anos 1930-45 e 1951-54, mas também as novas entidades criadas nas décadas de 1960 e 1970, muito mais vinculadas à concepção funcionalista de desenvolvimento rural – SNR, EMATER, EMBRAPA, Política de Garantia de Preços Mínimos, Programa de Apoio à atividade Agropecuária. Etc. (DELGADO, 2002, P. 220).

A urbanização de Cascavel se deu pelas transformações nas forças produtivas nacionais e locais, a industrialização brasileira gerou demanda de produtos agrícolas para o mercado interno, ao mesmo tempo as máquinas e demais mercadorias oriundas da indústria precisavam de um mercado consumidor. Toda esta atmosfera somada às condições naturais (clima, solo, relevo) e sociais (mão de obra, estrutura fundiária, etc.) levou à modernização da agropecuária local. A transformação da base técnica da produção liberou trabalhadores do campo e gradualmente criaram-se novos empregos nas cidades, pois, ocorreu uma intensificação da divisão social do trabalho. A mudança no processo de produção alterou

também, toda uma cadeia de relacionamento do homem com a natureza, bem como as relações sociais até então estabelecidas. O entendimento que se tem destes acontecimentos leva a perceber um processo de urbanização constante alavancado pela transformação nas condições de reprodução, onde a base técnica da agricultura, as relações de trabalho e os meios de produção sofrem alteração, no dizer de Marx, (1985):

O ato de reprodução, em si, muda não apenas as condições objetivas — e.g. transformando aldeias em cidades; regiões selvagens em terras agrícolas, etc. — mas os produtores mudam com ele, pela emergência de novas qualidades transformando-se e desenvolvendo-se na produção, adquirindo novas forças, novas concepções, novos modos de relacionamento mútuo, novas necessidades e novas maneiras de falar. (MARX, 1985, P. 88)

Considerando que o ato de reprodução da vida material tem a força de transformação da sociedade, quando ele se altera, gera mudanças no seu entorno, e isso é observável na formação de Cascavel. Pode-se dizer que as formas de reprodução da vida material, sofreram alteração à medida que, a produção para o autoconsumo se converteu em mercantil. É marcante o emprego cada vez mais intenso, de novas técnicas e conhecimento científico, embora o homem durante sua história sempre avançasse neste sentido, agora se acirrou esta dinâmica na sociedade, neste caso foi a entrada na agricultura da região Oeste Paranaense de um processo de integração ao capitalismo nacional e mundial. Para Santos (1993, P. 43) “O meio técnico-científico é o terreno de eleição para a manifestação do capitalismo maduro, e este também dispõe de força para criá-lo.” O que se tem é uma agricultura capitalista cada vez mais integrada à indústria e à economia urbana (DELGADO, 2002), gerando uma interdependência entre os espaços urbanos e rurais. O agronegócio engendrado na conjuntura capitalista brasileira exige cada vez mais o acréscimo de trabalho intelectual, da mesma forma a integração com a indústria a montante e a jusante se fazem imprescindível, assim, os espaços urbanos próximos aos locais onde se produzem neste sistema, se tornam valorizados e atraentes à empresas e trabalhadores, visto que a economia é impulsionada. Neste sentido, algumas cidades se configuram pólos irradiadores de serviços voltados a produção agropecuária conforme identificado por Elias e Pequeno:

As cidades próximas às áreas de realização do agronegócio tornam-se responsáveis pelo suprimento de suas principais demandas, seja de mão-de-obra, de recursos financeiros, aportes jurídicos, de insumos, de máquinas, de assistência técnica etc. aumentando a economia urbana e promovendo redefinições regionais – denotando o que Milton Santos (1988, 1993, 1994, 1996, 2000) chamou de *cidade do campo*.(ELIAS; PEQUENO, 2007, P. 26).

A produção do espaço urbano coloca em conflito os interesses de classes, e estes são intermediados pelo Estado, no entanto, o capital necessita de trabalho para sua reprodução e por vezes a produção da cidade atende a ambas as classes em seus interesses. Entendendo o urbano como parte de uma organização espacial, portanto, sem autonomia, seu crescimento está ligado a relações de produção e forças produtivas externas, em especial as atividades rurais e industriais de outros espaços, ou seja, está sujeito a divisão territorial do trabalho. A mudança nas relações de produção, o assalariamento ou a terceirização, por exemplo, e o incremento de novas máquinas e técnicas, provocam o surgimento de novas profissões, novos grupos sociais, desempregados, migrantes e demanda por serviços, terras e habitações, vias de circulação e comércio. A divisão do trabalho vai se acirrando e quanto maior, mais os espaços urbanos crescem e se multiplicam. Inicialmente a cidade de Cascavel teve uma função de atender a demanda do agronegócio local, aos poucos, se estruturou para atender toda a Região Oeste em suas necessidades de consumo produtivo e consumptivo.

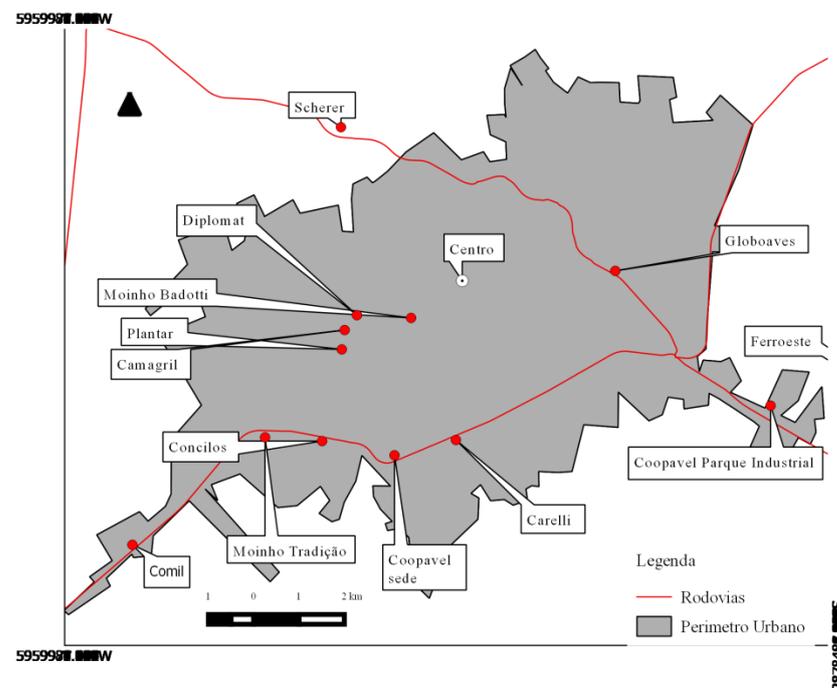
O movimento da economia capitalista mundial e a conjuntura nacional na década de 1970 modificaram as relações de produção e as forças produtivas. A modernização da agricultura, êxodo rural, investimentos em infraestrutura de circulação e comunicação impulsionaram o processo de urbanização. O meio técnico e científico (Santos, 1993) empregado na sociedade intensificou a divisão do trabalho abrindo novas possibilidades de consumo produtivo e não produtivo.

A produção de soja, trigo e milho (mercantil) substituiu uma agricultura de subsistência, o êxodo rural intensificou-se, os investimentos públicos para o ganho de produtividade e aumento da produção, escoamento, comércio e armazenagem, oportunizaram inversões privadas e novos postos de trabalho. A gestão do agronegócio é feita principalmente na cidade, igualmente a produção e o comércio de máquinas, sementes, adubos (consumo produtivo). A quantidade de trabalhadores urbanos aumentou, gerando demanda de alimentos, roupas, calçados, etc. (consumo consumptivo). A agricultura que se dividia entre aquela voltada para a subsistência e outra objetivando a comercialização nos mercado interno e externo, ganhou um impulso de técnica e ciência pelos investimentos públicos destinados a difundir os resultados da “Revolução Verde” e atender as empresas do ramo e ao mesmo tempo ampliar a oferta de *commodities*.

Os investimentos públicos em infraestrutura, o crescente volume de crédito rural, os incentivos ao cooperativismo, a difusão de novas tecnologias via programas de extensão rural criaram condições favoráveis à formação de capital local e a inversões externas induzindo ao surgimento de empresas atuando na revenda e manutenção de máquinas agrícolas, na

comercialização de insumos e da produção agropecuária, na indústria de peças e equipamentos para as máquinas e no beneficiamento e industrialização da produção. Como exemplo pode-se citar: Comil Silos e Secadores, (criada em 1957) Plantar Agrícola (criada em 1978), Camagril (1974), Agrícola Dall' Oglio (criada em 1972), Metropolitana tratores (criada em 1974), Granoeste (criada em 1986), Consilos (criada em 1982), Globoaves (criada em 1985), Scherer (criada em 1987), Carelli (criada em 1980). A figura 06 mostra a localização de algumas empresas na cidade de Cascavel.

Figura 06: Mapa da cidade de Cascavel em destaque algumas empresas



Fonte: base da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. E do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transporte –DENIT. Elaborado pelo autor.

Em virtude disso, entre 1970 e 1980 Cascavel teve um crescimento da população urbana de 34.950 (38.8%) para 123.656 (75.6%) habitantes, a população rural declinou de 54.971 para 39.814 e diferente da década anterior, neste momento, caracterizou-se o processo de êxodo rural.

Tabela 10: Relação entre população loteamentos e lotes e Cascavel 1960-2015

Década	População urbana	Loteamentos	Nº lotes	Soma dos lotes
1960	12.136	29	19.740	
1970	34.950	119	31.000	50.740
1980	123.656	26	5.924	56.664
1990	177.766	22	3.815	60.479
2015	270.049	67	15.838	76.317

Fonte: Prefeitura Municipal de Cascavel. IBGE. Organizado e elaborado pelo autor.

O acréscimo de 73.549 habitantes no total entre 1970 a 1980, sendo que 88.706 na área urbana, além de demonstrar o êxodo rural colocou o município com o índice de população urbana de 75.6%, maior que o Paraná e a Região Sul e o Brasil, com 58.60%, 62.40% e 67.50% respectivamente (IBGE). O Brasil fez o processo de transição de uma população predominantemente rural para urbana entre 1960 e 1970, na Região Sul e no Paraná isso ocorreu entre 1970 e 1980.

Para atender esta explosão demográfica do período, e conforme pode ser observado na tabela 10 a área urbana foi acrescida de 119 novos loteamentos com um total de 31.000 novos terrenos, estes somados aos existentes anteriormente perfaziam um total de 54.740 lotes urbanos, considerando uma divisão em décadas este foi o período em que houve a maior expansão de terrenos urbanos da história na cidade, da mesma forma, essa quantidade de terrenos não foi superada mesmo se somar os últimos 25 anos. Em valores absolutos ocorreu também o maior crescimento populacional.

O crescimento acelerado da população foi acompanhado pelo aumento da produção agropecuária e dos estabelecimentos comerciais; de serviços; e industriais, em contrapartida no campo diminuiu o número de estabelecimentos e aumentou a área plantada e a produção das principais culturas (soja, trigo e milho). Isso foi possível devido ao sistema de crédito estruturado pelo governo federal, associado ao segundo Plano Nacional de Desenvolvimento (II PND), que tinha como um dos objetivos modernizar a agricultura criando infraestruturas de comercialização e distribuição de produtos agrícolas, além disso, a política de preços mínimos contribuiu também no processo. Figueiredo (1992) aponta a Região Oeste do Paraná como uma das que receberam o maior volume de créditos no período.

Incluem-se nesse grupo as áreas comprometidas com a produção de soja desde o início dos anos 70, como o Extremo Oeste Paranaense e a Campanha, que detiveram, destacadamente, os maiores valores do crédito rural em 1980, com, respectivamente, Cr\$9.925.201 e Cr\$9.143.227, a preços do ano.. (FIGUEIREDO, 1992, P. 90)

O volume de crédito criou condições de modernizar a produção agrícola pelo acréscimo de máquinas e adubos, pode se dizer, que a liberação do empréstimo era condicionada a um acompanhamento técnico e direcionado para produtos específicos no caso da Região Oeste do Paraná as lavouras de soja eram prioridade. No início do desenvolvimento da agricultura mercantil regional, o crédito rural, contribuiu significativamente para o processo, embora muitos produtores tenham se estruturado e se capitalizado, ainda é significativo o volume de empréstimo dessa modalidade. No município de Cascavel em 2014, foi concedido mais de 829 milhões de crédito agrícola, conforme tabela 11 entre 1999 e 2013 o financiamento à agropecuária representou entre 5% e 11% do Produto Interno Bruto do município.

Tabela 11: Financiamentos a agropecuária e porcentagem do PIB

PIB a preços correntes, financiamentos a agricultura e pecuária (R\$ milhões)					
Ano	PIB (R\$)	Agricultura	Pecuária	Total	% do PIB
1999	1.404	60	7	67	5%
2000	1.541	69	2	71	5%
2001	1.646	82	5	87	5%
2002	2.082	118	12	130	6%
2003	2.524	143	13	156	6%
2004	2.760	199	28	227	8%
2005	2.917	184	47	231	8%
2006	3.235	176	67	243	8%
2007	3.994	259	75	334	8%
2008	4.447	395	95	490	11%
2009	4.986	416	69	485	10%
2010	5.257	385	93	478	9%
2011	6.002	357	128	485	8%
2012	6.282	368	95	463	7%
2013	8.403	544	97	641	8%
2014		731	98	829	

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social - IPARDES Elaborado pelo autor.

Então através da análise da aquisição de tratores, adubos, fertilizantes e agrotóxicos é possível revelar o caráter modernizante da agricultura do período, pegando apenas os tratores entre 1970 e 1980 o total passou de 197 para 1811 unidades em Cascavel, (IBGE) a frota multiplicou-se por nove, no ano de 2015 a frota de tratores era de 3.410 unidades, porém, vale lembrar que isto foi bem identificado por Delgado, (2002) conforme citação a seguir, aconteceu de maneira geral em todo o país com particularidades de cada região.

Por meio dos dados de tratorização e consumo de fertilizantes que utilizamos verifica-se que foi somente na década de 1970 que houve uma intensificação do consumo industrial pela agricultura (com a triplicação da frota de tratores), a par de um movimento paralelo e integrado de implantação no País do sub-setor industrial produtor de insumos e bens de capital para a agricultura. (DELGADO, 2002, P. 221)

O aumento da produção e produtividade alcançado no período foi considerável, pegando a soja como exemplo em 1973 o município produziu 39.600 toneladas em 22.000 hectares 1.8 toneladas por hectare, já em 1980 o total de grãos foi de 271.278 toneladas em 118.297 hectares produtividade de 2.2 toneladas por hectare este número é crescente atingindo 3,6 toneladas por hectare em 2015 (IBGE). A especialização, a melhoria nas técnicas de plantio, bem como a seleção das sementes proporcionou melhoria na produtividade, a ampliação na área plantada está relacionado à segurança que o produtor teve com o crédito rural e a infraestrutura criada a fim de dar suporte na comercialização e transporte da safra.

Observa-se ainda que a mão de obra na agropecuária era considerável, conforme pode ser observado na tabela 12 o pessoal ocupado no setor era de 21.646 em 1970 passando a 24.595 em 1980, entrando em queda e atingindo 8.124 em 1995. As atividades de comércio, serviços e indústria somados chegam a 4.755 em 1970 crescem atingindo 33.683 em 1995.

Tabela 12: Pessoal ocupado em Cascavel 1970 - 1995

Período	1970	1975	1980	1985	1995
Agropecuária	21.646	28.673	24.595	19.760	8.124
Serviços	762	2.676	3.994	4.109	7.841
Indústria	2.093	3.588	5.287	4.688	7.949
Comércio	1.900	4.891	7.513	9.709	17.893
Total	26.401	39.828	41.389	38.266	41.807

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Instituto de Pesquisas Aplicadas – IPEA. Elaborado pelo autor.

Em todo o processo de modernização por que passou o município é possível perceber a atuação do Estado, o objetivo era desenvolver complexos agroindustriais no Sul e para tanto muitos investimentos públicos foram despendidos, segundo Pieruccini (2000, P. 74): “Para a região Oeste, ainda neste período, privilegiavam-se investimentos nos municípios de Cascavel, através do beneficiamento de cereais e Toledo, no segmento de frigoríficos.” A transformação do espaço pela intensificação da produção agrícola e o aumento da fluidez com as vias de circulação e comunicação pode ser observado nas paisagens rurais com verdadeiros mares de lavoura e na cidade o aumento da área urbana, conforme apresentado na tabela 13, o

acréscimo de novas empresas entre 1970 e 1980 no comércio foi de 575 no número de estabelecimentos, nos serviços 464, na indústria 189, em contra partida, os estabelecimentos agropecuários sofreram uma redução de 424 estabelecimentos neste mesmo período, representando 6.6%. Segundo dados da secretaria de estado da agricultura das 38 agroindústrias do Oeste Paranaense em 1981, 17 estavam em Cascavel. Toda a cadeia produtiva foi afetada desde a produção de máquinas e fertilizantes, passando pelas empresas encarregadas em construir infraestrutura e logística, criando uma rede de comercialização e armazenagem, chegando ao processo de industrialização e consumo final.

No final dos anos 60, ao Estado cabia progressivamente a tarefa de criar as condições básicas que viabilizassem o crescimento da produção agrícola a taxas compatíveis com o desenvolvimento global da economia. Nesse sentido, o Plano de Metas e Bases para Ação do Governo, de 1970, estimulou o fortalecimento das indústrias de equipamento e insumos agrícolas, através do incentivo ao processo de fusão, à abertura do capital de empresas e à entrada do capital multinacional que monopolizava a tecnologia que iria efetivar mudança da base técnica da agricultura. (FIGUEIREDO, 1992, P. 86-87)

Impulsionado pela conjuntura nacional, a dinâmica local dá resposta positiva no campo à medida que as condições naturais e sociais possibilitam ganhos de produção e produtividade e a cidade conseguiu atrair e absorver um grande contingente populacional liberado do campo, em grande medida pelo surgimento de uma especialização em comércio e serviços, muitas vezes voltados ao agronegócio, bem como pelo surgimento ou crescimento de empresas financiadas pelo Estado, como aponta Pieruccini:

Também a montante, forneceram-se estímulos e financiamentos para o segmento mecânico estadual. Em 6 empresas houve financiamentos, sendo que, segundo o mapeamento realizado pelo BADEP (1975, s/p.) uma das empresas localizava-se na região Oeste do Paraná, mais especificamente no município de Cascavel. (PIERUCCINI, 2000, P. 74)

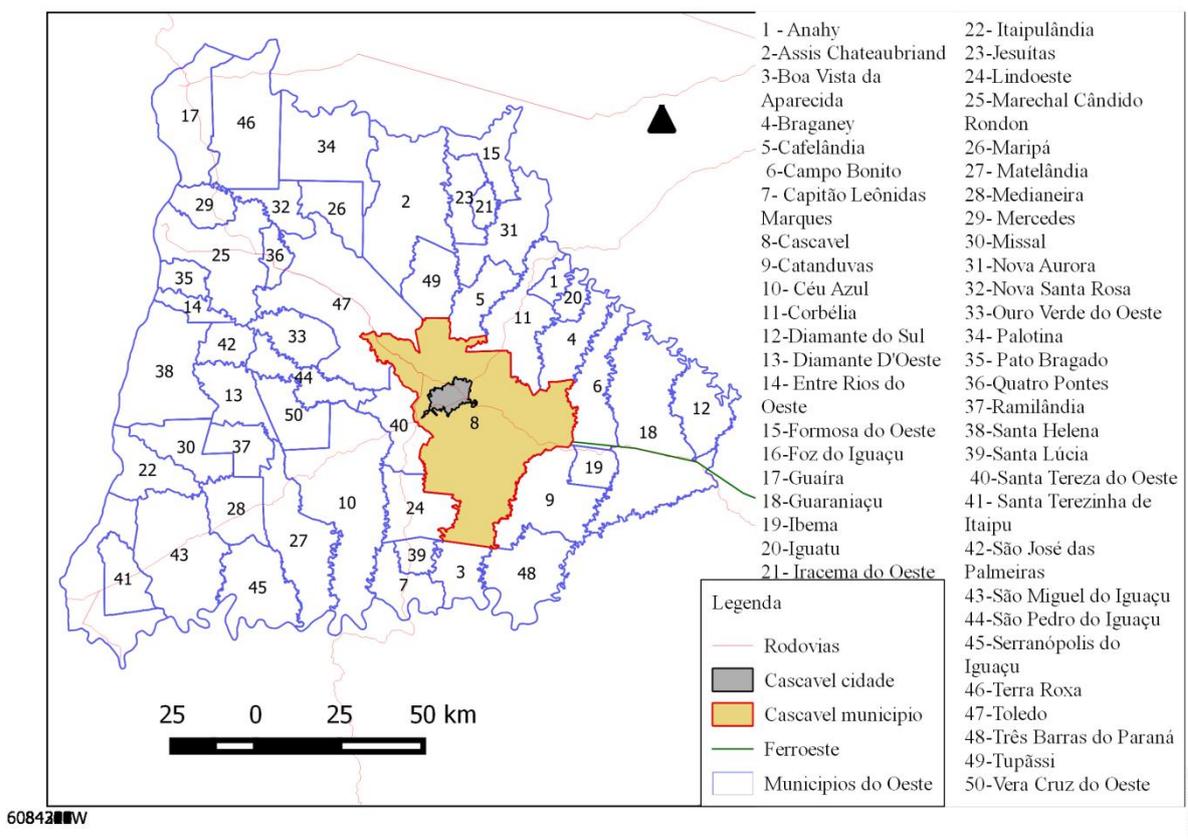
Aos poucos a cidade se organizou para atender a demanda da população residente na Região e as necessidades geradas pela produção agropecuária do Oeste Paranaense, o Estado forneceu infraestrutura de transporte, comunicação, armazenagem, além de apoio técnico, estímulos e produção de pesquisas, e a criação de uma estrutura de apoio ao desenvolvimento das forças produtivas por meio de órgãos governamentais e financiamentos a diversas atividades.

Tabela 13: Número de estabelecimentos em Cascavel 1970- 1995

Período	1970	1975	1980	1985	1995
Comércio	533	66%	886	25%	1.108
Serviços	338	97%	668	20%	802
Indústria	177	6.7%	289	26%	366
Agropecuária	6.392	9.6%	7.011	-14%	5.968
Total	7.440	19%	8.854	-6.8%	8.244

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Instituto de Pesquisas Aplicadas – IPEA. Elaborado pelo autor.

Figura 07: Mapa da Região Oeste do Paraná



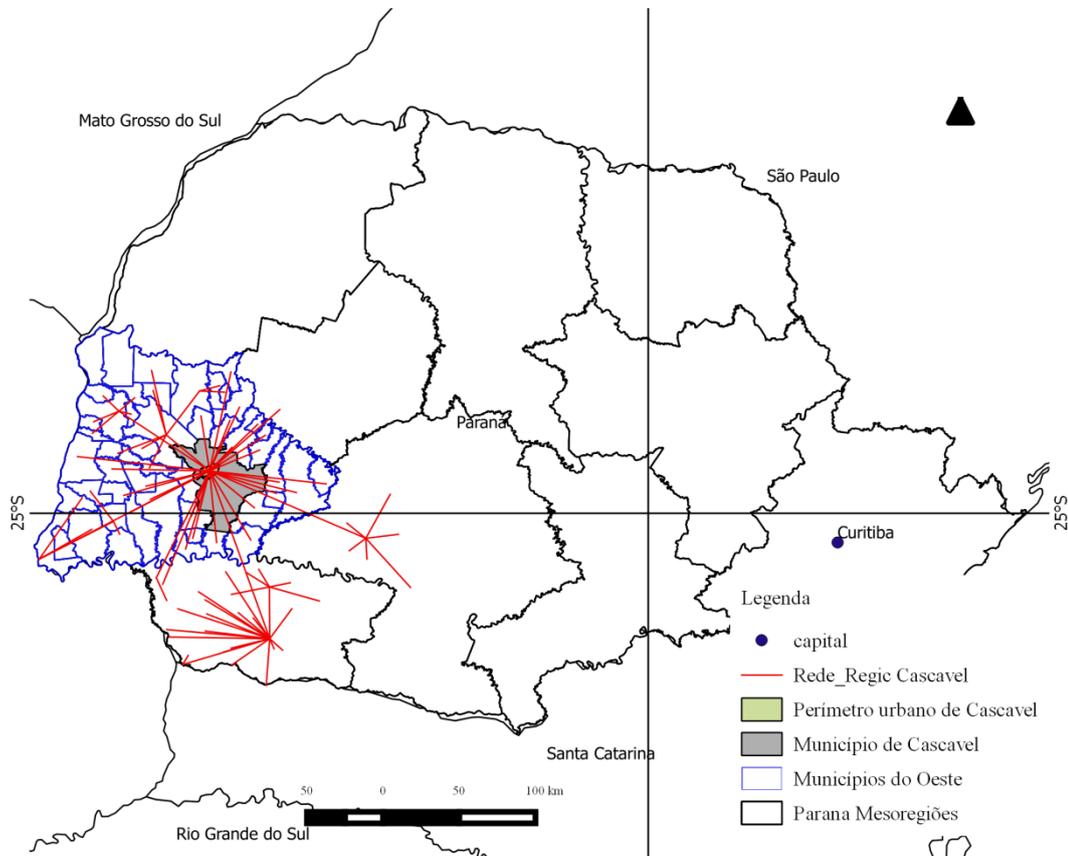
Fonte: base da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. E do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transporte –DENIT. Elaborado pelo autor.

Observe a figura 07 que mostra os 50 municípios da Região Oeste, Cascavel beneficiando-se de sua localização (no centro da Região por onde passa rodovias importantes) e grande área (maior extensão territorial da Região 13% e com maior área agricultável 16% e consequente maior produção) especializou-se, e concentrou comércio e serviços voltados a toda a Região Oeste, o Estado contribuiu também, com a instalação de órgãos governamentais que prestam serviços nas diversas áreas, para exemplificar na área da agropecuária em 1982 a COPASA (Companhia Paranaense de Silos e Armazéns) possuía duas unidades no Oeste

Paranaense uma em Cascavel e outra em Terra Roxa, além disso, CLASPAR (Empresa Paranaense de Classificação de Produtos), IAPAR (Instituto Agrônômico do Paraná), ITC (Instituto de Terras e Cartografia), EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural) CEASA (Centrais de Abastecimento do Paraná S.A.), mantinham seus escritórios e centralização das atividades em Cascavel.

O crescimento de Cascavel esteve atrelado ao movimento da economia nacional e associado ao processo de industrialização brasileira que produziu uma urbanização acelerada. Neste contexto o número de cidades com mais de 20 mil habitantes cresceram consideravelmente, da mesma forma a população residente em cidades médias aumentou significativamente, entre 1950 e 1980 a população residente em cidades com mais de 20 mil habitantes cresceu aproximadamente 4 vezes (IBGE), mais depressa que população total e que a população urbana brasileira. A rede urbana se reestruturou e a emergência de novos núcleos urbanos, bem como o incremento de novos cidadãos, ampliaram-se as funções da cidade e criaram-se novas formas espaciais, diferentes interpretações a respeito da produção do espaço surgem e conseqüentemente novas possibilidades de estudos. A quantidade de população urbana em Cascavel evoluiu de 12.136 pessoas em 1960 para 34.950 em 1970, aumento de 187.9% em 10 anos, alcançando 123.656 em 1980, crescimento de 253.8%, isto em conjunto com a infraestrutura urbana criada no período provocou evolução da cidade na rede urbana brasileira. Diferente das demais cidades paranaenses que mantiveram sua posição ou foram rebaixadas na classificação, Cascavel tida como Centro Sub-regional A, pela pesquisa de Regiões de Influência das Cidades (REGICS) de 1966 passou à Capital Regional em 1978, sendo que o equivalente seria Centro sub-regional, neste caso ela subiu duas posições de uma pesquisa para outra, nas pesquisas posteriores manteve-se no patamar equivalente a anterior, sendo classificada pela pesquisa de 2007 como Capital Regional B (IBGE, 2008), na figura 08 é possível ver a área de influência de Cascavel segundo esta pesquisa.

Figura 08: Mapa da rede de influência de Cascavel em 2007



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE. Elaborado pelo autor.

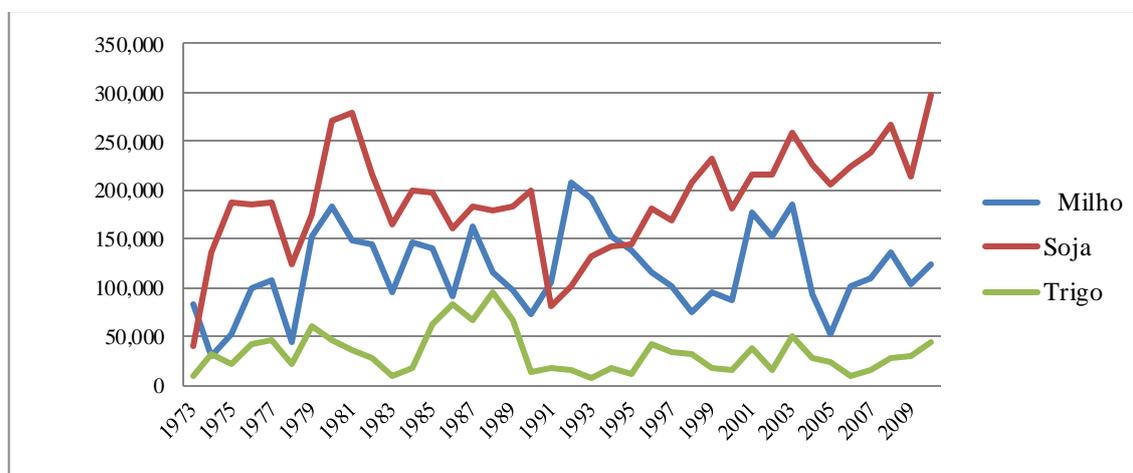
O desenvolvimento do agronegócio foi decisivo no processo de urbanização, o avanço da modernização da agropecuária produziu uma dinâmica econômica favorável a atividades industriais comerciais e de serviços na cidade. Considerando apenas os dados referente a Cascavel, mas sabendo que o local está se relacionando com o regional, com o nacional, e o global, portanto influenciando e sendo influenciado, pode-se analisar dados de produção como forma de vislumbrar o grau de importância do agronegócio na produção do espaço urbano. Como elencado acima a agricultura da região se especializou na produção de grãos, destacando-se o soja, o milho e o trigo. No mesmo sentido a pecuária tem como principais atividades a produção de leite de vaca, de carne suína e frangos de corte. Assim esta parte do trabalho se preocupava em mostrar as implicações das cadeias produtivas desses produtos na economia de Cascavel.

Como observado anteriormente, a soja a partir de 1970 se tornou o principal produto da agricultura local, para ampliação do cultivo foi fundamental a política agrícola com incentivos do Estado, crédito facilitado pelo SNCR, assistência técnica ofertada pelos departamentos e empresas do governo, ou por cooperativas estimuladas e financiadas pelo

Estado, e a adoção de um pacote tecnológico oriundo da “Revolução Verde” que incluía os avanços na produção de sementes, insumos e máquinas voltados a ganhos de produtividade. Neste contexto ocorreu um salto na produção e na produtividade, ao mesmo tempo, se fez necessário a estruturação de uma cadeia com produção e comercialização de insumos a montante da agricultura e no mesmo sentido a jusante o transporte, comercialização e industrialização mobilizou investimentos. Esta situação veio como resultado da fase “a” expansiva do 3º Kondradieff (1948 -1973), associado a um lustro prolongado do ciclo médio da segunda metade de 1960 que se estende até 1974.

Nas figuras 09 e 10 mostram a produção e a área plantada respectivamente, pode ser observado que na década de 1970 a política de incentivo trouxe resultados expressivos, o salto na produção da ordem de 585% entre 1973 e 1980, no decorrer da década as oscilações negativas derrubaram a produção chegando a perca de 71% no ano de 1991 em relação a 1981. A partir da década de 1990 a produção retoma crescimento e ultrapassa os valores atingidos no início de 1980 em 2010.

Figura 09: Gráfico da produção agrícola em Cascavel segundo produtos selecionados

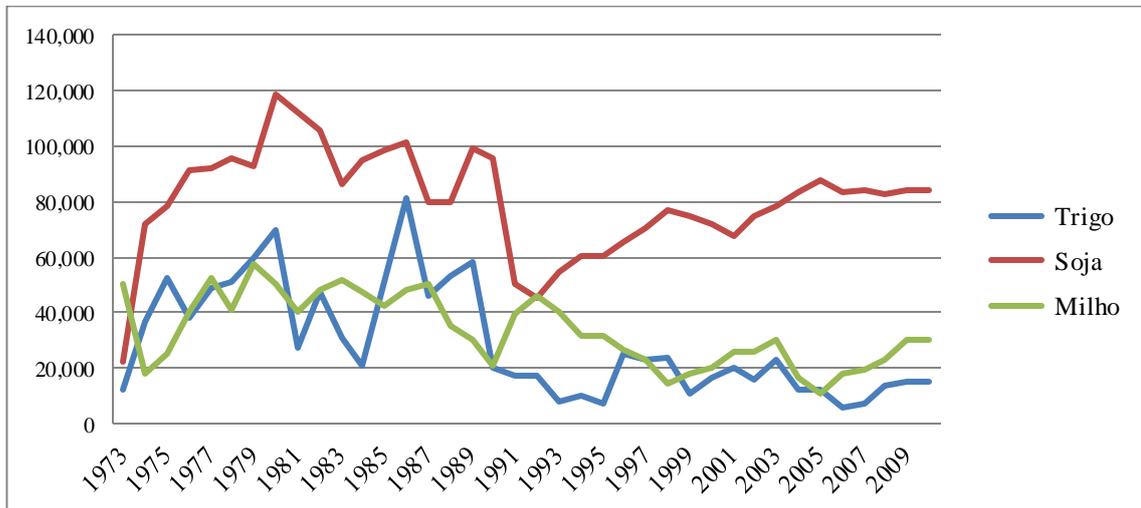


Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Instituto de Pesquisas Aplicadas – IPEA. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social - IPARDES Elaborado pelo autor.

Toda esta produção destinou-se ao mercado interno e externo, de acordo com o tempo, a proporção para um e outro destino se alteram, no mercado interno o soja destina-se principalmente à fabricação de ração animal e óleo vegetal para uso industrial e doméstico. Para exportar esses grãos foi estruturada uma rede de transportes composta por empresas transportadoras que levam de caminhão via BR 277 parte da safra para o porto de Paranaguá, outra opção que surgiu no início da década de 1990 foi a construção da ferrovia ligando Cascavel a Guarapuava, esta possibilitou o transporte da safra até o porto por trem. Por outro

lado a parte destinada ao mercado interno, que nos primeiros anos, era transportada para Ponta Grossa para ser esmagado, passou a ser industrializada em Cascavel no decorrer do tempo. A Coopavel se tornou a principal receptora dos grãos e investiu em agroindústrias.

Figura 10: Gráfico da área plantada, principais cultivos em Cascavel 1973 -2010



Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Instituto de Pesquisas Aplicadas – IPEA. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social - IPARDES Elaborado pelo autor.

Devido ao alto grau de tecnologia empregado, as lavouras ocupam pouca mão de obra estima-se que as lavouras temporárias empregam em média 3,67 pessoas por estabelecimento, por outro lado existe um estudo (ROESSING, 2004) estimando que a soja empregava no ano 2000 em média 2 trabalhadores por 100 hectare/ano na produção direta. Nesta perspectiva considerando 72.000 hectares plantados em Cascavel neste ano temos o resultado de 360 pessoas envolvidas diretamente na produção de soja, uma quantidade baixa, no ano de 2000, segundo dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), a agropecuária empregava 1944 pessoas, a geração de empregos diretos não é expressiva, no entanto, o agronegócio de maneira geral e neste caso a soja é significativo para a economia nacional e produz reflexos locais. A cadeia produtiva ou o complexo agroindustrial, movimenta muito capital, e os investimentos na indústria, transporte e comercialização de insumos a montante da produção agrícola, bem como, no transporte, comercialização e industrialização a jusante contribuem para crescimento e desenvolvimento econômico. Neste contexto, o milho e o trigo, destinados para o mercado interno, também fazem parte de complexos agroindustriais com as mesmas características, considerando suas particularidades. O processo de modernização destas atividades provocou um efeito multiplicador na economia, produzindo novas e intensas relações comerciais e industriais contribuindo para reorganização do espaço e conseqüente

urbanização. A análise equivocada ou incompleta que se faz sem considerar os efeitos multiplicadores da agropecuária limita-se a estudar o que costuma dizer da porteira para dentro, com isso subestimam a importância do agronegócio para economia do país, Gonçalves (2005) estuda sobre o assunto e aponta como um possível caminho para o desenvolvimento econômico brasileiro a estruturação do agronegócio, veja o que ele escreve confirmando o que se defende neste trabalho:

As atividades produtivas alargam-se para fora das porteiras das fazendas no proliferar de fábricas de insumos e máquinas e de processamento agroindustrial que respondem por parcela expressiva do trabalho e da renda empregados na agricultura. Entretanto, esse aspecto corresponde apenas a um elemento das mudanças na medida em que se leva ao limite as possibilidades de reprodução do capital, que ultrapassa também as paredes das fábricas, indo para mais além da estrutura técnico-produtiva na proliferação de amplos segmentos de agro serviços nas diversas cadeias de produção dos agronegócios. (GONÇALVES, 2005, P. 13-14)

Analisando os dados pode-se fazer a seguinte interpretação: o crescimento de Cascavel, considerado apenas a partir do ciclo da madeira, está fortemente ligado a políticas públicas, a formação social da Região Oeste e as condições naturais contribuíram para o desenvolvimento as forças produtivas, as madeiras atraíram e concentraram população e investimentos na cidade, a especialização em alguns serviços e comércio, com o ciclo da agricultura intensificou-se o êxodo rural a partir da especialização no setor, a modernização promoveu a aproximação da agricultura e a indústria, seja ela a montante ou a jusante da produção, os investimentos destinados ao atendimento da demanda da agricultura intensificaram o processo de urbanização, este que ocorreu em todo o Brasil se tornou um grande mercado consumidor de alimentos impulsionando ainda mais a agricultura, a demanda cada vez maior por alimentos e aproveitando da grande produção de grãos possibilitou também o desenvolvimento da pecuária e da indústria processadora que são grandes geradoras de riqueza e renda da região. O mercado interno e o externo, interferiram diretamente no desenvolvimento da produção regional que se adaptou visando atender ambos, priorizando aquele que produz maior retorno financeiro.

A modernização da agricultura, a industrialização brasileira, a formação de mercado consumidor interno, a demanda por grãos do mercado externo, entre outros, explicam o aumento da produção e da produtividade na agricultura em Cascavel e justificam seu crescimento, porém todos os municípios do Oeste e do Paraná sofreram as mesmas influencias externas e internas e não se urbanizaram da mesma forma. A especialização em

indústrias, comércio e serviços se concretizou em alguns pontos da rede e isto explica parte do processo de urbanização.

A escolha por uma cidade em detrimento de outra ocorre por fatores variados, portanto não se pode afirmar que foi apenas a localização que conferiu seu crescimento urbano, embora seja um fator considerável, o que se pode afirmar com convicção é que um conjunto de fatores combinados com períodos históricos variados foram determinantes para a urbanização de Cascavel. Comparando Cascavel com o Oeste e o Paraná, no intervalo entre 1960 e 1970 como pode ser observado na tabela 14 o crescimento populacional total foi de 128%, 457% e 63% respectivamente, período de maior crescimento e de intensa imigração para o Oeste. Nas décadas seguintes reduziu o crescimento, porém Cascavel se mantém com números superiores aos demais municípios.

Observando apenas os dados da população urbana, percebe-se que entre 1960 e 1970, assim como na década seguinte ocorreram os maiores crescimentos de Cascavel 188% (1960-1970) e 254% (1970-1980), nos períodos seguintes reduziu o crescimento com o passar dos tempos. Movimento semelhante ocorreu com o Oeste e com o Paraná, diferenciando os valores e o aumento considerável particular da cidade de Cascavel entre 1970 e 1980. Este se caracterizou, como o momento de inflexão em que a urbanização se mostrou pelo incremento de população urbana, aumento de número de loteamentos e atividades urbanas.

O crescimento da população urbana de Cascavel é reflexo do desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção, o agronegócio forjado pelas políticas desenvolvimentistas desde 1930, e estruturado na região Oeste do Paraná a partir da década de 1960 com a adoção do binômio soja e trigo, se tornou a base econômica estimulada e financiada pelo Estado, atraindo investimentos e contribuindo para a fixação de população urbana. Neste sentido, o desenvolvimento da agropecuária, das agroindústrias, dos agro serviços, do comércio possui ligação, tendo origem na formação e migração de capital a partir de estímulos do processo de consolidação da economia nacional.

Tabela 14: População de Cascavel do Oeste e do Paraná 1960 – 2010

	1960	Cresc.	% cresc	1970	Cresc.	% cresc	1980	Cresc.	% cresc	1991	Cresc.	% cresc	2000	Cresc.	% cresc.	2010
Cascavel	39.513	50.408	128%	89.921	73.549	82%	163.470	29.520	18%	192.990	52.379	27%	245.369	40.836	17%	286.205
Oeste	135.036	617.396	457%	752.432	208.343	28%	960.775	55.706	6%	1.016.481	122.101	12%	1.138.582	80.976	7%	1.219.558
PR	4.263.721	26.66.100	63%	6.929.821	700.028	10%	7.629.849	818.864	11%	8.448.713	1.114.745	13%	9.563.458	881.068	9%	10.444.526

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Instituto de Pesquisas Aplicadas – IPEA. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social - IPARDES Elaborado pelo autor.

Tabela 15: População urbana de Cascavel, do Oeste e do Paraná 1960 – 2010

	1960	Cresc.	% cresc	1970	Cresc.	% cresc.	1980	Cresc.	% cresc	1991	Cresc.	% cresc	2000	Cresc.	% cresc.	2010
Cascavel	12.136	22.814	188%	34.950	88.706	254%	123.656	54.110	44%	177.766	50.907	29%	228.673	41.376	18%	270.049
Oeste	41.483	106.618	257%	148.101	336.560	227%	484.661	243.787	50%	728.448	200.644	28%	929.092	114.999	12%	1.044.091
PR	1.310.966	1.193.287	91%	2.504.253	1.968.253	79%	4.472.506	1.725.447	39%	6.197.953	1.588.131	26%	7.786.084	1.126.608	14%	8.912.692

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Instituto de Pesquisas Aplicadas – IPEA. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social - IPARDES Elaborado pelo autor.

Assim, a década de 1970 foi marcada pelo enfraquecimento da atividade madeireira, crescimento da população urbana, fortalecimento da agropecuária e desenvolvimento da indústria e comércio. Ocorreu incremento populacional de 254% entre 70 e 80 e seguido por 44%, 29% e 18% nas décadas seguintes e o fortalecimento da agropecuária, como observado nos dados apresentados nas tabelas e gráficos acima, no entanto vale citar o crescimento considerável a partir da década de 1980 da pecuária leiteira e da criação de frangos demonstrado na tabela 16, estas atividades forte geradoras de postos de trabalho em suas cadeias produtivas vieram reforçar a tendência à urbanização devido a proliferação de agroindústrias e demais empresas voltadas ao atendimento de suas necessidades.

Tabela 16: Efetivo de animais, pecuária de Cascavel 1974 -2002

	1974	1978	1986	1994	2002
Bovinos	47.111	49.186	94.009	75.435	123.631
Suínos	92.000	79.500	62.427	42.860	41.326
Galináceos	461.659	378.764	1.298.789	1.334.024	5.988.219
Vacas ordenhadas	8.093	12.296	15.810	15.100	12.245

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Instituto de Pesquisas Aplicadas – IPEA. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social - IPARDES Elaborado pelo autor.

Esse processo identificado em Cascavel foi parte do resultado da política de crédito agrícola nacional forjada na metade dos anos 60 com objetivo de modernizar a agricultura, implantar a agroindústria, barateando o preço dos alimentos para reduzir custos com a mão de obra urbana.

A década de 1970 foi marcada pelos reflexos do “milagre brasileiro”, a expansão da economia nacional alavancada por políticas públicas, em Cascavel isto se traduz em profundas transformações na agricultura, pela sua modernização e inserção no mercado nacional e mundial, provocando êxodo rural e crescimento da população urbana, como já observado acima, a cidade visando atender as demandas regionais se especializou em serviços para o atendimento ao agronegócio. O aumento da produção e produtividade alcançado, favoreceu o surgimento de indústrias, comércio e serviços urbanos funcionando como um atrativo à fixação de população.

No entanto, todo este desenvolvimento econômico, sustentado por uma política de crédito subsidiado encontrou na década de 1980 uma crise de esgotamento do financiamento público, e o Estado sinalizou para o encaminhamento do financiamento privado. O forte desenvolvimento das forças produtivas anterior, a intensa inserção no mercado financeiro são as bases do novo padrão de financiamento (GONÇALVES, 2005). Mesmo com o recuo do

Estado como financiador a produção cresceu, o mercado arrumou meios, alguns produtores se capitalizaram, grandes empresas envolvidas no comércio e industrialização passaram a atuar fornecendo sementes e insumos em troca da produção final. E o principal elemento que vem se estruturando é o mercado futuro das bolsas de valores, a venda antecipada gera contratos e esses papéis são negociados captando recursos para o financiamento da agropecuária. Portanto, alterou-se o padrão de financiamento, manteve-se o crescimento da produção e produtividade e os efeitos multiplicadores do desenvolvimento do agronegócio.

Tabela 17: Pessoal Ocupado de Cascavel 2010-2014 segundo CNAE 2.0

Pessoal ocupado total (Pessoas) CNAE 2.0					
Ano	2010	2011	2012	2013	2014
Total	102.628	109.229	113.759	119.327	122.470
A Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	2.208	2.459	2.168	2.222	2.387
B Indústrias extrativas	X	X	X	X	108
C Indústrias de transformação	20.046	20.296	20.257	22.082	22.461
D Eletricidade e gás	X	X	X	X	17
E Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	476	588	567	593	613
F Construção	6.402	7.434	8.013	7.814	8.760
G Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	33.605	35.195	36.877	38.375	38.295
H Transporte, armazenagem e correio	6.339	6.819	7.041	7.816	7.753
I Alojamento e alimentação	3.426	3.416	3.677	3.828	4.102
J Informação e comunicação	1.808	2.017	2.364	2.219	2.117
K Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	1.811	1.974	2.160	2.364	2.217
L Atividades imobiliárias	356	407	477	540	529
M Atividades profissionais, científicas e técnicas	2.357	2.409	3.626	3.014	3.113
N Atividades administrativas e serviços complementares	5.231	6.796	6.412	6.911	8.234
O Administração pública, defesa e seguridade social	6.306	6.519	6.863	7.369	7.414
P Educação	4.847	4.953	5.144	5.327	4.666
Q Saúde humana e serviços sociais	4.307	4.768	5.125	5.491	6.552
R Artes, cultura, esporte e recreação	583	624	727	744	747
S Outras atividades de serviços	2.411	2.442	2.073	2.480	2.385
T Serviços domésticos	-	-	-	-	-
U Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais	-	-	-	-	-

Fonte: IBGE Cadastro Central de Empresas

Tabela 18: Pessoal Ocupado na indústria e no comércio de Cascavel 2010-2014 CNAE 2.0

Pessoal ocupado total na indústria e comércio (Pessoas)	CNAE 2.0				
	Ano	2010	2011	2012	2013
C Indústrias de transformação	20.046	20.296	20.257	22.082	22.461
10 Fabricação de produtos alimentícios	7061	7127	7197	8051	8060
11 Fabricação de bebidas	117	105	128	57	78
12 Fabricação de produtos do fumo	-	X	X	X	X
13 Fabricação de produtos têxteis	350	393	376	366	318
14 Confecção de artigos do vestuário e acessórios	1.484	1.379	1.376	1.320	1.257
15 Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	161	68	60	75	72
16 Fabricação de produtos de madeira	605	602	587	642	562
17 Fabricação de celulose, papel e produtos de papel	478	456	375	327	258
18 Impressão e reprodução de gravações	386	346	395	401	406
19 Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	21	16	25	22	13
20 Fabricação de produtos químicos	341	331	319	343	361
21 Fabricação de produtos farmoquímicos e farmacêuticos	X	X	X	X	X
22 Fabricação de produtos de borracha e de material plástico	1.721	1.876	1.713	2.067	2.028
23 Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	557	699	596	751	902
24 Metalurgia	268	241	179	186	182
25 Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	1.223	1.276	1.210	1.193	1.370
26 Fabricação de equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	116	98	122	439	674
27 Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	124	140	128	120	115
28 Fabricação de máquinas e equipamentos	1.311	1.369	1.518	1.673	1.736
29 Fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias	2.255	2.138	2.213	2.330	2.363
30 Fabricação de outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores	X	8	11	12	28
31 Fabricação de móveis	882	925	978	889	839
32 Fabricação de produtos diversos	294	345	365	369	420
33 Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	265	356	384	447	419
G Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	33.605	35.195	36.877	38.375	38.295
45 Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas	5.539	5.961	6.082	6.164	6.274
46 Comércio por atacado, exceto veículos automotores e motocicletas	8.545	9.239	9.499	9.535	9.772
47 Comércio varejista	19.521	19.995	21.296	22.676	22.249

Fonte: IBGE Cadastro Central de Empresas

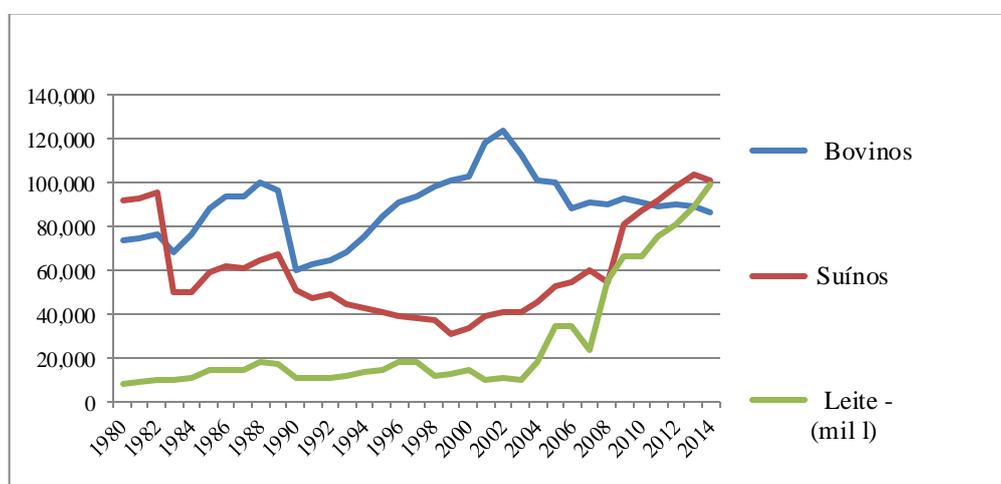
Os dados de pessoal ocupado dão um panorama dos efeitos multiplicadores, no ano de 1980 Cascavel tinha 41.389 pessoas ocupadas sendo 24.595 na agropecuária, já em 2014, conforme pode ser observado na tabela 17, possuía 122.470 pessoas destas 2.387 ocupadas na agropecuária. O crescimento das atividades urbanas é visível, o comércio e a indústria de transformação lideram este crescimento englobando respectivamente 31% e 18% do pessoal ocupado em 2014.

Considerando que o comércio e a indústria de transformação foram as que mais contribuíram para o crescimento e a atividade de agropecuária reduziu sua participação no número de pessoas ocupadas, corre-se o risco de uma análise que não leve em conta a importância do agronegócio, porém observando os dados e vendo que a indústria que mais se destaca é a alimentícia com 36% de participação, tendo a fabricação de veículos reboques e carrocerias com 11% e a indústria de máquinas e equipamentos com 8%, pode-se perceber a ligação destas atividades urbanas com a produção agropecuária. No comércio destaca-se o varejista com 58%, vindo a seguir o atacadista com 26% e o de reparação de veículos com 16% em 2014.

Buscado mostrar que as relações econômicas entre o rural e o urbano são fundamentais para entender a organização e produção do espaço, neste propósito, a produção e consumo da cidade e do campo não podem ser analisados de forma isolados, a produção agropecuária, contribui para o aquecimento da economia local absorvendo produtos e serviços em seu processo de produção, os empregos e as empresas criadas, alimentam o crescimento de outras atividades atraindo pessoas e investimentos. A agricultura nos moldes capitalistas, alicerçada pelo trabalho assalariado e exploração da mais valia, caracteriza-se pela especialização em todas as etapas da cadeia alterando a divisão do trabalho. O desenvolvimento do capitalismo nacional, acelerou e intensificou a produção de mercadorias, com sua entrada na agropecuária, elevando as taxas de lucro, a observação dos dados referente a este processo na região Oeste do Paraná mostra este crescimento assentado na base construída em décadas passadas, aqui relatado. A figura 11 mostra o desempenho de parte da pecuária cascavelense, considerando as oscilações da economia, de maneira geral ocorre crescimento na produção, além dos investimentos públicos e privados diretos do processo cabe observar que os custos com relação a alimentação dos animais e o aumento da demanda favoreceram esse crescimento, então os grãos de soja e milho que servem de base da ração animal contribuíram de maneira decisiva para o desenvolvimento da pecuária local. Os dados mostram variação na participação de Cascavel na produção da pecuária da região, o leite, por exemplo, oscila entre 3 e 15% no intervalo 1980 e 2014.

O frango, o suíno e o bovino apresentam curvas de crescimento e queda entre 1980 e 2014 e a participação de Cascavel se manteve entre 4% e 10% conforme a tabela 19. As oscilações refletem a conjuntura econômica do momento, a relação entre demanda, oferta, expectativa e demais condicionantes da formação de preço, associado aos investimentos e a utilização da capacidade de produção de modo geral houve um incremento na produção e produtividade com a especialização, os casos do leite e do frango são os mais significativos e podem ser observados na tabela 19, em 1980 se produzia 8.595 litros de leite já em 2014 98.962 litros, o rebanho de frangos era de 726.165 em 1980 passando 4.515.265 no ano de 2014.

Figura 11: Gráfico da produção de leite, suínos e bovinos em Cascavel



Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Instituto de Pesquisas Aplicadas – IPEA. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social - IPARDES Elaborado pelo autor.

Tabela 19: Produção agropecuária de Cascavel segundo anos selecionados e porcentagem referente ao Oeste

	1980		1990		2000		2010		2014	
	Q	%	Q	%	Q	%	Q	%	Q	%
Soja	271.278	12.74	199.456	13.66	180.211	9.25	297.939	8.85	383.318	10.79
Milho	183.200	15.36	71.750	7.57	86.040	7.86	122.926	3.68	376.285	8.58
Trigo	45.500	8.03	12.660	4.73	15.365	21.03	43.200	6.26	65.000	13.87
Leite	8.595	6.58	10.931	4.83	15.023	3.87	66.875	7.53	98.962	9.07
Bovino	74.271	10.36	59.935	6.13	102.877	8.47	91.088	7.84	86.477	7.40
Suíno	92.207	7.28	50.980	5.18	34.240	2.92	87.598	4.52	101.109	2.86
Frango	726.165	7.20	1.097.677	5.32	4.989.800	12.26	6.597.500	8.45	4.515.265	5.09

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Instituto de Pesquisas Aplicadas – IPEA. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social - IPARDES Elaborado pelo autor.

Este processo de concentração urbana capitaneado por Cascavel pode ser observado pelo crescente aumento na participação na arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) em 1995 correspondia a 35% do total arrecadado no Oeste em 2014 chegou a 47% (IPARDES), no mesmo sentido, como pode ser visto na tabela 20, a

População Econômica Ativa (PEA) urbana acumulou crescimento de 74.629 pessoas entre 1991 e 2010, representando 28% do crescimento da Região. O município concentra 23% da população total e 25% da população urbana oestina.

O desenvolvimento do Oeste Paranaense está intimamente ligado ao agronegócio brasileiro, a base econômica na agropecuária contribuiu para a migração e fixação de população nos centros urbanos, via incremento de empresas a montante e a jusante da produção, o capitalismo nacional articulado com o internacional entrou no campo e promoveu inovação nos processos de produção alavancando o crescimento econômico. Neste sentido, afirma Gonçalves, (2012, p.57): “A característica fundamental dos agronegócios e a de constituir o principal setor econômico de economias continentais, irradiando o processo de desenvolvimento para amplos espaços geográficos”.

Tabela 20: População econômica ativa (10 anos e mais)

Localidade	1991	Cresc.	% cresc.	2000	Cresc.	% cresc.	2010
Cascavel Urbana	78.502	36.961	47%	115.463	37.668	33%	153.131
Cascavel Rural	6.587	687	10%	7.274	960	13%	8.234
Oeste Paranaense Urbana	311.221	152.238	49%	463.459	107.847	23%	571.306
Oeste Paranaense Rural	113.004	-8.910	-8%	104.094	397	0%	104.491
Oeste Paranaense Total	424.225	143.332	34%	567.557	108.232	19%	675.789
Cascavel Total	85.089	37.648	44%	122.737	38.628	31%	161.365

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Instituto de Pesquisas Aplicadas – IPEA. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social - IPARDES Elaborado pelo autor.

A identificação da importância da agropecuária muitas vezes é dificultada pela forma que se estrutura a divisão da economia entre, indústria, agricultura e serviços e a separação entre setor primário, secundário e terciário. Esta separação prejudica uma visão mais ampla das economias capitalistas atuais com alto grau de integração (GONÇALVES, 2012). No entanto, Cascavel é um exemplo de lugar que se desenvolveu em função do agronegócio. Sendo um local de produção agropecuária inserido em uma economia continental, as agroindústrias e os agro serviços, se tornaram relevantes e as forças produtivas voltaram-se para a indústria de consumo confirmando o que Gonçalves escreveu:

O que se deve ter com clareza é que, em economias continentais, a multiplicação das forças produtivas especialmente capitalistas se dá num padrão de indústria de consumo, configurando na predominância da agroindústria. (GONÇALVES, 2012, p. 58)

A presença de agroindústrias na região é marcante, principalmente as cooperativas investiram na implantação delas para agregar valor na produção, em Cascavel os dados de movimentação de trabalhadores no Cadastro Geral de Empregos e Desempregos (CAGED) entre 2007 e 2014 apontam o abate e fabricação de produtos de carne como principal setor. A urbanização brasileira, demanda por produtos alimentícios, contribuindo para o aumento da produção destes, as inovações em processo buscam diminuir custos e aumentar a produtividade do trabalho, assim, a crescente safra de grãos da década de 1970 possibilitou investimentos em agroindústrias, em 1982 a Coopavel inaugurou sua fábrica de ração e indústria de esmagamento de soja, abrindo caminho para o desenvolvimento da pecuária local. Da mesma forma, a Comil, direcionou investimentos na indústria de secadores de grãos de olho no mercado regional e da nova fronteira agrícola brasileira. Pode-se citar também na década de 1980 a criação da Globoaves, atuando no ramo da avicultura produzindo ovos, pintainhos e industrializando carne de frango, a Scherer indústria de peças para plantadeiras, e a Carelli, indústria de peças para máquinas agrícolas. O desenvolvimento das forças produtivas, acima demonstrado criou condições para a instalação de frigoríficos, na década de 1990 a Coopavel inaugurou suas unidades de abate de suínos aves e bovinos.¹⁵

A cidade com 94% de índice de urbanização é resultado de uma sucessão de acontecimentos históricos em que a economia capitalista brasileira foi estimulada e o agronegócio como carro chefe da Região Oeste foi responsável por grande parcela deste desenvolvimento urbano, desde a década de 1970 a modernização da agricultura provocou êxodo rural e aumento da produção e produtividade, ao mesmo tempo, foi responsável por fixação da população na cidade via criação de serviços voltados ao campo.

No período em análise as agroindústrias vieram reforçar este processo aliado ao desenvolvimento da pecuária. Sempre pensando em uma visão integrada da economia, entendendo que a separação entre setor primário, secundário e terciário dificulta a visualização da importância da agropecuária neste processo, vale acrescentar que o desenvolvimento do comércio e serviços estão atrelados, pois as empresas destinadas a atender a demanda do agronegócio, seja na construção civil, criando uma infraestrutura para a comercialização, industrialização e circulação, ou no atendimento da demanda de moradias aos trabalhadores, no mesmo sentido o comércio no atacado e varejo cresce a reboque da agropecuária atendendo as demandas criadas por empresas e trabalhadores do setor.

¹⁵ Dados coletados nos sites oficiais das empresas e por meio de entrevistas.

Tabela 21: Total de desligados e admitidos segundo CNAE 2.0 grupo entre 2007 - 2014

CNAE 2.0 Grupo soma total de admitidos e desligados	Oeste	Cascavel	% Cascavel
Abate e Fabricação de Produtos de Carne	296.385	77.880	26%
Pecuária	51.732	19.520	38%
Fabricação de Outros Produtos Alimentícios	35.722	8.862	25%
Moagem, Fabricação de Produtos Amiláceos e de Alimentos para Animais	28.803	4.960	17%
Produção de Lavouras Temporárias	24.548	4.930	20%
Atividades de Apoio à Agricultura e à Pecuária	23.373	6.931	30%
Laticínios	22.456	2.270	10%
Fabricação de Tratores e de Máquinas e Equipamentos para a Agricultura e Pecuária	14.934	10.165	68%
Comércio Atacadista de Matérias-Primas Agrícolas e Animais Vivos	11.626	2.476	21%
Preservação do Pescado e Fabricação de Produtos do Pescado	7.780	278	4%
Desdobramento de Madeira	4.872	1.948	40%
Fabricação de óleos e Gorduras Vegetais e Animais	4.867	2.109	43%
Fabricação de Produtos Diversos de Papel, Cartolina, Papel-Cartão e Papelão Ondulado	2.182	1.849	85%
Fabricação de Conservas de Frutas, Legumes e Outros Vegetais	2.165	44	2%
Fabricação de Embalagens de Papel, Cartolina, Papel-Cartão e Papelão Ondulado	2.130	1.782	84%
Horticultura e Floricultura	1.873	739	39%
Fabricação de Bebidas Alcoólicas	1.610	379	24%
Produção de Sementes e Mudanças Certificadas	1.598	527	33%
Fabricação de Papel, Cartolina e Papel-Cartão	1.287	321	25%
Aqüicultura	1.237	414	33%
Produção Florestal - Florestas Plantadas	1.229	217	18%
Atividades Veterinárias	793	639	81%
Fabricação de Bebidas Não-Alcoólicas	754	279	37%
Produção de Lavouras Permanentes	535	108	20%
Atividades de Apoio à Produção Florestal	483	150	31%
Curtimento e Outras Preparações de Couro	466	47	10%
Torrefação e Moagem de Café	333	150	45%
Produção Florestal - Florestas Nativas	26	4	15%
Fabricação de Defensivos Agrícolas e Desinfestantes Domissanitários	24	12	50%
Total das atividades selecionadas	545.823	149.990	27%
Todas as atividades CNAE 2.0 grupo	3.367.821	1.205.149	
Porcentagem das selecionadas em relação a todas as atividades	16%	12%	

Fonte: MTE Ministério do Trabalho e Emprego, CAGED <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged.php>

Da mesma forma, Cascavel tem este desenvolvimento vinculado a economia regional, estadual, nacional e internacional, não podendo ser atribuído exclusivamente a dinâmica local ou crescimento urbano. No entanto, vale ressaltar que em levantamento no banco de dados do

Ministério do Trabalho, o CAGED mostra a importância do agronegócio no Oeste Paranaense, além do já citado acima, sobre o abate de e fabricação de produtos de carne, outras atividades foram selecionadas e organizadas na tabela 21 para melhor visualização.

Para elaboração da tabela 21, foi considerado os registros disponíveis no CAGED desde 2007 a 2014, as atividades selecionadas fazem parte da divisão setorial CNAE 2.0 grupo, o critério de seleção foi estar ligado diretamente ao agronegócio, no levantamento foi considerado a soma dos admitidos aos desligados e o total de movimentação. Como pode ser visto na tabela 21 a movimentação total das atividades selecionadas para Cascavel perfazem um total de 149.990 distribuídos entre admitidos e desligados entre 2007 e 2014, isso representa 12% da movimentação total de todas as atividades no município, na região 16% um número muito próximo. A concentração de algumas atividades em Cascavel a diferencia das demais cidades, o abate e fabricação de produtos de carne, embora seja a que mais movimenta 77.880, Cascavel representa 26%, na pecuária 38% da movimentação do Oeste ocorre em Cascavel, a fabricação de tratores máquinas e equipamentos para a agricultura 68%, 81% do movimento em atividades veterinárias, 50% das atividades da fabricação de defensivos agrícolas.

Buscando entender porque Cascavel cresceu e urbanizou, com mais intensidade que outras cidades este trabalho aponta a reestruturação produtiva do agronegócio brasileiro como agente principal neste processo, no entanto sempre lembrando que diversos fatores contribuíram e contribuem ainda para que esta cidade seja a mais importante da Região Oeste, alguns aspectos serão reforçados na sequência.

A reestruturação produtiva na agropecuária local ocorreu pela entrada de capital no processo. Este possibilitou o incremento de ciência e o desenvolvimento dos complexos agroindustriais. O uso de fertilizantes, máquinas, o melhoramento genético, impulsionou as indústrias a montante e a integração agricultura – indústria fortaleceu a indústria a jusante processadora de produtos rurais (DELGADO, 1996). A complexa rede de relações marcadas por fluxos de comunicação, circulação de produtos e serviços aproximam o campo da cidade e intensificam o processo de urbanização, pois a administração, a produção científica, a industrialização, o comércio e muitos outros agro serviços (GONÇALVES, 2005), são prestados na cidade e desta forma:

Um dos processos resultantes é o da aceleração da urbanização da sociedade e do território, com o aprofundamento da divisão social e territorial do trabalho com uma total remodelação da rede de cidades. As novas relações entre a cidade e o campo impostas pela agricultura científica representam um papel fundamental para a expansão da urbanização e para o crescimento das cidades, especialmente as locais

e as médias, fortalecendo-as, seja no Brasil como um todo, notadamente no Brasil com importantes áreas agrícolas, em termos demográficos, seja em termos econômicos. (ELIAS, 2006, P. 280-281)

O que vem acontecendo são as transformações nas forças produtivas a partir de investimentos públicos e privados, as relações econômicas estabelecidas provocaram as modificações espaciais pelo aprofundamento da divisão social e territorial do trabalho.

A modernização da agricultura brasileira, produziu reflexos na organização espacial da Região Oeste Paranaense, especialmente a partir da década de 1970, os investimentos públicos em infraestrutura de comercialização, transporte, nas pesquisas, o desenvolvimento de técnicas de produção e melhora na genética das sementes etc., aliado ao SNCR., proporcionaram novos investimentos, privados e aumento da produção e produtividade. A difusão de todo este processo promoveu o desenvolvimento dos setores secundários e terciários. No entanto, a esse respeito vale ressaltar, que não ocorreu em toda a região.

A agropecuária moderna abrangeu quase a totalidade dos espaços rurais da região. A indústria a montante cresceu em pontos estratégicos do território nacional e se difundiu com a instalação de revendas em pontos da rede de cidades. Formando uma teia de prestação de serviços voltados a produção primária. Cascavel desde a década de 1970 concentrou a comercialização e manutenção de máquinas e implementos agrícolas, pode-se citar empresas como a Giombelli que teve um crescimento enorme e a partir do final da década de 1990 perdeu espaço, mas tem outros exemplos a Camagril, a Dall'oglio, fundadas ainda entre 1970 e 1980, e atendem todo Oeste, podemos citar também a Plantar, maior revendedora de insumos para a agricultura e pecuária da cidade que atua desde 1970. Algumas indústrias se destacam na produção de máquinas peças e equipamentos, a Carelli, a Sherer, a Consilos e a Comil.

As agroindústrias por sua vez se concentraram em pontos da rede urbana nacional de acordo com a disponibilidade de matéria prima, mão de obra e mercado consumidor. Na região esta concentração ocorreu em algumas cidades o que explica em parte o crescimento de algumas cidades em detrimento de outras. Neste contexto, Cascavel foi beneficiada pelo capital humano que se formou durante a colonização e o desenvolvimento do ciclo da madeira. Outro fator considerável é a estrutura estatal montada na cidade para atender as demandas locais e regionais, a centralidade em relação a região potencializou os investimentos.

Tabela 22: Quadro das Principais empresas de Cascavel ligadas ao agronegócio, ramo de atuação e ano de criação

Empresa	Atuação	Ano de criação
Tozoagro	Comercialização e intermediação de sementes	1997
Terra Mate Ind. & Com. Ltda	Produção de erva -mate	1990
Granoeste	Comercialização no mercado físico e futuro	1986
Indústria Mate Laranjeiras	Industria d e erva-mate	1970
M. A. Máquinas	Vendas de máquinas agrícolas	1996
A Condor Agronegócios	Comercio e transporte de sementes e insumos	2000
Tomazelli	Venda e manutenção de máquinas	1996
Dal Molin Pneus Agrícolas Ltda na cidade de Cascavel	Venda e recuperação de pneus	1986
Metropolitana Tratores Ltda	Comercialização de máquinas novas e semi novas	1964 em SC 1974 no PR
Scherer Indústria de Implementos Agrícolas Ltda.	Indústria d peças para plantadeiras	1987
Globoaves	Várias empresas atuando na agricultura e pecuária	1985
Consilos	Indústria de silos	1982
Cooperativa Central Regional Iguaçu Ltda – Cotriguaçu,	Integra as cooperativas,	1975
Carelli & Cia.	Indústria metalúrgica de peças agrícolas	1980
Agrícola Dall'Oglio	Comércio de máquinas agrícolas	1972
Plantar	Comércio de produtos agropecuários	1978
Comil Silos e Secadores	Industria de Secadores e Silos	1957
Coopavel	Cooperativa agroindustrial	1970
Moinho Tradição	Industrialização de trigo	1991
Moinho Badotti (Moinho Régio S.A)	Industrialização de trigo	Não disponível

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dos sites das empresas e da ACIC Associação Comercial e Industrial de Cascavel

A combinação de fatores naturais, clima, vegetação, relevo, hidrografia, e solos, contribuíram para a fixação de população por ocasião da abertura da fronteira agrícola, mas toda a Região Oeste possui as mesmas características físicas, diferenciando algumas áreas de solos mais pedregosos e de inclinação abrupta que dificulta a mecanização.

A posição geográfica do município exerceu forte influência no crescimento econômico e desenvolvimento urbano, a centralidade beneficiou Cascavel que teve as principais vias de circulação terrestre cortando seu território, atraindo investimentos públicos e privados.

A colonização de toda a região possui traços comuns, a ação do Estado em conjunto com as colonizadoras, promovendo a venda de terras para imigrantes que estabeleciam-se em comunidades rurais formadas por pequenos proprietários de 20 hectares em média. Piaia (2013) afirma que Cascavel, por ter muitas terras devolutas e um papel restrito das

colonizadoras, caracterizava-se como uma área de fácil aquisição de terras e isso favoreceu seu crescimento.

O início da abertura da fronteira agrícola ocorreu com a exploração da madeira, a mão de obra alocada nesta atividade deu o primeiro impulso a urbanização da cidade, seja pela demanda de consumo gerada por trabalhadores que atuavam na extração, ou pelo forte setor de beneficiamento que empregava a mão de obra residente na área urbana. A especialização de algumas empresas (Comil) e profissionais, aliado a formação de capital local (Muffato, Scanagata), somado aos incentivos governamentais por ocasião da modernização da agricultura impulsionaram ainda mais o desenvolvimento econômico. No entanto, isso ocorreu em toda a região com variação de intensidade.

Assim, como a oferta de empregos atrai a população, a presença de farta mão de obra atrai investimentos (SINGER, 1998), isso ocorreu em Cascavel, os trabalhadores das indústrias madeireiras e os agricultores liberados do campo por ocasião da mudança na base técnica, formaram um contingente que foi aproveitado nas atividades urbanas, a indústria, o comércio e serviços foram impulsionados com a farta mão de obra.

O desenvolvimento das forças produtivas, possui um papel central no crescimento econômico e urbano de Cascavel, sem desconsiderar outros fatores aqui elencados ou deixados de lado, a presença de trabalhadores, a sua especialização e o aproveitamento dessa condição foi muito importante neste processo, aliado a isso o investimento na produção agropecuária (que vale para toda a região), o crescimento agroindustrial (seletivo em algumas cidades) e a oferta de agro serviços (em pontos específicos, concentrados em Cascavel) elevaram o Oeste Paranaense a condição de grande produtor de grãos, destacando-se também na pecuária, elegendo a cidade como a principal centralizadora de atividades urbanas correlatas ao agronegócio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação sócio-espacial do Oeste Paranaense, que a cidade de Cascavel está inserida, envolve uma sociedade marcada pelo processo de migração rumo a fronteira agrícola. A colonização proporcionou a ocupação inicial da terra em pequenas e médias propriedades rurais. Em um segundo momento (década de 1970), a Região passou por um intenso êxodo rural e modernização da agropecuária, o trabalho ganhou em produtividade, a nova base técnica intensificou a conversão da produção natural para produção mercantil. Composto a estrutura produtiva, a associação da sociedade e da natureza (primeira e segunda) a FSE sofreu alterações ao longo do tempo tendo como consequência a configuração espacial atual. O papel da terra e demais condições naturais foi importante, no entanto, a entrada do capital na produção agropecuária levou a industrialização do setor, produzindo alterações espaciais no campo e cidade.

A inserção da Região na DTT como fornecedora de produtos agropecuários demandou a estruturação de atividades urbanas direcionadas ao agronegócio, assim, acelerando a urbanização de alguns pontos da rede urbana regional. A urbanização da sociedade e da natureza é marcada pela transformação das forças produtivas no campo e na cidade. A DST foi intensificada pelo incremento de novas atividades e/ou profissões, a especialização do campo em alguns produtos e da cidade de Cascavel em agro serviços, simultaneamente ocorreu a estruturação de uma rede de comércio e serviços com fluxos e fixos ligando a região, fazendo uma ponte com o estadual e nacional.

No processo de DTT coube ao Oeste Paranaense o papel de fornecer produtos agropecuários. A colonização fez parte de políticas públicas iniciadas pós 1930, que visavam a industrialização do Brasil. A crise mundial do 3º Kondratieff (1920-1948), foi decisiva, pois o país voltou seus esforços para o desenvolvimento do mercado interno, criando infraestrutura e incentivando a substituição de importação. O desenvolvimento das forças produtivas e relações de produção fortaleceu a urbanização e ampliou o mercado de gêneros alimentícios e matéria prima para indústria (produzidos no campo).

A abertura de novas fronteiras agrícolas e a modernização da produção agropecuária se insere no conjunto de políticas públicas que o desenvolvimento do capitalismo nacional suscitou. O país passou por transformações, de agrário exportador, até as três primeiras décadas do século XX, à urbano industrial , em meados de 1960.

Na década de 1950 a expansão da economia mundial na fase “a” do 4º Kondratieff (1948-1973), a economia brasileira cresceu consideravelmente, recebeu as indústrias

montadoras de veículos e investiu em infraestrutura e na construção da nova capital Brasília, neste contexto, ocorreu a criação do município de Cascavel em 1951 tendo como principal atividade produtiva a extração de madeira.

A população urbana do Brasil cresceu e na década de 1960 ocorreu a inversão, passando a quantidade de cidadãos urbanos maior que os rurais, já na década seguinte o mesmo aconteceu com Cascavel e a base da economia passou por transformação com o enfraquecimento da madeira e fortalecimento da agropecuária. Ainda neste período a expansão da economia nacional, reflexo do que ficou conhecido como “o milagre brasileiro”, a produção de grãos no Oeste Paranaense foi ampliada, juntamente com a concentração de população urbana e ampliação de infraestrutura de moradia, transporte, comunicação e a instalação de serviços públicos para o atendimento das necessidades produtivas do setor agropecuário e de trabalhadores residentes nas cidades.

A urbanização de Cascavel não pode ser atribuída a um fator isolado, ou a um período específico, ao longo de sua história diversos fatores influenciaram para que no ano de 2015, 94% da população se concentrasse na área urbana.

A atividade de beneficiamento de madeira foi a primeira a contribuir para a fixação de população na cidade de Cascavel, o transporte industrialização e comercialização da produção já exigia a construção de infraestrutura para atender as necessidades das empresas e dos trabalhadores, vale ressaltar o exemplo da Comil, que nasceu para atender a demanda de manutenção de motores e serras das indústrias de madeira, isto vai até meados da década de 1960 quando a mudança na base técnica da agricultura começou a liberar trabalhadores do campo.

A década de 1970 é marcada pelo surgimento de várias empresas voltadas ao atendimento do agronegócio, cooperativas, revenda, conserto de máquinas e equipamentos, indústria de peças e equipamentos, comércio de insumos etc., isto coincide com a inversão da população.

Dos anos 1980 em diante ocorreu uma continuidade deste processo de urbanização, a produção agropecuária continuou sua trajetória ascendente, destacando-se na produção da pecuária de frango, leite e suínos, bem como a produção de grãos de soja e milho. No mesmo sentido, a cidade ampliou a oferta de atividades urbanas voltadas a agropecuária da Região, algumas empresas ampliaram seu mercado, atendendo até mesmo outros países.

Cascavel cresceu e se urbanizou mais que as demais cidades do Oeste Paranaense. Isto ocorreu, porque ao longo de sua história conseguiu reunir condições favoráveis para atrair mais investimentos públicos e privados que os demais municípios.

Durante a colonização a facilidade de aquisição nas terras foi importante, a grande quantidade de terras devolutas atraiu investimentos e pessoas, no entanto isto não é uma característica exclusiva deste município, assim como as condições naturais de clima, solo, relevo, vegetação e hidrografia.

A localização é um fator elencado por vários autores (ALVES, LIMA, RIPPEL, PIACENTI, 2007), a centralidade em relação a Região Oeste e a presença de eixos de ligação rodoviária. No entanto, as rodovias foram construídas em razão da valorização deste espaço enquanto fornecedor de produtos e serviços à região.

O desenvolvimento das forças produtivas, marcado pelo estabelecimento de uma agropecuária mercantil, a especialização de Cascavel em agro serviços e agroindústrias, proporcionou condições de crescimento populacional e urbanização.

O processo de urbanização de Cascavel, ocorreu de forma acelerada nos últimos 40 anos, e a população urbana aumentou de 34.950 habitantes em 1970 para 270.049 pessoas em 2010 (IBGE). O êxodo rural provocado pela modernização da agricultura foi a principal fonte de imigrantes. O campo liberou força de trabalho, visto que a produção foi mecanizada, a cidade, aproveitando sua posição geográfica, atraiu a população trabalhadora com oferta de terrenos e empregos nas indústrias e comércio, especializando-se na comercialização e oferta de serviços voltados ao agronegócio. Entre as décadas de 1940 e 1960, a forte imigração para o interior do Paraná, ocorreu em meio ao processo de industrialização brasileira, os reflexos da econômica mundial, as duas grandes guerras, a reconstrução da Europa. A substituição de importação promovida no Brasil veio alavancar o mercado interno, criando demanda por alimentos e matéria prima para as indústrias.

A formação do mercado consumidor interno no Brasil veio como resposta as crises mundiais do capitalismo, no terceiro ciclo (1920-1948) o início da colonização da Região Oeste e no quarto ciclo (1973- 1998) o crescimento da cidade de Cascavel e a consolidação da região como fornecedora de agropecuários, isso ajudou fomentar investimentos da iniciativa privada e do Estado. As crises mundiais inerentes aos ciclos econômicos de Kondratieff, atuaram como estímulo para a economia se voltar para dentro do país, isso refletiu em investimentos na Região Oeste do Paraná, impulsionando a abertura da fronteira agrícola e a estruturação dos CAIS, durante a colonização gerando a base econômica formada pela extração de madeira e posterior entrada da agropecuária mercantil baseada na produção de milho, soja, trigo, suíno, frango e leite bovino. Os complexos agroindustriais gestados e ampliados, criaram oportunidade de investimento nas cadeias produtivas da agricultura, e na pecuária, estruturando a produção nas propriedades rurais e surgindo uma série de

agroindústrias e agro serviços na cidade ampliando a atividades urbanas voltadas ao agronegócio. Assim, Cascavel urbanizou-se e se tornou pólo da rede urbana do Oeste, especializando-se em comércio serviços e indústrias voltados à agropecuária.

A modernização da agricultura, considerada conservadora, por não modificar a estrutura fundiária, provocando desemprego no campo e o êxodo rural. No entanto, na cidade, uma parte dos trabalhadores excedentes do campo, foram contratados nos setores industriais e comerciais vinculados ao agronegócio, pois, a cidade passou a fornecer uma série de serviços vinculados ao espaço rural. A divisão social do trabalho se aprofundou, durante este processo novas oportunidades de investimento surgiram gerando mais empregos e renda.

O papel do Estado no processo de modernização da agricultura e urbanização de Cascavel é perceptível através da criação de legislação, de investimento em infraestrutura, incentivo a criação de cooperativas e agroindústrias, além de desenvolvimento de pesquisas para melhorar o processo produtivo.

A agropecuária industrial tornou-se importante fonte de riqueza e renda na cidade e no campo do Oeste Paranaense, no entanto, a Região congrega as características necessárias a realização destas atividades, a sua formação sócio-espacial, os aspectos físicos como relevo, solo, clima e sua localização, que propiciam mão de obra e matéria prima para o desenvolvimento desta atividade econômica, provocando investimentos.

A relação entre o urbano e o rural no Brasil se tornou complexa, a urbanização brasileira gerou demanda de matéria prima para as indústrias de transformação impulsionando a produção agropecuária. A demanda de consumo do campo estimulou a indústria de insumos, maquinas e implementos agrícolas e gerou uma série de agro serviços na cidade, Cascavel polarizou grande parte destes agro serviços na Região Oeste do Paraná, isso aliado as agroindústrias fez a cidade crescer e urbanizar pelo incremento de atividades urbanas voltadas ao agronegócio. Assim a produção agropecuária, base da economia regional, se desenvolveu e atraiu investimentos no campo e na cidade, gerando excedente de mão de obra no campo pela sua mecanização e proporcionando a fixação de população na área urbana pelo incremento de atividades econômicas urbanas voltadas ao consumo produtivo do campo.

REFERÊNCIAS

- ABEF, Associação Brasileira do Produtores e Exportadores de Frango. Relatório anual 2000. Editor: Alberto Amaral Lyra Jr. São Paulo: 2001. Disponível em: <http://abpabr.com.br/files/publicacoes/1ee91c65c7752a5548bb5ca4c5af50b6.pdf> (acesso em 02-02-2016).
- ABEF, Associação Brasileira do Produtores e Exportadores de Frango. Relatório anual 2015. São Paulo: 2016. Disponível em: <http://abpabr.com.br/files/publicacoes/c59411a243d6dab1da8e605be58348ac.pdf> (acesso em 02-02-2016).
- ABEF, Associação Brasileira do Produtores e Exportadores de Frango. Relatório anual 2007/2008. Edição: Nélio lima. Brasília: Plá comunicação Ltda., 2008. Disponível em: <http://abpa-br.com.br/files/publicacoes/1dae07eab061c11e7985bf2c61870866.pdf> (acesso em 02-02-2016).
- ADAMY, Irene Spies. **Formação e organização política da classe dominante agrária: a Sociedade Rural do Oeste do Paraná.** Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, 2010.
- ALVES, Flamarion Dutra. **A relação campo-cidade na Geografia brasileira: apontamentos teóricos a partir de periódicos científicos.** Geografia Ensino & Pesquisa, Santa Maria: vol. 16, n. 3, set./ dez., 2012.
- ALVES, Lucir Reinaldo. LIMA, Jandir Ferreira. RIPPEL, Ricardo. PIACENTI, Carlos Alberto. **O continuum, localização do emprego e a configuração espacial do oeste do Paraná.** Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada, Juiz de Fora: Vol. 2 Nº.2 páginas 25-44 – Jan./ Jun., 2007.
- AVISITE, A Revista do. **Produção animal avicultura.** Nº54 anoV. Outubro, Mundo agro, 2011. Disponível em: http://www.avisite.com.br/revista/pdfs/revista_edicao54.pdf (acesso em 02-07-2016).
- BASTOS, José Messias. CASARIL, Carlos Casemiro. **A formação sócio-espacial como categoria de análise aos estudos sobre rede urbana: ampliando a discussão teórica** Florianópolis: Geosul, v. 31, n. 62, p 271-298, jul./ago., 2016.
- BELUSSO, Diane. **A integração de agricultores às cooperativas agrícolas abatedoras de frangos no Oeste do Paraná.** Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente: 2010.
- BNDES, Banco Nacional de Desenvolvimento Social. **Relato setorial avicultura.** 1995. Disponível em: http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/relato/rsfrango.pdf (acesso em 08-04-2016).
- BOREK, Joani. Entrevista concedida a Cirineu Ribeiro dos Reis, Cascavel, registrada em áudio, dia 22 de junho de 2016.

BROCARDO, Daniele. **A historiografia recente sobre Cascavel/PR: identidades e a ação das madeiras.** Oficina do Historiador, Porto Alegre: p. 984 – 1004. 2014. In: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador/article/view/19083/12142> (acesso em (05-02-2016).

CASCAVEL, **Perfil do Município.** Prefeitura Municipal de Cascavel. Cascavel, 2015. Disponível em <://www.cascavel.pr.gov.br/secretarias/seplan/pagina.php?id=202>(acesso em: 14 junho de 2015).

CNT, Confederação Nacional de Transporte. **Anuário CNT do transporte – estatísticas consolidadas 2016.– 2ª tiragem. – Brasília: CNT, 2016.** Disponível em:<http://anuariodotransporte.cnt.org.br/>(acesso em 04-09-2016).

CNT, Confederação Nacional de Transporte. **Sondagem CNT de eficiência energética no transporte rodoviário de cargas. – Brasília: CNT, 2015.** Disponível em:<http://www.cnt.org.br/Estudo/sondagem-eficiencia-energetica> (acesso em 04-09-2016).

COLLA, Crislaine. RIPPEL, Ricardo LIMA, Jandir Ferreira. ALVES, Lucir Reinaldo. **Reestruturação Da Distribuição Populacional E Econômica Do Oeste Do Paraná, Rebatimentos Empregatícios E Migratórios.** Informe Gepec, Toledo: v. 15, número especial, p. 203-221, 2011.

COLODEL, José Augusto. **Obrages& companhias Colonizadoras: Santa Helena na história do oeste paranaense até 1960.** Cascavel: Assoeste, 1988.

CONAB Companhia Nacional de Abastecimento. **Receita bruta dos produtores rurais brasileiros / responsável técnico Alessandro Lúcio Marques – v. 7 – Brasília : Conab, 2016** Disponível em: <http://www.conab.gov.br> (acesso em 02-08-2016).

COOPAVEL, Cooperativa Agropecuária de Cascavel. **Coopavel completa 45 anos.** Revista Coopavel, Ed.401. Dezembro. Cascavel: 2015. Disponível em: http://www.coopavel.com.br/wpcontent/uploads/2016/02/Revista_Coopavel_Ed401V2_Site.pdf(acesso em 02-06-2016).

CORRÊA, Roberto Lobato. **A Rede Urbana.** São Paulo: Ática, 1989.

DELGADO, Guilherme Costa. Capital e política agrária no Brasil: 1930 – 1980. In: SZMRECSÁNYI, Tamás& SUZIGAN Wilson. **História econômica do Brasil Contemporâneo.** 2. Ed. Hucitec/ Associação Brasileira de pesquisadores em História Econômica. São Paulo: 2002.

DELGADO, Guilherme Costa. **Capital financeiro e agricultura no Brasil.** São Paulo: UNICAMP, 1985.

ELIAS, D. S. PEQUENO, L. R. B. **Desigualdades sócio-espaciais nas cidades do agronegócio.** Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v. 9, n. 1, p. 25-39, mai. Rio de Janeiro: 2007.

ELIAS, Denise. **Globalização e Agricultura: A Região de Ribeirão Preto – SP.** São Paulo: Editora da USP, 2003.

EMER, Ivo Oss. **Desenvolvimento histórico do oeste do Paraná e a construção da Escola**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991.

FARIAS, Fernando Rodrigo. **A dinâmica geoeconômica do cooperativismo agropecuário do Sul do Brasil**. Tese (doutorado). Florianópolis: UFSC., 2015.

FIGUEIREDO, Adma Hamam. **Crédito Rural e Mudança tecnológica no Oeste do Paraná**. Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Geografia, IBGE. v. 54, n. 2, p. 1 - 120, abr./jun. 1992. http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg_1992_v54_n2.pdf (acesso em 02-02-2016).

FRESCA, Tânia Maria. **A rede urbana do norte do Paraná**. Londrina: Eduel, 2004.

FRESCA, Tânia Maria. **Rede urbana e divisão territorial do trabalho**. Londrina: Geografia (Londrina) v, 19 n. 2, 2010. Disponível em : <https://www.google.com.br/url?sa=t&rc=tj&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0CB0QFjAAahUKewiInYH4i53JAhWEIZAKHUvDr4&url=http%3A%2F%2Fwww.uel.br%2Frevistas%2Fuef%2Findex.php%2Fgeografia%2Farticle%2Fview%2F6926&usg=AFQjCNEyRTAqagZYEWp2rPYL1eznVgEHRQ&sig2=YCN0pZzoJkEC6WIheXcKJg> (Acesso em 02- 08- 2016).

GONÇALVES, José Sidnei. **Agronegócios: Desenvolvimento e Territorialidades em Economias Continentais**. Florianópolis: Geografia econômica, julho, 2012.

GONÇALVES, José Sidnei. **Agricultura Sob a Égide do Capital Financeiro: passo rumo ao aprofundamento do desenvolvimento dos agronegócios**. São Paulo: Informações Econômicas, v.35, n.4, abr. 2005.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Regiões de influência das cidades 2007**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. http://www.mma.gov.br/estruturas/PZEE/_arquivos/regic_28.pdf (acesso em 06-02-2016).

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística Censos Agropecuários – disponível em: www.sidra.ibge.gov.br. (acesso em 02-02-2016).

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Censos Populacionais – disponível em: www.sidra.ibge.gov.br. (acesso em 06-02-2016).

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Produção Agrícola Municipal e Produção Pecuária Municipal – disponível em www.sidra.ibge.gov.br. (acesso em 08-02-2016).

IPARDES. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e social. Base de dados do estado <http://www.ipardes.pr.gov.br/imp/index.php> (acesso em 10-02-2016).

LAVALLE, Aínda Mansani. **A madeira na economia paranaense**. Curitiba: Ed. Grafipar, 1981.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução Urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MALDANER, I. S.; LIMA, J. F.; GRECO, S. C. B. **A estrutura urbana no Oeste do Paraná**. R. RA'E GA, Curitiba: Editora UFPR. n. 14, p. 7-18,2007.

MAMIGONIAN, A. **Ciclos Econômicos e Organização do Espaço** In: Estudos de Geografia Econômica e de Pensamento Geográfico. São Paulo: Livre Docência: FFLCH-USP, 2005.

MARIANO, Maicon. **A capital do oeste: um estudo das transformações e (re) significações da ocupação urbana em Cascavel – PR (1976 – 2010)**. Dissertação curso de história Florianópolis: UDESC, 2012.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. 2ª Ed. . São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã – Primeiro Capítulo – Fonte Digital**. 1999.

MARX, Karl. **Formações econômicas pré-capitalistas**. Trad. João Maia. 4ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

MEDEIROS, Marlon Clóvis. **A geografia do consumo de alimentos e a dinâmica do setor agroalimentar**. Florianópolis: Cadernos Geográficos UFSC, nº23, 2010.

MEDEIROS, Marlon Clóvis. **Industrialização e agricultura: o complexo agroindustrial do arroz de Santa Catarina**. Cascavel: Edunioeste, 2006.

MEDEIROS, Marlon Clóvis. Sampaio, Fernando dos Santos. **A divisão social do trabalho como elemento central do entendimento do urbano e do rural**. In: ARAUJO JÚNIOR, A. M. e FERRETI, O. Geografia e ensino: abordagens conceituais e temáticas. São Paulo: All Print Editora, P. 171 -193.,2011.

Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). Disponível em Ministério do Trabalho e Emprego. RAIS (Relação Anual de Informações Sociais) e CAGED (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados). Disponível em <http://portal.mte.gov.br/portal-pdet/home/>. (acesso em 02-02-2016).

MOURA, Rosa. **Paraná: meio século de urbanização** RA'E GA, Curitiba: Editora UFPR. n. 8, p. 33-44, 2004.

OLIVEIRA, José Orlei. Entrevista concedida a Cirineu Ribeiro do Reis, Cascavel, registrada em áudio no dia 24 de maio de 2016.

OLIVEIRA, Dennison de. **Urbanização e industrialização no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001.

PADIS, Pedro Calil. **Formação de uma economia periférica: o caso paranaense**. 2.ed. Curitiba: IPARDES,2006.

- PIAIA, Vander. **Terra sangue e ambição a gênese de Cascavel**. Cascavel: Edunioeste, 2013.
- PIERUCCINI, Mariângela Alice. **O processo de constituição do complexo agroindustrial na região Oeste do Paraná**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Economia. Universidade Estadual de Maringá, 1998.
- PIERUCCINI, Mariângela Alice, TSCHÁ, Olga da Conceição e IWAKE, Shiguero. **Criação dos municípios e processos emancipatórios**. In: Estratégias de Desenvolvimento Regional. Região Oeste do Paraná. Organização de Alfredo Fonceca Peris. Cascavel: Edunioeste, 2003.
- PIERUCCINI, Mariângela Alice. MORO, Dalton Áureo. **A participação das políticas de incentivo à agroindustrialização da Região Oeste do Paraná Maringá** In: Boletim de Geografia 83(2000). Maringá: Universidade Estadual de Maringá UEM, 2000. <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/view/12060/7294> (acesso em 01-02-2016).
- PRADO JR., Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense S.A., 1981.
- RAMOS, Pedro. **Referencial teórico e analítico sobre a agropecuária brasileira**. In: Dimensões do agronegócio brasileiro : políticas, instituições e perspectivas / Pedro Ramos ... [et al.]. Brasília: MDA., 2007.
- RANGEL, Ignácio. **Economia: milagre e anti-milagre**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1985.
- RANGEL, Ignácio. **Questão agrária, industrialização e crise urbano no Brasil**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- REOLON, C. A. **Colonização e urbanização da Mesorregião Oeste do Paraná...** R. RA'E GA, Curitiba: Editora UFPR. n. 13, p. 49-57, 2007.
- RIPPEL, Ricardo. **Migração e desenvolvimento econômico no Oeste do Estado do Paraná: uma análise de 1950 a 2000**. Tese de Doutorado em demografia. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. [s. n.], 2005.
- ROESSING, Antonio Carlos. LAZZAROTTO, Joelsio José. **Criação de empregos pelo complexo agroindustrial da soja**. Londrina: Embrapa Soja, 2004.
- SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. 1. ed. São Paulo: Hucitec. 1993.
- SANTOS, Milton. **Sociedade e Espaço: A Formação Social como Teoria e como método**. In: Boletim Paulista de Geografia nº 54 junho 1977. São Paulo: AGB-SP, 1977.
- SINGER, Paul. **Economia política da urbanização**. 14ª ed. São Paulo: Contexto. 1998.
- SILVESTRO, Anderson. **Contribuições ao desenvolvimento da avicultura na Região Oeste do Paraná – um estudo de caso da empresa Globoaves: 1995 – 2004**. Monografia: curso de Ciências Econômicas Campus Cascavel. UNIOESTE. Cascavel: 2005.

SOUZA, Mariângela Alice Pieruccini. CORRÊA, Walquíria Krüger. GARCIA, Luís Alberto Ferreira Garcia. **Urbanidades e ruralidades: uma nota sobre o município de Cascavel no Paraná.** VII Seminário de Ciências Sociais Aplicadas Campus Cascavel. UNIOESTE Cascavel:2008. Disponível em: <http://www.unioeste.br/campi/cascavel/ccsa/VIIseminario/economia/artigo37.pdf> (acesso em 02-02-2016).

SOUZA, Mariângela Alice Pieruccini. CORRÊA, Walquíria Krüger. **Modernização da agricultura e a constituição de territorialidades rurais no município de Cascavel - PR.** XIX ENGA. São Paulo: 2009. Disponível em:http://www.geografia.fflch.usp.br/inferior/laboratorios/agraria/Anais%20XIXENGA/artigos/Souza_MAP.pdf (acesso em 02-02-2016).

SOUZA, Mariângela Alice Pieruccini. CORRÊA, Walquíria Krüger. **As expressões do Agronegócio no município de Cascavel – PR no período 2000 -2006: uma discussão sobre as territorialidades rurais.** Santa Maria: 2007. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/gpet/engrup/iiiengrup/12.pdf> (acesso em 02-02-2016).

SPERANÇA, Alceu SPERANÇA, Carlos. **Pequena história de cascavel e do oeste.** Diretório acadêmico Cascavel: “FECIVEL”, 1980.

SZMRECSÁNYI, Tamás & RAMOS, Pedro. **O papel das políticas governamentais na modernização da agricultura brasileira.** In: SZMRECSÁNYI, Tamás & SUZIGAN Wilson. História econômica do Brasil Contemporâneo. Associação Brasileira de pesquisadores em História Econômica. 2. Ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

TRINTIN, Jaime Graciano. **A economia Paranaense: 1985-1998.** Tese (Doutorado) UNICAMP. Campinas: 2001.

WACHOWICZ, Ruy C. **História do Paraná.** Curitiba: Imprensa Oficial, 2002.

WACHOWICZ, Ruy Christovan. **História do Paraná.** 7. ed. Curitiba: Editora Gráfica Vicentina Ltda.1995.